

III CONGRESSO BIENAL DA ASSOCIAÇÃO LATINA DE

FILOSOFIA DO ESPORTE

9 A 12 DE MAIO - 2018

LOCAL: ESCOLA DE
EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE - USP

+INFO: WWW.EEFE.USP.BR/ALFID

Caderno de Resumos

Universidade de São Paulo
Escola de Educação Física e Esporte
São Paulo – Brasil



Prezadas e prezados leitores,

Este volume contém os resumos dos trabalhos apresentados no III Congresso Bienal da Associação Latina de Filosofia do Esporte, realizado de 09 a 12 de maio de 2018 na Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo – Brasil.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura, o estímulo para a reflexão e a ocasião para frutíferas discussões.

SUMÁRIO
(em ordem alfabética de sobrenome)

Gestualidade e in-corporação instrumental: o violeiro e os sportistas

Alves da Silva, Ronnie de Almeida; Saura, Soraia Chung

As possíveis influências de Benjamin Franklin na formação de um ethos pré-esportivo

Amstel, Narayana Astra van; Sonoda, Ricardo & Silva, Marcelo Moraes e

A Agenda Olímpica 2020 como instrumento na promoção do desenvolvimento sustentável no seio do movimento olímpico e segundo perspectivas da filosofia do esporte

Araujo, Carla Rocha; Gama, Dirceu Ribeiro Nogueira da; DaCosta, Lamartine Pereira

Jogos cooperativos como ferramenta pedagógica em busca da socialização das crianças nascidas na era tecnológica

Araujo, Cristiano dos Santos & Crepaldi, Roselene

Mulheres que dançam: histórias do ventre

Baptista, Thais da Silva; Zimmermann, Ana

Qual a essência da luta corporal e das artes marciais? Uma resposta pela fenomenologia clássica

Barreira, Cristiano

Corporeidades em evidência: o Síndrome de Down nas olimpíadas especiais Brasil

Belo, Ana Zélia Alves Vieira & Nóbrega, Terezinha Petrucia da

Esboço de uma crítica imanente ao esporte de alto rendimento

Bracht, Valter

Aprender futebol jogando na rua: reflexões a partir da corporeidade

Campos, Marcus Vinícius Simões de; Scaglia, Alcides José; Moreira, Wagner Wey & Roble, Odilon José

Corporeidade e ginástica para todos

Carbinatto, Michelle Viviane

Corpo e artes marciais: o Wushu – do tardio ao moderno, de ascese dinástica e marcial à prática esportiva

Carneiro Jr., Sérgio & Martins, Carlos José

Discriminación en el deporte de competición. tipos y criterios de justificación

Carrio Sampedro, Alberto

O valor dos valores: o esporte como contexto para uma reflexão ético-estética

Castro e Silva, Fidel Machado & Roble, Odilon José

Jogos tradicionais: uma aproximação existencialista

Cobra Silva, Daniel

Educação estética nas aulas de educação física do ensino médio: uma pesquisa com alunos do CEFET/RJ

Coelho, Rebeca Cardozo

A ficção do mundo real: as utopias tecnológicas dos super-heróis e sua materialização no corpo dos atletas de alto rendimento

Corrêa, Cahuane & Silva, Marcelo Moraes e

O declínio esportivo grego

Correia, Renan Felipe; Campos, Marcus Vinícius Simões de & Roble, Odilon José

Novas fronteiras e significados da filosofia do esporte a partir do pensamento ecológico: a posição central da resiliência

*DaCosta, Lamartine Pereira; Araújo, Carla Rocha & Gama, Dirceu Ribeiro
Nogueira da*

Educação física escolar e a sociologia: corroborando com o projeto centro de treinamento revelando

Dos Santos, Narciso Mauricio

Judô: o caminho e a travessia

Drezza, Amanda Costa

El fair play y la ética en el deporte práctica y deporte espectáculo

Dueñas, Mafaldo Maza

Aprender virtudes a través del ejercicio físico, el juego y la práctica del deporte

Dueñas, Mafaldo Maza

El fútbol y sus demonios. acerca de la posverdad y la ciencia deportiva en los umbrales de Rusia 2018

Ducart, Marcelo Fabián

Transdisciplinaridade e motricidade humana: implicações para a educação/educação física

Feres Neto, Alfredo

Explorando a história do esporte olímpico brasileiro pelas memórias das atletas negras

Ferreira Junior, Neilton

O rugby em santa catarina: primeiro e segundo sexo

Freitas, Alice Francisco; Silva, Carolina Fernandes da Silva

Ciberesportes e ciberatletas: considerações com base na abordagem pragmática da linguagem de Wittgenstein

Gama, Paula Dirceu Ribeiro Nogueira da Gama; Araújo, Carla Rocha; Costa, Lamartine Pereira Da

A diversidade epistemológica da subárea sociocultural na pós graduação stricto sensu em Educação Física no Brasil

*Gomes, Leonardo do Couto; Moraes, Letícia Cristina Lima; Silva, Marcelo
Moraes e*

Diálogos entre bachelard noturno e a vela esportiva

Hackerott, Maria Altimira

O esporte de orientação: um olhar para a prática em meio a “natureza”

Hercules, Emilia Devantel; Picetskei, Caroline Costa & Cavicchioli, Fernando Renato

A percepção do cume das montanhas: um olhar pela fenomenologia de merleau-ponty

Ito, Eric Sioji & Hipólito, Leonardo

Uma análise deleuzo-guattariana do ‘Smart Moves’ – um programa de atividade física nas escolas secundárias do estado de queensland, austrália

Knijnik, Jorge

A estética da dor: o fascínio pelo sofrimento no ciclismo de estrada no contexto do tour de france

Lessa, Priscila Requião & Silva, Marcelo Moraes e

Os corpos do *tour de france*: a beleza dos corredores de bicicleta: apontamentos sobre a estética, corpo e esporte

Lessa, Priscila Requião & Silva, Marcelo Moraes e

A produção científica sobre ginástica rítmica na América Latina, Caribe e países Ibero-americanos: um olhar através de periódicos

Moraes, Leticia Cristina Lima; Gomes, Leonardo do Couto & Silva, Marcelo Moraes e

O corpo em movimento e transformação: a autopoiese e a corporeidade

Link, Annelise; Farias, Paulo Henrique Anselmo & Goulart, Renata Ramos

Níveis de colaboração entre a filosofia e as artes marciais

Luz, Alexandre Meyer

A hermenêutica como proposta metodológica para a análise dos jogos eletrônicos e e-sports

Machado, Raoni Perrucci Toledo

O corpo no mundo: um olhar a partir da fenomenologia

Marcondes, Ianamary Monteiro & Souza, Bárbara Davalos de

Skate, ladeiras e brothers: novas formas de convivência entre jovens na cidade

Marsola, Mario Alberto Bergo & Zimmermann, Ana

Entre gregos e nipônicos: ressonâncias entre tradições de exercícios espirituais e corporais

Martins, Carlos José

O “sport for all”: uma perspectiva sob a ótica de henning eichberg e sua correlação com modelos de gestão do esporte

Melher, Luciana Itapema Alves

Estudantes vamos passear no parque urbano: vivenciando o lazer por uma perspectiva filosófica

Mello, Endrigo Silva & Pacheco, Reinaldo Tadeu Boscolo

Linguagem e pensamento no ato de nadar

Messa, Fábio De Carvalho

A influência da prática do skate na formação do cidadão

Moraes, Leonardo de Souza & Dos Santos, Narciso Mauricio

Uma busca pela estética do desporto nos documentos internacionais norteadores do desporto

Mocarzel, Rafael Carvalho da Silva & Lacerda, Teresa

A metafísica olímpica: um diálogo entre a natureza humana, a construção social da cultura e o esporte

Mota, Francisco Marchiori da & Ferreira, Caio Henrique Caldato

Itinerários do corpo em autoformação: expressão e criação de si

Muglia-Rodrigues, Barbara & Saura, Soraia Chung

Educación física como tecnologia política de los cuerpos: gubernamentalidad biopolítica en brasil y colômbia

Muñoz, Jorge Andrés Jiménez & Martins, Carlos José Martins

Reflexões acerca da ética no doping esportivo

Oliveira, Jonathan Rocha de

Prática versus reflexão: a filosofia das artes marciais japonesas

Oliveira, Marcelo Alberto de & Zimmermann, Ana

(DES)Educação Física e a constituição de corpos inibidos

Paiva, Rodrigo da Silva & Rossetto Junior, Adriano José

A experiência do corpo através da fenomenologia merleau-pontyana

Pereira, Arliene Stephanie Menezes & Gomes, Daniel Pinto

Epistemologia Sul-Corpórea: novos aportes epistêmicos em Educação Física

Pereira, Arliene Stephanie Menezes; Gomes, Daniel Pinto; Pessoa, Kaline Lígia Estevam de Carvalho; Silva, Fernanda de Oliveira

A filosofia na formação em Educação Física

Pereira, Dimitri Wuo

Cultura e esporte: tradição, hábito e costume

Pereira, Dimitri Wuo & Paiva, Rodrigo

Escalada: perspectivas na pós modernidade

Pereira, Dimitri Wuo & Ito, Eric

Das carreiras de cancha reta ao turfe: um processo civilizador no pampa brasileiro

Pereira, Ester Liberato; Janice Zarpellon Mazo

Abordagem rizomática para (des)organizar a pedagogia das lutas

Pereira, Álex Sousa & Reis, Fábio Pinto Gonçalves dos

Herói e anti-herói: uma reflexão ética e estética do esporte

Perez, Carlos Rey

Whistleblowing y la lucha contra la corrupción en el deporte

Pérez Triviño, José Luis

Os fascínios esportivos de hans ulrich gumbrecht e aproximações com os esportes militares

Picetskei, Caroline Costa; Hercules, Emilia Devantel & Cavicchioli, Fernando Renato

Piscinas públicas e o direito à cidade no município de São Paulo

Silva, Daniele Ribeiro da

Alterações, mutações e resistências do esporte, como será o esporte no decorrer do século XXI?

Rossetto Junior, Adriano José

Futebol em deslocamento

*Rosa Filho, Sílvio; Marcondes, Luiz Fernando Aleixo; Biscaro, Leonardo
Carvalho & Grillo Filho, Cláudio*

O regime diurno e o imaginário heroico do esporte em Gilbert Durant

Rubio, Katia

Notas fenomenológicas sobre o corpo em movimento no taekwondo

*Sobral, Jullya Bheatriz Dantas da Costa; Silva, Luiz Arthur Nunes da;
Nobrega, Terezinha Petrucia da*

Relações de gênero: construindo novos hábitos no ambiente escolar

Souza, Bárbara Davalos de & Marcondes, Ianamary Monteiro

Se-movimentar: aproximações entre Espinosa, Merleau-Ponty e Epicuro em uma perspectiva complexa da educação física escolar

Souza, Maurício Teodoro de

Diálogos entre a ludicidade e a estética: reflexões introdutórias no campo das experiências com a educação física escolar

Souza Junior, Antonio Fernandes de

¿Qué es el deporte? Un abordaje filosófico

Turiace, Belén Dolores Turiace

Mitos diretores no esporte olímpico

Veloso, Rafael Campos

Erga-se! uma experiência emocional de treinos coletivos em praças públicas

Vendrametto, Ligia Helena & Lopes, Marina França

Conversas sobre morte e dança: os fios tramados por Thanatos e Terpsícore

Viana, Ana Cláudia Albano & Nóbrega, Terezinha Petrúcia da

Relação entre técnica e criação no ensino de lutas

Vieira, Rubens Antonio Gurgel

GESTUALIDADE E IN-CORPORAÇÃO INSTRUMENTAL: O VIOLEIRO E OS ESPORTISTAS

Alves da Silva, Ronnie de Almeida – ronnie. Silva@usp.br
Faculdade de Educação /FEUSP
Saura, Soraia Chung
Escola de Educação Física e Esporte /EEFEUSP

A utilização dos instrumentos nas práticas de esporte e lazer e a capacidade de corporificação destes instrumentos de forma a torná-los partes de si é uma característica dos homens. Assim como as velas náuticas, pranchas de surf, skates, bikes, parapentes, asas deltas, entre tantos outros aparatos esportivos, a viola - instrumento musical tradicional brasileiro - é também meio materializador das Imagens poéticas. Temos visto que as imagens poéticas bachelardianas mobilizam desejos, perseguem o maravilhoso, o belo, o sublime, o drama e a vida emocional, encontrando formas de se fazerem presentes mediante a determinadas ressonâncias. (SAURA 2016, p 101) Deste modo, este trabalho pretende refletir sobre a gestualidade do violeiro, relacionando-a aos gestos dos esportistas, compreendendo deste modo como os aparatos artísticos e esportivos funcionam como prolongamentos dos corpos de seus praticantes. Além disso, pretende refletir sobre a perpetuação tradicional dos conhecimentos corporais por meio da repetição pessoal e significativa de movimentos, tendo como ponto de interlocução os autores Bachelard (1993), Deleuze (1998), Gumbrecht (2007), Saura (2014, 2016) e Zimmermann (2014). Esta pesquisa qualitativa considera como principais vias metodológicas a pesquisa de referencial teórico sobre esportes e instrumentos bem como as observações *in loco* de uma das principais manifestações lúdico-folclóricas ligadas a viola caipira: a Folia de Reis. Conta também com observações realizadas pelo pesquisador em aulas e oficinas. As entrevistas semiestruturadas, são inspiradas na abordagem antropológica e realizadas com professores e pesquisadores. As análises relacionam referencial teórico com as recorrências nas falas dos sujeitos entrevistados e observados. Consideram-se as recorrências como as principais bases da materialização das imagens poéticas. Mediante a ressonâncias de provocações ambientais e sensoriais, como música e esportes, as recorrências manifestam-se em diferentes situações, sendo modeladas e produzidas por diferentes corpos. Percebeu-se que os gestos de aprendizes e simpatizantes nos esportes e nas manifestações tradicionais não são repetições de movimentos esvaziados de sentido. Há algo subjetivo, profundo e regenerador manifestado na espontaneidade corporal. O sonho de deslizar nas superfícies das águas como seres aquáticos ou no ar como os pássaros; ou ainda, de viajar por lugares nunca antes visitados, podem ser materializados por meio dos instrumentos, sejam esportivos ou musicais. Ao tanger as cordas da viola, ressoando o corpo, o aço e a madeira, as imagens materializam-se para o participante. Os violeiros, assim como os esportistas, desenvolvem uma gestualidade característica que está menos fundamentada na imitação mecânica ou instrumentalizada e mais na inferência das imagens poéticas. Essa gestualidade relaciona-se com o próprio ser, com o ato de viver e conviver, com a incorporação de determinadas experiências inerentes ao humano. Está ligada ao ser algo e, por essa razão, não é “de fora”, mas “de dentro”. Para expressar-se musicalmente os dedos desejam as cordas da viola, ao passo que para a realização de manobras nas ondas, os pés desejam as pranchas.

Palavras-Chave: Gestualidade; Fenomenologia da Imagem; Viola Caipira; Esporte; Imaginário.

Referências

BACHELARD, G. A poética do espaço. 1 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

DELEUZE, G. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 1998.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAURA, S C. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, n.29, p.19-27, 2014.

_____. Sobre bois e bolas. In: SAURA, S.C e ZIMMERMANN, A.C (Org.). Jogos Tradicionais. 1 Ed. São Paulo: Editora Laços, 2014. p. 165-188.

_____. O Cinema, o Corpo e as Imagens Poéticas: Esse Projeto é de Lazer. In:

SAURA, Soraia C; ZIMMERMANN, Ana C.. (Org.). Cinema e Corpo. 1ed. São Paulo: Selo Pirata, 2016, v. 1, p. 95-115.

AS POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS DE BENJAMIN FRANKLIN NA FORMAÇÃO DE UM ETHOS PRÉ-ESPORTIVO

Amstel, Narayana Astra van – narayana.astra@gmail.com
Silva, Marcelo Moraes e
Universidade Federal do Paraná

A presença de Benjamin Franklin na construção do imaginário estadunidense evidencia-se pela ampla popularidade que seus escritos gozaram na época, bem como nos séculos posteriores. Suas contribuições para a ciência e política costumam ser as mais lembradas, embora Franklin tenha escrito acerca de diferentes assuntos. É possível que a filosofia pragmática de Franklin, expressa essencialmente em textos como o *Almanaque do Pobre Ricardo*, tenham dado bases para o modo de vida americano em diferentes sentidos. O sociólogo Max Weber é um dos intelectuais que identificou nos trabalhos de Franklin estreita relação de uma ética protestante ascética com o capitalismo, sistema econômico predominante nos Estados Unidos da América. Posteriormente pensadores da Educação Física observaram possíveis relações do capitalismo com o fenômeno esportivo. Nesse sentido, é possível questionar se Benjamin Franklin poderia influenciar indiretamente na construção de um *ethos* favorável ao esporte. Para responder tal problemática de pesquisa, o presente estudo investigou, por meio de análise documental, dois textos de Benjamin Franklin: *On the Moral of Chess* (1800) e *The art of Swimming rendered easy; with directions to learners* (1840). De maneira complementar foram analisados textos biográficos acerca do autor. Buscou-se indicar, pela leitura das fontes, de que forma a produção bibliográfica frankliana pode ter influenciado a formação de um *ethos* pré-esportivo americano. Foram encontrados nos textos de Franklin muitas condenações a divertimentos, jogos e outros tipos de prazeres não-utilitários. Entretanto, nos escritos acerca de xadrez e natação, Franklin não encara tais atividades como inúteis; pelo contrário, defende que o xadrez possui potencial de desenvolver atributos de cautela, circunspeção e previsão. Além disso, demonstra pioneirismo nos EUA ao defender as posturas adequadas de um bom jogador de xadrez, evitando trapaças. A defesa de novos comportamentos nesse jogo dá indícios da formação de uma ética de *fair play*. Já na natação, ao contrário de muitos puritanos que na época condenavam o nadar por distrair indivíduos do trabalho, Franklin elogia os exercícios aquáticos, defendendo que os mesmos são úteis para a saúde, para a segurança de si mesmo e de outras pessoas, bem como uma forma de ocupar o tempo de maneira agradável nas estações de clima quente. Por tais obras Franklin recebeu lugar de honra no Hall da Fama da Natação e do Xadrez tanto nos EUA quanto internacionalmente. Dessa forma, adentra ao currículo desse pensador a contribuição para a preparação de um *ethos* favorável ao crescimento do esporte nesse país, que na atualidade se destaca como uma potência esportiva.

Palavras-Chave: Esporte; Benjamin Franklin; Estados Unidos da América.

Referências

FRANKLIN, B. *The life and miscellaneous writings of Benjamin Franklin*. Willian & Robert Chambers, 1839.

ISAACSON, W. *Benjamin Franklin: Uma vida americana*. Editora Companhia das Letras, 2015.

OVERMAN, S. *The protestant ethic and the spirit of sport: How calvinism and capitalism shaped America's games*. Mercer University Press: 2011.

A AGENDA OLÍMPICA 2020 COMO INSTRUMENTO NA PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO SEIO DO MOVIMENTO OLÍMPICO E SEGUNDO PERSPECTIVAS DA FILOSOFIA DO ESPORTE

Araujo, Carla Rocha - carla_mpompilho@hotmail.com
Gama, Dirceu Ribeiro Nogueira da
DaCosta, Lamartine Pereira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O homem precisa passar de conquistador e apropriador do meio envolvente, para um membro cuidador (Varandas, 2009). O desenvolvimento atual mais do que a sobrevivência e nos exulta a exercer o olhar de cuidadores do planeta e 'nossos irmãos' (Boff, 2014; Loland, 2006), o que inclui necessariamente o esporte e seus fundamentos filosóficos. Cuidar do Planeta vai além do ambiente e se expande a todos os seres vivos que nele habitam e recursos necessários. Mas infelizmente, a economia dita as regras com um único objetivo, o lucro. Mas para Capra "não há critérios éticos envolvidos nesta economia global" e, por isso, é que "exclusão social e desigualdades são elementos inerentes desta globalização" (Palestra de Capra transcrita por Muller, 2013). Que para serem aniquilados precisam mudar o sistema econômico e de paradigma. O autor propõem-nos a mudança do paradigma de quantidade para qualidade, pois acredita que o "crescimento qualitativo é consistente com a nova concepção científica da vida" (Palestra de Capra transcrita por Muller, 2013). No entanto Maria José Varandas vai além e indaga "se a natureza tem um valor próprio (intrínseco) ou se, pelo contrário, será sempre um meio para a satisfação das necessidades humanas (valor instrumental) e, neste caso, é do tipo de necessidade humana que é preciso falar" (2009, p. 32). Na visão antropocêntrica o homem é colocado no centro e tudo gira ao seu redor. Para Loland, o ideal de desenvolvimento sustentável parece ter surgido a partir das teorias antropocêntricas, onde "o valor da natureza depende de seu papel no bem-estar humano" (2006, p. 146). Neste posicionamento está implícita uma argumentação filosófica. Mas quais as necessidades essenciais e quais as supérfluas, pois sem esta definição continuaremos a coexistir numa sociedade extremamente injusta (Boff, 2013). O Instituto Internacional para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas afirma que "de forma geral é aceite que o desenvolvimento sustentável conclama para a convergência entre os três pilares do desenvolvimento econômico, da equidade social e da proteção ambiental" (Drexhage & Murphy, 2010, p. 2). Por outro lado, a Agenda Olímpica 2020 surge na linha do chamado 'efeito Sochi' (os Jogos mais caros da história) que levou à desistências de várias cidades candidatas aos Jogos de 2022. Em resumo, esta convenção aponta um novo rumo para o Movimento Olímpico e para os Esportes em geral, mais próximo do conceito de desenvolvimento sustentável. A Agenda tenta equilibrar os valores Olímpicos tradicionais, com a necessidade de comercialização dos Jogos e o desenvolvimento sustentável e neste ponto reside em tese uma postura adequada a ser assumida pela Filosofia do Esporte como já sugeria Loland em 2006. Neste sentido, o 'sonho' de Jogos Olímpicos Sustentáveis parece estar mais próximo, pois a Agenda 2020 tenta em potência equilibrar inovação, tecnologia e comercialização, com o pensar educacional, social, ambiental e econômico.

Palavras-Chave: Agenda Olimpica 2020; Desenvolvimento Sustentável; Movimento Olímpico.

Referências

- BOFF, L. (2014). Nosso lugar no conjunto dos seres. *Jornal do Brasil*, (16 março de 2014). Retrieved from <http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2014/03/16/nosso-lugar-no-conjunto-dos-seres/>
- LOLAND, S. (2006). Olympic sport and the ideal of sustainable development. *Journal of the Philosophy of Sport*, 33, 144-156.
- VARANDAS, M. J. (2009). *Ambiente: uma questão de ética*. Lisboa: Esfera do Caos.

JOGOS COOPERATIVOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA EM BUSCA DA SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS NASCIDAS NA ERA TECNOLÓGICA

Araujo, Cristiano dos Santos – cristiano@cianossaturma.com.br
Colégio Magno Mágico de Oz
Crepaldi, Roselene
EACH – USP

A presente pesquisa tem como objetivo, abordar o tema Jogos Cooperativos no ambiente educacional formal, buscando desenvolver a socialização entre crianças em idade escolar. Percebe-se que cada vez mais as crianças têm mantido uma postura de isolamento e pouco brincam nos períodos disponíveis para esta finalidade dentro das instituições de ensino. Quando observamos as atividades realizadas pelas crianças durante os períodos de intervalos escolares, identificamos que uma grande parte delas mantinha sua atenção voltada para seus smartphones e tablets, e pouco conversando entre si ou sequer mantinham contato visual. Para superar essa situação de apatia nos propusemos a utilizar os Jogos cooperativos durante as aulas de educação física para crianças na idade 07 a 09 no período de 2015 a 2017. Como resultado obtivemos que aproximadamente 80% das crianças passaram estar mais próximas umas das outras, e passamos a constatar o aumento de situações de brincadeiras nos períodos de intervalos das crianças, alcançando assim o objetivo inicial de nossa pesquisa, o aumento da socialização do grupo, ficando evidente que a proposta transcendeu as aulas de educação física passando fazer parte de outros momentos durante a permanência das crianças na escola.

Palavras-Chave: Jogos Cooperativos; Socialização; Educação; Tecnologia.

Referências

- BROTTO, F. O. *Jogos cooperativos, O Jogo e o Esporte Como Exercício de Convivência*, 4 ed. Palas Athena, São Paulo, 2003.
- GUILHERMO, B. *Jogos cooperativos, Teoria e Prática*, 3º ed. Sinodal, Rio Grande do Sul, 1991.
- IÇAMI, T. *Ensinar aprendendo, Como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização*, 11 ed. Editora Gente, São Paulo, 1998.
- ORLICK, T. *Vencendo a competição*, São Paulo, Circulo do Livro, 1978.

MULHERES QUE DANÇAM: HISTÓRIAS DO VENTRE

Thais da Silva Baptista - thaisbaptista@gmail.com
Zimmermann, Ana
Escola de Educação Física e Esporte– EEFUEUSP

A dança do ventre, ou dança oriental, tem sido praticada por um número cada vez maior de mulheres ao redor do mundo. No Brasil, as produções televisivas e a instalação de colônias árabes por vários estados favoreceram sua disseminação entre as décadas de 1960 e 1970. De um modo geral, esta dança é conhecida por destacar a beleza, graciosidade e sensualidade, valores tipicamente associados ao feminino. No entanto, a dança do ventre tem se mostrado como uma experiência de manifestação expressiva tão poderosa que transcende as noções mais rasas e populares sobre o feminino, socialmente construído. Depoimentos coletados durante entrevistas e um questionário aplicado no processo desta pesquisa reforçam o potencial da dança em comunicar corporalmente, através de uma linguagem própria, conteúdos carregados de significados que dificilmente seriam verbalizados, geralmente atrelados a experiências de vida. Estas são evidências de que o corpo da bailarina torna-se falante: cria um formato de linguagem corporal, gestual e espontânea que seja capaz de satisfazer suas necessidades de fala através do movimento expressivo. Questiono, portanto, o que estas bailarinas têm a dizer e/ou a expressar enquanto praticantes desta dança. Para responder a este questionamento, utilizo parte do material produzido durante minha pesquisa de mestrado “A Dança do Ventre: movimento e expressão”, que contou com pesquisa de campo, entrevistas, um questionário exploratório, fotografias e levantamento bibliográfico. Para dialogar com as falas dos entrevistados e reforçar o enfoque fenomenológico desta proposta, escolhi dois autores que forneceram novas possibilidades e caminhos para compreender o corpo e a dança: Gaston Bachelard e Merleau-Ponty. Gaston Bachelard (1978, 1988) permite pensar o corpo em sua existência poética, criativa, imaginativa e espacial. Merleau-Ponty (1994) contribui com as reflexões sobre o corpo próprio, presente, transformador e perceptivo. Cada um deles, em determinado grau, auxilia a enxergar a dança através de um corpo vivente. Neste sentido, a partir dos diálogos entre a bibliografia, entrevistas coletadas e a pesquisa de campo, percebo que a dança do ventre é, antes de qualquer definição, uma oportunidade de (re)existência feminina, de criação de novos papéis (artísticos, sociais, culturais) para o corpo, e reforço de um espaço feminino de fala expressiva, corporal e presente. Não à toa, é uma dança geralmente relacionada ao “sagrado” que, pela definição da palavra, remete a algo intocável, inviolável e estimado. Foram diversos os relatos sobre experiências de vida dançadas pelo corpo, seja em momento de êxtase ou de fragilidade, o que reforça, mais uma vez, seu potencial expressivo. O corpo realiza existências, como sugere Merleau-Ponty (1994, p. 227). Estas existências, na dança oriental, entrelaçam vidas reais com as personagens que dançam no palco e permitem o emergir de uma nova potência, mesmo que temporariamente. E é nestes momentos, que a dança do ventre conta suas histórias, histórias do ventre.

Palavras-Chave: Dança do ventre; Expressão; Movimento; Fenomenologia.

Principal área filosófica: Fenomenologia

Referências

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal (Coleção Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

QUAL A ESSÊNCIA DA LUTA CORPORAL E DAS ARTES MARCIAIS? UMA RESPOSTA PELA FENOMENOLOGIA CLÁSSICA

Barreira, Cristiano
Escola de Educação Física e Esporte - EEFERP/USP

A literatura não fornece uma conceituação clara dos fenômenos combativos que estão no centro das artes marciais. De fato, não há sequer uma definição precisa de artes marciais. É comum encontrar descrições da luta, inerente às artes marciais, como derivação, simulacro ou fenômeno metafórico do conflito humano, ou seja, um fenômeno sem sua dignidade própria. Desvelar sua essência é o objetivo principal desta investigação filosófica. Atingir este objetivo é fundamental para toda a área de pesquisa e para esclarecer as normas de prática sobre os dois fenômenos - luta e artes marciais. Metodologicamente, a fenomenologia clássica, ou a arqueologia fenomenológica das culturas, é aplicada para apreender a essência desses fenômenos, num retorno às próprias coisas. Além disso, a distinção fenomenológica da luta corporal expressa seu aspecto ético correlativo, a saber, a disponibilidade mútua dos combatentes envolvidos e a motivação inerente ao desafio de superar fisicamente o outro, evitando, ao mesmo tempo, ser superado. Todas as variedades de artes marciais envolvem uma forma de treinamento de luta corporal sistematizado que une aspectos motores e éticos. Na sistematização do combate corporal, a dimensão estética define um aspecto das artes marciais, incluindo sua natureza operativa; o outro aspecto é definido pela tipificação da dimensão ética que a constitui. Em outras palavras, a dimensão ética é caracterizada por uma conduta tipicamente relacionada a atitudes combativas. Conhecer as vivências intencionais que constituem a luta e as artes marciais têm consequências científicas e éticas.

CORPOREIDADES EM EVIDÊNCIA: O SÍNDROME DE DOWN NAS OLIMPÍADAS ESPECIAIS BRASIL

Belo, Ana Zélia Alves Vieira - anazeliabelo1@hotmail.com
Nóbrega, Terezinha Petrucia da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

O estudo objetiva compreender a intercorporeidade e a estesia das pessoas com Síndrome de Down participantes das Olimpíadas Especiais Brasil. A pesquisa é de natureza fenomenológica, com aporte de Merleau Ponty. A reflexão sobre as contribuições da fenomenologia é relevante nesse estudo para entender a condição da deficiência e também fundamental para repensar sobre o estar no mundo. A fenomenologia é um método e uma filosofia que propõe descrever o fenômeno considerando os aspectos emocionais, culturais, sociais do sujeito que vivencia. O estudo será realizado com cinco jovens com Síndrome de Down, de estados brasileiros diferentes que praticam esportes no programa das Olimpíadas Especiais. Será utilizada uma entrevista semi-estruturada com abordagens sobre a síndrome, a escola, o esporte, as sensações e a família. Uma parte da população com deficiência, ao se falar em corpo e percepções não compreendem que somos corpo na relação com os outros e com o mundo e assim pode ser construído a experiência corpórea, buscar um entendimento pela sua presença no mundo que necessita ser e se fazer no mundo com possibilidades de ruptura e mudanças da compreensão limitante de corpo e percepção. Ao lançar um olhar a condição de outra deficiência estudada no mestrado, focamo-nos em algumas dimensões problemáticas: a questão do corpo com deficiência intelectual no esporte, na família e na educação relacionando a intercorporeidade e a estesiologia é o cenário que aparece na tese.

Palavras-Chave: Fenomenologia; Intercorporeidade; Síndrome de Down; Olimpíadas Especiais.

Principal área filosófica: Fenomenologia

Referências

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção (1945)*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: M. Fontes, 1994.

_____. (1952). Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: M Fontes, 2006.

NOBREGA, T. P. *Corporeidades...Inspirações Merleau Ponty*. Natal: IFRN, 2016.

ANDRIEU, B. *A nova filosofia do corpo*. Tradução: Elsa Pereira. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

ESBOÇO DE UMA CRÍTICA IMANENTE AO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Bracht, Valter - vbracht13@gmail.com
Universidade Federal do Espírito Santo

O trabalho situa-se no âmbito das teorias críticas do esporte e foca no tema da normatividade dessas teorias e nas dificuldades de sua fundamentação. Em questão está a contra-crítica que identifica nas críticas ao esporte uma Referência normativa não fundamentada, ou seja, a teoria crítica do esporte partiria de um “dever ser” que não se preocupa em fundamentar. Isso fica claro, por exemplo, no emprego do conceito de ideologia que sempre então é devolvido na mesma moeda a partir da afirmação de que ideológico é também o discurso crítico. Ou seja, a contra-crítica reivindicou que a crítica fundamentasse o pressuposto de que a sua própria leitura do esporte não era ideológica, ou seja, fundamentasse a pressuposta superioridade de seu ponto de vista. Para desenvolver esse tema o estudo baseia-se e estabelece uma interlocução com a teoria da reconstrução normativa do filósofo alemão Axel Honneth, autor que pertence à terceira geração de filósofos da Escola de Frankfurt e é mais conhecido pela sua teoria do Reconhecimento Social. Inicialmente realiza-se uma retomada das principais críticas ao esporte levadas a efeito a partir da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt com o objetivo de precisar e exemplificar o tema da normatividade. Na sequência expõe-se, como o autor de Referências discute e enfrenta a questão da normatividade da Teoria Crítica e como ele próprio opera com o que chama de reconstrução normativa, que é entendida pelo autor como uma forma de crítica imanente (Honneth, 2009). O autor faz uso e desenvolve essa perspectiva em dois textos, entre outros: *Direito à liberdade* (2014) e *Trabalho e reconhecimento* (2008). Este último foi utilizado mais especificamente para a caracterizar a metodologia da reconstrução normativa. Por fim, realiza-se uma tentativa de operar com essa teoria esboçando uma crítica imanente do esporte de alto rendimento, com a pretensão de chegar a uma teoria crítica do esporte com fundamentação normativa não metafísica.

Palavras-Chave: Teoria Crítica; Normatividade; Imanência; Esporte.

Referências

HONNETH, A. (2008). *Trabalho e reconhecimento: tentativa de uma redefinição*. Porto Alegre: Civitas, v. 8, n. 1, p. 46-67.

_____. (2009). *Patologías de la razón*. Buenos Aires: Katz Editores.

_____. (2014). *El derecho a la libertad: esbozo de una eticidad democrática*. Buenos Aires: Katz Editores.

MELO, V. A. de (2010). *Esporte e lazer: conceitos*. Rio de Janeiro: Apicuri.

WISNIK, J. M. (2008). *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras

APRENDER FUTEBOL JOGANDO NA RUA: REFLEXÕES A PARTIR DA CORPOREIDADE

Campos, Marcus Vinícius Simões de - camposmvs@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas
Scaglia, Alcides José
Universidade Estadual de Campinas
Moreira, Wagner Wey
Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Roble, Odilon José
Universidade Estadual de Campinas

O ensino-aprendizagem dos jogos esportivos coletivos (JEC) tem sido um tema frequente nas pesquisas sobre pedagogia do esporte no Brasil nas últimas décadas. Muitas destas investigações se debruçam sobre a temática do futebol, procurando evidenciar, na maioria das vezes objetivamente, quais fatores influenciam o processo de ensino-aprendizagem, desmistificando a ideia amplamente divulgada pela mídia de que o talento é inato. Também é importante salientar que o sucesso de jogadores brasileiros de futebol, apresentado em pesquisas realizadas ao longo dos tempos e consagrado pela literatura acadêmica, demonstra a experiência na pedagogia da rua, a qual possui como características principais o sentido da vivência do jogo, do lúdico, possibilitando o aparecimento da criatividade. Este quadro, historicamente, tem se constituído como o “jeito” do brasileiro jogar. Daí a razão de ser deste trabalho, o qual tem por objetivo apresentar argumentos no sentido de evidenciar que a aprendizagem do futebol via pedagogia da rua, centrada na inteireza do jogo, é um importante contributo para uma vivência de corpo inteiro no esporte, bem como possibilita a seus participantes a experiência desse mundo. Neste sentido, é possível afirmarmos que as experiências vivenciadas via pedagogia da rua trazem consigo conteúdos como os táticos e técnicos de uma forma integrada, com características objetivas e subjetivas, oportunizando tanto a previsibilidade quanto a imprevisibilidade (SCAGLIA, 2011). Consideramos oportuno refletir de maneira interdisciplinar sobre o processo de ensino-aprendizagem do esporte, trazendo novos elementos a este debate central na pedagogia do esporte a partir de autores oriundos da filosofia do esporte que tenham aproximações com as teorias da complexidade, da auto organização, bem como com a tradição fenomenológica (BREIVIK, 2014). Também associamos aos jogos esportivos coletivos, especificamente no âmbito do futebol de rua, princípios presentes no entendimento da corporeidade e da motricidade, constituindo-se estes elementos pontos fundamentais para o corpo que joga e pratica esporte. Para tanto, nos apoderamos com maior ênfase de escritos de Merleau-Ponty (2011) e da base epistêmica da fenomenologia. Espera-se com esta reflexão alertar profissionais da Educação Física e do Esporte para as possibilidades de um trabalho estruturado em uma visão mais humana do futebol, a partir da contribuição de pressupostos filosóficos.

Palavras-Chave: Futebol; Pedagogia do Esporte; Filosofia do Esporte; Merleau-Ponty.

Referências

- BREIVIK, G. Sporting Knowledge. In: TORRES, Cesar R. (Org.). *The bloomsbury companion to the philosophy of sport*. London: Bloomsbury, p. 195-211, 2014.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- SCAGLIA, A.J. *O futebol e as brincadeiras de bola*. São Paulo: Phorte, 2011.

CORPOREIDADE E GINÁSTICA PARA TODOS

Carbinatto, Michelle Viviene – mcarbinatto@usp.br
Escola de Educação Física e Esporte/EEFEUSP

O paradigma newtoniano-cartesiano conduziu a uma visão analítica, fragmentada e mecânica ao corpo, o que permitiu- inclusive- a comparação do funcionamento do corpo ao de uma máquina. Tal premissa refletiu diretamente na proposição e sistematização das modalidades esportivas, dentre elas a ginástica. Independente se acoplada ao viés do utilitarismo, da saúde, da educação ou da estética, o ensino e os eventos gímnicos tradicionalmente se vincularam ao tecnicismo. É comum que as sessões de aula e/ou treinamento envolvam a repetição de cada elemento e as apresentações em campeonatos sigam regras detalhadamente apontada em um código específico. Anderson (2002) alerta que a inspiração positivista aplicada ao esporte tornou características propriamente humanas do movimento do corpo – liberdade, responsabilidade, criatividade, esforço, propósito, ação e significado – aparentemente irrelevantes e negligenciados. No entanto, após consolidação do movimento “Esporte para Todos” (EPT), sobretudo na Europa em meados do século passado, autores passaram a repensar a ginástica. Seria possível oferecer a ginástica para todos aos indivíduos? Seria possível oferecer uma ginástica que permitisse liberdade gestual e repleta de significado? Como ofertar um evento em que todos podem se reunir em prol de uma única modalidade? Assim, novas visões sobre a ginástica passaram a ser discutidas, como a inclusão social, de raça, nível técnico e gênero em prol da massificação das ginásticas. Dentre os desafios para esta empreitada, a re-conceituação sobre corpo passou a ter mais atenção, afinal, compreender a Ginástica para Todos (GPT), hoje instituída como modalidade na Federação Internacional de Ginástica (FIG), implica em reconhecer o corpo como eterno aprendente e constituído de potencialidades e limitações. Compreender o corpo no viés da corporeidade (Merleau-Ponty, 1999) é concebê-lo no mundo numa práxis dialética e que pode, por meio dos movimentos de ginástica, demonstrar identidades culturais locais, regionais e/ou nacionais, superações e sentimentos de um indivíduo e/ou grupo. Os festivais, eventos que representam a modalidade, não são regidos por códigos regrados e percebe-se maior flexibilidade em relação aos movimentos, elementos, aparelhos, figurino, música, dentre outros. Por fim, corroboramos Bento e Moreira (2012) que discutem que a necessidade da Educação Física e Esportes atualmente é o de resgatar o humano no ser humano e o de não considerarmos o praticante como máquina, mas um ser completo.

Palavras-Chave: Corpo; Ginástica; Esporte.

Referências

- BENTO, Jorge Olimpio; MOREIRA, Wagner Wey; *Homo Sportivus: O humano no homem*. Casa da Educação Física: Belo Horizonte, 2012.
- MEARLEU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes: São Paulo, 1999.
- NOVAES, Adauto. *O Homem-máquina: A ciência manipula o corpo*. Cia das Letras: São Paulo, 2003.

CORPO E ARTES MARCIAIS: O WUSHU – DO TARDIO AO MODERNO, DE ASCESE DINÁSTICA E MARCIAL À PRÁTICA ESPORTIVA

Carneiro Jr., Sérgio - sergiowushu1@hotmail.com

Martins, Carlos José

PPG – Desenvolvimento Humano e Tecnologias

UNESP/ Rio Claro- SP

Este estudo tem por objetivo circunscrever o processo de reconfiguração da prática do Wushu (ocidentalmente conhecido por Kung-Fu), no contexto de transição da China tradicional para a China moderna. De um lado, situando-o como práticas de ascese dinástica e marcial componente cultural da China tardia e, de outro, mais especificamente, após a emergência do Comunismo em 1949, como prática corporal educativa e esportiva. Descrevendo o surgimento do “Wushu moderno” e suas implicações, atentando-nos para as transformações das práticas corporais pós-revolução Maoísta e as rupturas entre tradicional e moderno ou “a velha e a nova” prática. Trata-se de estabelecer uma distinção histórica e conceitual entre as duas configurações da prática do Wushu. Neste sentido, entendemos poder dar um tratamento mais rigoroso aos aspectos filosóficos relacionados às chamadas *Artes Marciais*. Demarcamos a esportivização do Wushu como parte da estratégia biopolítica de Mao Tsé Tung para a regeneração da saúde da população chinesa. Adotado como prática corporal obrigatória nas principais instituições sociais, das forças armadas às escolas nas grades curriculares de todo o país, nas praças e parques públicos, além de outros espaços. Tal fato se deu através da versão chinesa maoísta que foi constituir tecnologias políticas de governo para enfrentar o enorme problema da gestão biopolítica da maior população do planeta. Do pensamento ocidental higienista, para o “reflorescimento” da saúde chinesa recém-modernizada, de acordo com suas perspectivas políticas. Relação que se desdobrou gradativamente na sociedade contemporânea, uma vez que o Wushu e suas várias técnicas padronizadas, regradas, reconfiguradas na condição de esporte e muito longe dos templos, se estendeu pelos quatro continentes, sendo parte dos jogos olímpicos de 2008 em Pequim, no próprio país de origem.

Palavras-chave: Artes Marciais; Biopolítica; Wushu; Kung Fu; Esportivização.

Referências

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HADOT, P. *O que é filosofia antiga?* São Paulo: Loyola, 1999.

JULLIEN, F. *Um sábio não tem ideia*. São Paulo. Martins Fontes, 2000.

DISCRIMINACIÓN EN EL DEPORTE DE COMPETICIÓN. TIPOS Y CRITERIOS DE JUSTIFICACIÓN

Carrío Sampetro, Alberto - alberto.carrío@upf.edu
Universitat Pompeu Fabra - Barcelona

Deporte y discriminación parecen en principio conceptos antagónicos. El deporte es probablemente el mejor ejemplo del reconocimiento al mérito y esfuerzo personal por encima de cualquier otra consideración sexual, racial o cultural. La discriminación, por el contrario, tiene una honda raigambre negativa. La sola sospecha de estar ante un acto discriminatorio nos pone en alerta frente a un trato desigual que daña los intereses de quien lo sufre. Un acto que, por definición, sería contrario a los valores internos del deporte e incompatible con el lema olímpico (*Citius, Altius, Fortius*), dado que impide poner a prueba las capacidades de quien lo padece en iguales condiciones que sus rivales. En el presente trabajo analizaré los diferentes tipos de discriminación que existen en el deporte de competición y distinguiré entre discriminaciones justificables e injustificadas a partir de tres consideraciones básicas, a saber: i) el daño que se produce a quien la padece, ii) los criterios de exclusión en los que se sustenta y, iii) la finalidad que se persigue.

Palavras-Chave: Discriminación; Deporte de Competición; Discriminación Directa; Discriminación Indirecta; Justificación.

Referências

BURTON, L.J. (2015). Underrepresentation of women in sport leadership: A review of research. *Sport Management Review*, 18(2), 155-165

CAMPORESI, S. y MAUGERI, P. (2010), "Caster Semenya: Sport, Categories and the Creative Role of Ethics", en *Journal of Medical Ethics* 36 (6), pp. 378-9

GLEAVES, J. & LEHRBACH, T. (2016), "Beyond fairness: the ethics of inclusión for transgender and intersex athletes", en *Journal of the Philosophy of Sport*, 43 (2), pp. 311-26.

PÉREZ TRIVIÑO, J.L. (2011), *Ética y Deporte*. Desclée de Brouwer.

O VALOR DOS VALORES: O ESPORTE COMO CONTEXTO PARA UMA REFLEXÃO ÉTICO-ESTÉTICA

Castro e Silva, Fidel Machado de - fidel_machado@yahoo.com.br
Roble, Odilon José
Universidade Estadual de Campinas

Ao situarmos a Educação Física como uma dimensão que opera e produz saberes e conhecimentos sobre a educação do corpo, acreditamos que o esporte, pertencente a seara supracitada, exerce influências diretas no que tange a dimensão ética-estética do movimento humano. É fato que na contemporaneidade a prática esportiva sofre constantes mudanças. Percebemos, dessa forma, um possível esvaziamento do potencial estético devido ao advento do entretenimento, da espetacularização e moralização do gestual, para a qual se orientam os ramos do virtuosismo gratuito e da agressividade que pode ocasionar uma sobreposição demasiada da eficiência da técnica e da busca pelo resultado final. Fatores esses corroboram para a redução da potencialidade corporal a habilidades motoras. Tal sobreposição reduz o potencial da prática esportiva para atender demandas de uma sociedade com inclinação à espetacularização e à busca da superestimulação das sensações. Com o propósito de suspeitar dos valores presentes no esporte e contribuir para uma reflexão epistemológica, de modo que a relação estabelecida com o corpo possa, possivelmente, adquirir novos sentidos no que concerne às questões relacionadas à sua vertente ética-estética, utilizamos, como lente teórica o contexto grego antigo e o pensamento do filósofo alemão, Friedrich Nietzsche, pois ambas parecem indicar uma outra forma de lidar com o corpo, distantes de uma mera subserviência a padrões impositivos. Como exercício reflexivo, entenderemos esporte como um fenômeno amplo que, de certo modo, condensa práticas diversas tais como os jogos e outras expressões do corpo. Inspirados pela Estética Filosófica, teremos subsídios para analisar o esporte em termos de seu dado estético e encontrar nexos de inteligibilidade com a experiência de movimento. O conhecimento produzido pelo corpo é materializado por meio das ações, ou melhor, do movimento, das percepções e das experiências. Logo, a prática esportiva apresenta-se como um universo para a elaboração de saberes éticos, estéticos e epistemológicos sobre o corpo. Acreditamos que o esporte é um lócus em potencial para possibilitar a abertura à experiência e ao instante, pois, dada a sua imprevisibilidade, pode propiciar a expressão e a manifestação de impulsos criativos. A criação de novos sentidos e a proposição de ressignificação dos conceitos, serve-nos para iluminar, sob diferentes perspectivas, os debates nos quais algumas posições tenderiam a estar cristalizadas. A utilização da metodologia filosófico-conceitual nos permite pensar problemas que não foram os que o filósofo pensou quando criou seus sistemas filosóficos e seus conceitos. Ademais, por possuir um caráter construtivo a metodologia supracitada promove reconceitualizações que nos permite propor modos de ver o mundo sob outras lentes, de uma outra maneira que não seja a convencional. Tal cenário proposto não invalida o conhecimento já posto do fenômeno esporte, mas apresenta-se como outra forma de se estabelecer nexos inteligíveis sobre o corpo e o movimento humano. Uma mudança de panorama talvez seja possível no sentido de conjugar tanto o caráter da técnica quanto o caráter energético da estética.

Palavras-Chave: Educação Física; Esporte; Valores; Nietzsche.

Referências

- NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Companhia de bolso, 2016.
- _____. *F. Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *F. O nascimento da tragédia ou helenismo pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

JOGOS TRADICIONAIS: UMA APROXIMAÇÃO EXISTENCIALISTA

Cobra Silva, Daniel - daniel.cobra.silva@usp.br
Escola de Educação Física e Esporte/EEFEUSP

Genuínas práticas corporais esportivas que os povos tradicionais realizam, os jogos tradicionais expressam cultura, mantendo vivas tradições e corporeidade. Práticas culturais, lúdicas e esportivas, os jogos tradicionais habitam também o campo da resistência cultural e política. Sobreviver no mundo mercantilista, capitalista e ocidentalizado não é tarefa fácil para as comunidades tradicionais, que têm seus direitos frequentemente suprimidos. Diversos elementos da sociedade contemporânea reprimem direitos dos povos originários, que sofrem com a perda de terras, instrumentos, tradições e identidade. Nesse cenário, os jogos tradicionais se destacam, possibilitando o resgate, criação e manutenção do senso de pertencimento das comunidades. Numa dança social, antropológica e política, corpos põem-se em movimento em uma lógica milenar. Em cada giro, salto, passo, ponto, batuque, palma, remada e flechada o jogo se faz e o corpo brinca com o desequilíbrio (LINS, 2008, p. 69) calculado, flutuando sobre a terra, desafiando a gravidade. Como pode alguém desenhar no ar um arco com o corpo, naqueles instantes efêmeros de eternidade, e pousar com tanta graça, como fazem os capoeiristas? (GUMBRECHT, 2007). Nestes momentos, chega a ser possível revogar as leis da física, pois tudo o que se faz presente é um corpo deslizando pelo ar. O presente trabalho faz uma aproximação entre o fenômeno jogo tradicional e a filosofia existencialista. Como vertente filosófica, o existencialismo rema contra a dissolução da subjetividade humana pregada pelo universalismo. Utilizando-se da ótica existencialista, podemos entender os jogos tradicionais como a afirmação individual de cada jogo frente à intensa massificação “esportivizante” que sofrem as mais diversas práticas corporais. É por meio dos jogos tradicionais que cada comunidade é capaz de se descobrir como unidade singular e distinta, afirmando valores culturais próprios, elementares na construção do eu comunitário. É também nessas práticas que cada indivíduo cria (SAURA, 2014) e entende sentidos particulares, passando a descortinar sua noção de “ser no mundo”. Aqui, torna-se oportuna a aproximação com o existencialismo, uma vez que esta vertente filosófica é capaz de revelar diversos caminhos pelos quais as pessoas podem atribuir valores e significados ao esporte (AGGERHOLM, 2015). Numa perspectiva internacional, encontramos produção nesse sentido quando se associa jogos tradicionais com socialização, prazer e identidade cultural (ARTOLA, 2005) e modo de vida e produção das comunidades (NING, 1996). Também no panorama americano, Gálvez e Cifuentes (2014) colocam a importância de se pensar a cultura corporal contextualizada e ambientada na ancestralidade local; Padilla (2015) nos conta da importância da afirmação cultural que os jogos tradicionais representam; Fassheber (2006) e Barata (2007) relacionam os jogos tradicionais às identidades dos povos. Utilizando-se como principal Referências a noção de corpo trazida por Jean-Paul Sartre em seu livro “O Ser e o Nada” (1943), o presente trabalho leve em conta também outras tendências da filosofia existencialista. Além disso, o trabalho também se apoia na fenomenologia, compreendendo o corpo “como substrato existencial da cultura, sendo a experiência incorporada o ponto de partida para analisar a participação humana no mundo cultural.” (CZORDAS, 2011, p.83).

Palavras-Chave: Jogos tradicionais; Existencialismo; Identidade; Comunidades tradicionais; Cultura.

Referências

AGGERHOLM, Kenneth. Existential philosophy and sport. The Routledge Handbook of the Philosophy of Sport, p. 142-160, 2015.

ARTOLA, M. E. Herri kirolak: sports activities which specifically contribute to the promotion and enjoyment of the emotion of sports. In: LIEBAERT, C. U.; OTEGI, J. E. Euskal jokoa eta jolasa: transmitting the Basque heritage through games and play. 2005, p. 159-177.

BARATA, G. Afirmação da identidade indígena no esporte. Ciênc. Cult., vol.59, n.1, p.56-57, mar, 2007.

CZORDAS, T. Modos Somáticos de Atencion. In: CITRO, S. Cuerpos Plurales. Antropologia de y desde los cuerpos. Buenos Aires, Biblos, 2011, p.83-104.

FASSHEBER, J.R.M. Etno-desporto indígena: contribuições da Antropologia Social a partir das experiências entre os Kaingang. 2006. 170 f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GÁLVEZ, C.A.P. ; CIFUENTES, J.F.P. . Aspectos históricos, antropológicos y sociológicos de los juegos ancestrales y tradicionales de estos territorios. 2014. In:

MARIN, Elizara Carolina; STEIN, Fernanda. (Org.). Jogos Autóctones e Tradicionais de Povos da América Latina. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2015, v. , p. 103-131.

GUMBRECHT, H. U. Elogio da beleza atlética. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LINS, D. Deleuze: o surfista da imanência. Nietzsche/Deleuze: jogo e música. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 53-75, 2008.

NING, Z. Analysis on the Traditional Sports Events of the National Minorities. Journal of Beijing University of Physical Education, v. 3, p. 004, 1996.

PADILLA, A. Los juegos autóctonos y tradicionales en los grupos indígenas y mestizos de México. In: MARIN, Elizara Carolina; STEIN, Fernanda. (Org.). Jogos Autóctones e Tradicionais de Povos da América Latina. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2015, v. , p. 157 – 181.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. 1943. Tradução: FRANCO, Cascais; MOREIRA, Madalena; 1997.

SAURA, S. C. Sobre Bois e Bolas. In: SAURA, Soraia Chung; ZIMMERMANN, Ana Crsitina. (Org.). Jogos Tradicionais. 1 ed. São Paulo: Editora Laços, 2014, v. 1, p. 165-188.

EDUCAÇÃO ESTÉTICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO: UMA PESQUISA COM ALUNOS DO CEFET/RJ

Coelho, Rebeca Cardozo - rebecacoelho@hotmail.com
CEFET/RJ

A Educação Física, como prática pedagógica no cotidiano das escolas, se estabelece ancorada ao processo de ensino-aprendizagem de conteúdos que perpassam o conhecimento sobre o corpo, especialmente, os jogos e as brincadeiras, o esporte, a dança e a ginástica. Importa então observar que o conhecimento sobre o corpo, e sobre o corpo que joga, que pratica esporte e/ou ginástica, que brinca e dança é amplo, transcorre por diversas dimensões e permite, também, um olhar filosófico, estético. Os pesquisadores apontam que o esporte possui valor estético e é passível de desencadear experiências estéticas em seus espectadores e praticantes/atletas. Desta forma, identificamos a importância destes conteúdos da Educação Física serem tratados de forma a também emergir a estética relacionada aos mesmos. A Educação Estética pelo esporte promove a aprendizagem de outros modos de ver, de pensar e compreender o mundo do esporte. O trabalho que desenvolvo no CEFET/RJ busca fazer com que os alunos conheçam um pouco sobre a estética do esporte, desenvolvam um olhar estético sobre o mesmo, sendo capazes que apreciar o desempenho estético do outro, mas também identificar o próprio desempenho estético vinculado à experiência. Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi identificar e comparar o entendimento dos alunos do 1º ano e do 3º ano do Ensino Médio Integrado do CEFET/RJ, Campus Maria da Graça, acerca da estética do esporte, antes (1º ano) e após (3º ano) terem cursado a disciplina de Educação Física. Para a recolha das informações optou-se pela utilização de um questionário contendo cinco questões abertas e fechadas. A amostra da pesquisa foi constituída por 154 alunos, sendo 83 alunos do 1º ano e 71 alunos do 3º ano. A análise das informações recolhidas permitiu identificar que a maioria dos alunos (77,1% 1º ano e 83,1% 3º ano) praticava atividade física/esportiva regularmente antes de ingressar no CEFET/RJ; a minoria dos alunos (28,9% 1º ano e 42,25% 3º ano) pratica atualmente atividade física/esportiva regularmente além das aulas de Educação Física; e a maioria dos alunos (78,3% 1º ano e 66,2% 3º ano) costuma assistir eventos esportivos. Quando questionados sobre estética do esporte, a maioria dos alunos reconhecem a estética do esporte ligada ao prazer/desprazer (73,5% 1º ano e 74% 3º ano) e a experiência (59% 1º ano e 77,5% 3º ano), porém, a maioria dos alunos do 1º ano afirmam que a estética do esporte também se refere aos padrões ideais de gordura (54,2% 1º ano e 7% 3º ano) e aos padrões ideais de massa muscular (63,8% 1º ano e 11,2% 3º ano), enquanto os alunos do 3º ano assimilam, na sua maioria, também aglutinada ao sentimento (42,1% 1º ano e 70,4% 3º ano) e ao pensamento/imaginação (30,1% 1º ano e 71,8% 3º ano). Com isso, confirma-se que um trabalho que direciona o aluno do Ensino Médio a ter também um olhar estético sobre o esporte, contribui para que o cidadão se aproprie de outros modos de ver, de pensar e compreender o mundo do esporte.

Palavras-Chave: Educação Estética; Ensino Médio; Educação Física.

Referências

- Coelho, R. C.; Kreft, L. e Lacerda, T. (2013). Elementos para a compreensão da estética do Taekwondo. *Revista Movimento*. Porto Alegre: 19 (3), 295-314.
- Lacerda, T. O. (2010) Estética, estética do desporto e educação estética pelo desporto. In Jorge Olímpio Bento, Co Tani & Antônio Prista (Org.), *Desporto e Educação Física em Português*, pp.108-132. Porto: CIFI2D — Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto e Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Lacerda, T. O. e Mumford, S. (2010). The Genius in Art and in Sport: A Contribution to the Investigation of Aesthetics of Sport. *Journal of the Philosophy of Sport*, Champaign, n. 37, p. 182-193.

A FICÇÃO DO MUNDO REAL: AS UTOPIAS TECNOLÓGICAS DOS SUPER-HERÓIS E SUA MATERIALIZAÇÃO NO CORPO DOS ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO

Corrêa, Cahuane - cahuanecorrea@gmail.com
Silva, Marcelo Moraes e
Universidade Federal do Paraná

A tecnologia vem avançando cada vez mais e de diversas maneiras vem adentrando na vida dos indivíduos. Tais questões, inclusive, atingem o esporte moderno, que está deveras inserido nessa nova lógica tecnológica, principalmente no que tange a métodos de treinamento, vestimentas e outros melhoradores de *performance*. Esse avanço tecnológico traz consigo formas de idealizar novas descobertas, abrindo a possibilidade de fantasiar e hiperbolizar, sendo estes, elementos que se repercutem na ficção científica e nas histórias em quadrinhos, mais especificamente nas de super-heróis, que são permeadas pelo uso da tecnologia para a criação e/ou aperfeiçoamento de determinados super-heróis. Nesse sentido, o presente trabalho buscou responder as seguintes indagações: as tecnologias mostradas nas histórias do Capitão América possuem a possibilidade de existir na realidade? Como a transformação tecnológica se mostrou presente nos corpos dos personagens das histórias em quadrinhos e dos atletas do esporte de rendimento? Foram utilizadas como fonte: imagens de HQs, filmes do Capitão América, reportagens, documentários e entrevistas de atletas de alto rendimento, afim de observar até que ponto as construções existentes do mundo real estão presentes nos enredos das histórias em quadrinho, bem como, analisar de que modo as utopias tecnológicas presentes nas HQs se materializam nos corpos dos atletas de rendimento. Conclui-se que muitos elementos encontrados nas histórias do Capitão América podem realmente se materializar em um futuro próximo, como por exemplo as manipulações genéticas que deram origem ao personagem e foram “ativadas” pelos raios Vita, que tem seu equivalente na realidade nas cápsulas fotossensíveis que emitem um tipo de energia capaz de ativar células mutantes. As células capazes de serem modificadas pela ciência atual e capazes de melhorar a *performance*, são: Eritropoietina, responsável pelo aumento na capacidade de transportar oxigênio pela corrente sanguínea; bloqueador de miostatina, capaz de aumentar as fibras musculares; IGF-1, que estimula o crescimento de quase todas as células do organismo; PPARs, atuam na transcrição de genes envolvidos no metabolismo de carboidratos e lipídeos, auxiliando na diminuição do tecido adiposo.

Palavras-chave: Corpo; Tecnologia; Super-Heróis; Esporte; Histórias em Quadrinhos.

Referências

LE BRETON, D. *Adeus ao Corpo: Antropologia e sociedade*. Tradução de Mariana Appenzeller. 6 ed. Campinas, SP: Papirus, 2013a.

ORTEGA, F. *O corpo Incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SIBILIA, P. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. In: Conexões. Relume Dumará, 2002.

O DECLÍNIO ESPORTIVO GREGO

Correia, Renan Felipe - renanfcorreia@gmail.com
Campos, Marcus Vinícius Simões de
Roble, Odilon José
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

A proposta recente do Comitê Olímpico Internacional (COI) de remover as lutas greco-romana e livre do programa olímpico retomou um forte debate sobre as relações dessa antiga manifestação cultural com a sociedade. Desde o século sexto A.C. filósofos e dramaturgos gregos, como Xenófanos, Aristófanos e Isócrates, já documentavam frequentes mudanças nos ideais agonísticos gregos, afetando muitos domínios das manifestações artísticas e corporais daquela sociedade, em especial a luta. Tal debate evidencia mudanças de ideais e percepções estéticas de uma sociedade e seu reflexo nas práticas corporais, culminando novas identidades nas práticas físico-agonísticas. Sendo assim, buscamos, por meio de uma investigação de inspiração genealógica, tal como sugere Friedrich Nietzsche (1844-1900), uma compreensão das interpretações levantadas por comentaristas contemporâneos sobre as mudanças nos ideais agonísticos gregos descritos pelos filósofos anteriormente mencionados. Para nossa investigação e reflexão destacamos Gardiner e sua famosa obra seminal *Greek Athletic Sports and Festivals* (2005), na qual o autor interpretou essas mudanças como um declínio do *arete* esportivo grego pautado numa suposta decadência econômica daquela sociedade. Isso, de alguma maneira, catalisou a prática esportiva das camadas populacionais não pertencentes a aristocracia grega, surgindo assim a figura do atleta profissional e a retirada dos nobres das práticas esportivas públicas. Isso teria gerado uma decadência do esporte, que posteriormente se alastraria para as demais instituições gregas, o que teria enfraquecido o puro espírito esportivo grego socialmente e moralmente, dando vazão ao excesso e a corrupção. Em termos platônicos, seria a decadência do *Kálon kai agathia* (“belo por que bom”), o que nos aponta elementos interessantes para a discussão da República. É possível considerar que Gardiner usa afirmações reducionistas e reprodutoras de antigos discursos, pautados em uma agenda de Olimpismo exacerbada, de superioridade racial dos gregos perante outros povos, noção esta que pode ser diferentemente discutida se nos apoiarmos em preceitos da filosofia de Nietzsche. Pautamos três exemplos onde essa hipótese reducionista de Gardiner se evidencia: Utopia do Amadorismo - Gardner faz uso um regime historiográfico inadequado, separando amadorismo e profissionalismo, pautado pela experiência moderna. Na visão de Nietzsche (2010), a posição aristocrática grega conferia aos cidadãos uma experiência plural na qual se buscava a excelência em diversos campos, sem divisão muito precisa do que se possa chamar de profissional e amador. Declínio econômico da Grécia Antiga - Não existem evidências na literatura a respeito do declínio econômico na época, e muitos autores afirmam que a periodização histórica proposta por Gardiner se choca com um período econômico-político da democracia grega no qual aquela sociedade migrava para uma configuração de estabilidade (Kyle, 2005). Mudança dos regimes estéticos – Poliakoff, famoso historiador do *pankration*, afirma que não há evidências para se constatar mudanças num regime estético relacionado à luta na sociedade Grega antiga. Contudo, Gardiner interpretou os trabalhos dos filósofos aqui destacados como se a agonística entrara em declínio desde que se constatou que os vencedores não eram apenas os aristocratas. As tensões aqui apresentadas precisam ser melhor discutidas, ao passo que em Gardiner, uma posição estanque é assumida como dada.

Palavras-Chave: Grécia Antiga; Filosofia; Esporte.

Referências

ARISTOPHANES (Tradutor: Jeffrey Henderson). *The Clouds*. Bemidji: Focus Information Group, 1993.

GARDINER, E. D. *Greek athletic sports and festivals*. Arkose Press, 2015 (Original publicado em 1910)

ISOCRATES (Tradutor: George Norlin). *On the Peace*. Cambridge: Harvard University Press, 1929

KYLE, D. G. *Sport and spectacle in the ancient world*. Maldem: Blackwell Publishing, 2005.

NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

POLIAKOFF, M. B. *Combat sports in the ancient world: Competition, violence, and culture*. New Haven: Yale University Press, 1987

XENOPHANES (Tradutor: James Leshner). *Fragments*. Toronto: University of Toronto Press, 2001.

NOVAS FRONTEIRAS E SIGNIFICADOS DA FILOSOFIA DO ESPORTE A PARTIR DO PENSAMENTO ECOLÓGICO: A POSIÇÃO CENTRAL DA RESILIÊNCIA

DaCosta, Lamartine Pereira - dacosta8@terra.com.br
Araújo, Carla Rocha
Gama, Dirceu Ribeiro Nogueira da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Por suposto, a atual crise ecológica em escala planetária que tem provocado amplas reações de preservação da natureza e de adaptações da vida cotidiana às crescentes agressões climáticas, deverão também gerar impactos na filosofia do esporte (Loland, 2006). De fato, do lado das práticas de esportes, tem crescido a importância da influência ambientalista entre atletas, praticantes e gestores. Não é surpreendente, portanto, que uma das Referências principais dos Jogos Olímpicos se situa hoje na 'sustentabilidade' que busca harmonizar o pensamento e as práticas ecológicas com demandas sociais e econômicas. Mas tais avanços ganham maior significação, entretanto, ao se rememorar que a filosofia *stricto sensu* teve seus pioneiros ainda na Antiga Grécia dedicados a especulações sobre a natureza e suas relações com ações humanas (Rolston, 1989). Sem embargo, em termos de experiências contemporâneas, cabe dar relevância aqui e agora à Linha de Pesquisa 'Meio Ambiente e Esporte', criada em meados da década de 1960 no Brasil (DaCosta, 1967), que sobrevive até hoje tendo incorporado várias áreas de conhecimento, incluindo a filosofia, ao longo de seu desenvolvimento. Assim sendo, inicialmente a citada Linha de Pesquisa fez abordagens de ordem fisiológica pesquisando os efeitos do clima tropical na redução do rendimento de performances em atletas. O desdobramento dos estudos iniciais concentrou-se então nos efeitos da altitude que no treinamento esportivo derivou para uma busca da maior capacidade atlética contrapondo-se aos efeitos negativos dos ambientes elevados. Em outras palavras, o objetivo dessas pesquisas pioneiras incidu naturalmente na resiliência de atletas dado ao enfoque pragmático então assumido naquele período. Desde este ponto de partida, os estudos e pesquisas liderados ou compartilhados por Lamartine DaCosta abordaram áreas de conhecimentos distintos como também transferiram-se para diversos países e universidades embora a produção científica tenha permanecido até na atualidade nas línguas portuguesa e inglesa. Neste contexto de produção acadêmica, importa destacar que o primeiro estudo de bases filosóficas foi publicado como capítulo de livro em 1992 no Brasil. Já no plano internacional, estudos filosóficos da matriz DaCosta publicados pela International Olympic Academy, constituíram a consolidação da temática ambientalista na área de Estudos Olímpicos até o final da década dos anos de 1990 (Chatziefstathiou, 2005). Em resumo, as abordagens de 1992 em diante incidiram na ética, valores e sustentabilidade no esporte de acordo com a tríade 'homem, cidade e natureza' (DaCosta, 1993). Finalmente, em 2011, a Linha de Pesquisas inaugurada em 1967, apresentou uma revisão de suas abordagens antecedentes concluindo que as novas fronteiras da filosofia do esporte voltavam-se outra vez para a resiliência, dado o papel do esporte como uma das proteções dos humanos em face às ameaças de agressões climáticas. Por outra vertente de interpretação, Russell (2014) no âmbito da Filosofia do Esporte *per se* assumiu conclusão similar admitindo que a resiliência se revelava na atualidade como 'a virtude cardinal da vida humana'. Esta posição central da resiliência, ainda no julgamento de Russel, mostra-se deficiente todavia em termos de definição consistindo finalmente um desafio emergente para os filósofos do esporte.

Palavras-Chave: Eco-filosofia; Sustentabilidade; Valores ambientalistas.

Referências

- Loland, S. (2006) Olympic Sport and the Ideal of Sustainable Development. *Journal of Philosophy of Sport*, 33, p. 144-156.
- DaCosta, L. (1992) O Olhar e o Pensar Ambientalista. In Soares, A. (ed) *Ecologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 35 – 40.

Russell, J.S. (2014) Resilience. 2014 *Congress of the International Association for the Philosophy of Sport*, Natal-Brazil, p.36.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A SOCIOLOGIA: CORROBORANDO COM O PROJETO CENTRO DE TREINAMENTO REVELANDO

Dos Santos, Narciso Mauricio – narcisomauricio@bol.com.br
Universidade Brasil - São Vicente/SP

O objetivo do presente estudo foi analisar o “*Projeto Social Centro de treinamento Revelando*”, do Parque Bitarú, na cidade de São Vicente/SP; vindo a conjugar em análise documental, e revisões bibliográficas, a partir dos estudos dos teóricos Pierre Bourdieu, Émile Durkheim, Karl Marx, Betti e Kant. Na sociologia de Bourdieu, vimos que o campo social é organizado por aberturas, tais como: Capital econômico e cultural; em Durkheim, a sociedade é envolta de regras e leis para se constituir como sociedade; para Marx, o homem se destaca como indivíduo, não por suas características biológicas, e sim por seu espaço e tempo. Na filosofia de Betti (1991), o professor não pode ver neutralidade no conteúdo da Educação Física, assim como de qualquer outra área, ele é instrumento para a “**formação de um homem**”, com uma visão antecipada de qual homem se deseja formar. O conhecimento reflexivo e global sobre o saber prático e formação do homem é encontrado na visão da filosofia por Kant (1996), pois existe uma busca na visão de totalidade frente a educação. Sendo assim, reforça que “*o homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz.*” (KANT, 1996, p. 15). Assim, o professor em suas cogitações poderá reformular conceitos e orientar a conduta de seus alunos, passando a interpretar o que fazem com seus corpos e seus movimentos, vindo a entender que, a principal tarefa do professor é proporcionar a cultura corporal dos movimentos, procedente a formar cidadãos que venham a produzir, reproduzir e transformar, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, da dança e da ginástica em benefício de qualidade de vida e de sua educação. Todavia, é de responsabilidade do professor auxiliar os alunos a compreender o sentir e o relacionar-se na esfera cultural e corporal de movimentos, vindo a construir uma ação cultural. Por meio destas revisões e através da utilização de imagens e pesquisa de campo, buscamos identificar a importância da realização do projeto na vivência de cada criança inserida nesse ambiente social. A partir dos dados, analisamos a importância das ações no projeto social na vida de cada criança, comprovando assim, os benefícios adquiridos para a evolução em seus aspectos socioeconômico, psicossocial, cognitivo, motor e social. Com o aporte dos sociólogos e filósofos visitados, passamos a entender o contexto das práticas corporais dos movimentos ligadas ao futsal como ferramenta útil para sua vida pessoal e educação, sem contar que o projeto, de maneira positiva, oportuniza o conhecimento e, proporciona às crianças que participam, vivenciar ambientes que de outra forma, não teriam oportunidades. Como destaca Kant (1996, p.17), é importante “*pensar que a natureza humana será sempre melhor desenvolvida e aprimorada pela educação*”. Diante do exposto, avaliamos positivamente todas as ações desenvolvidas e reforçamos que a formação é fruto da disciplina e da instrução.

Palavras-Chave: Sociologia; Projetos Sociais; Educação Física Escolar; Formação.

Referências

- BETTI, M. Educação Física e a Sociedade. São Paulo: movimento1991.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- DURKHEIM, E. *Divisão do Trabalho Social*. 2º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- KANT, I. Sobre a pedagogia. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1996.

JUDÔ: O CAMINHO E A TRAVESSIA

Drezza, Amanda Costa - amanda.drezza@usp.br
Escola de Educação Física e Esporte/EEFEUSP

O Judô traz consigo uma série de significados e simbologias estruturadas pelo seu contexto histórico de criação, perspectivas educacionais e filosóficas propostas por seu criador, além do processo de formação do judoca. Sendo assim, o objetivo do estudo é identificar o processo de formação do judoca, compreendendo os valores adquiridos em treinamento para a prática, bem como aqueles que a transcendem, sendo aplicados para outras esferas da vida. Pretende-se também estabelecer relações e diálogos entre a trajetória do autoconhecimento e do pertencimento. Os métodos utilizados foram entrevistas não-estruturadas por pautas e revisão de literatura que atendeu às temáticas principais. Foram entrevistados três judocas selecionados previamente pela autora que pudessem agregar de diferentes formas ao trabalho. Os resultados obtidos estão vinculados a um discurso, sobretudo, ligados à identidade, pertencimento e superação, apresentando extensão para além da prática do Judô. Importante ressaltar que praticar uma arte marcial é, de certa forma, incorporar uma cultura, por toda a filosofia que envolve a prática. E dentro de toda cultura há uma série de tradições. Em conjunto ao tradicional, ao que permanece e dialoga com inovações, existem os rituais e os símbolos. Um vocabulário e um comportamento próprios são exigidos. Quando se nota pertencimento aos componentes que estruturam a prática, há a formação de uma identidade vinculada a mesma. Tal incorporação de valores promove o enraizamento desta filosofia. Esse tipo de correspondência ocorre entre o judoca e o Judô, o judoca e o espaço de treinamento (dojô), o judoca e o grupo de judocas, e até mesmo o judoca com o Japão, uma vez que a disciplina marcial não somente treina o corpo, mas também a mente e a moral. Portanto, tais Referências norteiam os diversos trânsitos e travessias daqueles que optaram por este caminho. O significado de “atravessar” torna-se amplo quando se pensa não somente no Judô, mas também no judoca. Assim, o Judô e o judoca tornam-se o objeto, o meio e o sujeito, dialogando entre si com relações de interdependência. Trata-se de uma trajetória mutável, embora consistente, que trabalha em si temas de impacto, como: superação, resiliência, liberdade, tolerância e busca pela dor, entrega, experiência e construção de um diálogo consigo e com o mundo ao redor.

Palavras-Chave: Judô; Pertencimento; Identidade; Sociocultural.

Referências

BROUSSE, M.; MATSUMOTO, D. *Judo: a sport and way of life* - IJF, 1999.

GONÇALVES, M C., TURELLI, F. C., VAZ, A. F. *Corpo, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé* - Movimento, Porto Alegre, v. 18, n.03, p. 141-158, jul/set de 2012.

KANO, J. *Mind Over Muscle: writings from the founder of Judo* – Kodansha International Ltd, Tokyo, 2005.

SUGAI, V. L. *O Caminho do Guerreiro I* - colaboração Tsujimoto, S. - São Paulo: editora Gente, 2000.

EL FAIR PLAY Y LA ÉTICA EN EL DEPORTE PRÁCTICA Y DEPORTE ESPECTÁCULO

Dueñas, Mafaldo Maza - mafaldo3@yahoo.com.mx
Universidad Autónoma Chapingo – México

En el deporte práctica y en el deporte espectáculo, la presencia del llamado Fair play o juego limpio, de principios éticos, valores, así como de la presencia de virtudes manifestada en las acciones de los atletas y deportistas son un elemento esencial para considerar al juego y al deporte como un ámbito mimético de la vida cotidiana. La competencia generada en las diversas disciplinas deportivas establece una serie de circunstancias que los jugadores deben respetar ya sea por normatividad de un reglamento o por una elección de principios axiológicos, en ambos casos los jugadores y atletas tiene la posibilidad de elegir, de ejercer o no decisiones que influyen en la relación con los compañeros de equipo, contrarios y jueces. En este sentido, la relevancia del Fair play obtiene mayor sentido al promover dentro de situaciones de riesgo, de estrés, de deseos de triunfo, la posibilidad de fomentar la integridad del juego, del espíritu de las reglas, del valor ético del deporte. Es esencial promover en el deporte práctica, ese deporte al cual todos los individuos tenemos acceso y posibilidades, entender que cómo actuamos en el campo de juego, actuamos en la vida y viceversa. Es decir, podemos aprender a través de nuestro ejercicio lúdico y competitivo la importancia de aprender a respetar las reglas, las normas del deporte y por supuesto la integridad física, psicológica y moral de todos los participantes. De igual modo, ese aprendizaje se ve reflejado en el actuar cotidiano de cada persona y en sus diversos ámbitos. Se trata de una potencialidad humana, somos capaces de incrementar ese aprendizaje en muchos niveles, y de encontrar en el juego la posibilidad de una diversión sino también de un ámbito de múltiples posibilidades de elección. Los resultados de triunfo y derrota no son otra cosa que la consecuencia natural de un partido, provocados por las elecciones o no ejercidas de los atletas y deportistas. Por lo tanto, la práctica del deporte ya sea deporte práctica -amateur y recreativo- o espectáculo -profesional- esta envuelto de circunstancias morales, de un ámbito axiológico que parte de la normatividad de las reglas, hasta llegar a la elección de una serie de movimientos por parte del jugador: movimiento técnico, movimiento táctico y movimiento moral.

Palabras-Chave: Fair play; Competencia; Ética; Virtudes.

Referências

- CAGIGAL, J.M. *Deporte, pedagogía y humanismo*. Ed. Aula A. Salvat, Madrid, 1996.
- HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. Ed. Alianza, Madrid, 2005.
- MACINTYRE, A. *Tras la virtud*, Ed, critica. Barcelona, 2004.

APRENDER VIRTUDES A TRAVÉS DEL EJERCICIO FÍSICO, EL JUEGO Y LA PRÁCTICA DEL DEPORTE

Dueñas, Mafaldo Maza - mafaldo3@yahoo.com.mx
Universidad Autónoma Chapingo – México

La reflexión sobre la actividad deportiva nos lleva a considerar al juego y a la práctica del deporte -ya sea recreativo y/o competitivo- como medio para promover y aprender virtudes a través del ejercicio y el hábito de acciones que van a manifestar ese aprendizaje y que se puede observar en la dinámica del juego y esperamos también, en la vida cotidiana. Es así, que las actividades que se proponen realizar con el juego y la práctica del deporte expresan un conjunto de analogías sobre el acontecer humano, ya que un deportista se comporta y actúa en el campo de juego, como regularmente lo hace en su vida cotidiana y viceversa. Por lo tanto, en el juego y la práctica del deporte, el ser humano se emplea a sí mismo como herramienta, es decir, cada persona –el alumno-jugador- es capaz de verse como un instrumento a partir de sus múltiples habilidades para aprender con y a través del ejercicio de sus acciones y reacciones en la dinámica del juego y el cual considera un espacio y ambiente social proactivo que el deporte genera. El aprendizaje de virtudes a través del diseño de estrategias que involucren el ejercicio físico, el juego y la práctica del deporte, son una posibilidad real para que los jóvenes aprendan a pensar para aprender a actuar. Estas acciones que se manifiestan en el ámbito lúdico nos conjuntaron una serie de evidencias - escritas, fotografías y videos - las cuáles dan certeza de que la propuesta de diseñar estrategias lúdicas combinadas y justificadas con contenidos filosóficos y presentada de diversos modos permite la apropiación de reflexiones y conocimientos a partir del ejercicio filosófico del pensar, al igual que, la apropiación de actitudes tendientes a la virtud con base en las acciones ejercitadas. De este modo, si se observa el aprendizaje de virtudes en el espacio didáctico fomentadas con el juego y la práctica del deporte, existe la posibilidad de que ese aprendizaje lo lleve a su vida cotidiana por apropiación y como un conocimiento significativo.

Palabras-Chave: Virtud; Juego; Aprender.

Referencias

- CAGIGAL, J.M. *Deporte, pedagogía y humanismo*. Ed. Aula A. Salvat, Madrid, 1996.
- HUIZINGA, JOHAN. *Homo Ludens*. Ed. Alianza, Madrid, 2005.
- MACINTYRE, A. *Tras la virtud*, Ed. critica. Barcelona, 2004.

EL FUTBOL Y SUS DEMONIOS. ACERCA DE LA POSVERDAD Y LA CIENCIA DEPORTIVA EN LOS UMBRALES DE RUSIA 2018

Ducart, Marcelo Fabián - marceloducart@yahoo.com.ar

Departamento de Educación Física - Universidad Nacional de Río Cuarto/UNRC-Argentina

El mundo comienza a girar nuevamente como una pelota en los umbrales de Rusia 2018. Si el simulacro es lo verdadero, parafraseando a Baudrillard (Carpintero, 2017), el Fútbol es posverdad pura, porque da también la posibilidad de poder generar nuevas interpretaciones sobre lo dado e invisibilizado (Sztajnszrajber, 2017). La teoría dramática de la desigualdad social se convierte en jugada, dando lugar a la irrealidad real del Fútbol (Quitian Roldan, 2012). La brújula eurocéntrica que inventó el futbol moderno, y que aprendió a beneficiarse de las “diabluras” de las gambetas de los representantes del “Nuevo Mundo”, nos invita nuevamente a participar globalmente del rito unificante de la destreza deportiva. Es la puesta en escena del cuerpo, como señala Alabarces (1998), una estrategia lúdica de alguna manera sesgada, oblicua, utópica, en donde las formas en que ese mismo escenario permite no sólo la puesta en escena de lo que se es, sino también la simulación de lo que se quiere ser / hacer. Países, empresas, héroes, mitos, creencias, y toda la constelación de dioses y demonios, se dan cita en los nuevos santuarios deportivos. Mito y Logos combaten y abrazan dentro de la burbuja informativa. Todo el mundo ve y habla de Fútbol, pero casi nadie sabe de Fútbol, más allá de lo que se dice en los comentarios de los miles de portales informativos. Sobrevuela la posverdad, esa sospecha emotiva, nacida para modelar la opinión pública desdeñando los hechos fehacientes y los datos verificables” (Luisa Valenzuela, en el discurso de apertura de la Feria Internacional del Libro, Bs. As. 2017). Existe una distancia cada vez mayor entre los discursos y los hechos reales que producen. En el modelaje de la opinión pública deportiva, los hechos objetivos tienen menos influencia que las apelaciones a las emociones y a las creencias personales. Se trata de no abandonar la zona de confort cognitivo. Las personas necesitan aferrarse a un conjunto de creencias compartidas si han de enfrentar a un ambiente hostil, inquieto y desconocido como el actual (Flichtentrei, 2017). La exacerbación colectiva y compartida de las pasiones que se produce en un espectáculo deportivo global, parece inmunizar ciertas frustraciones sociales. Valga en tal sentido, el gol de Maradona contra “los ingleses” después de la derrota en la guerra de Malvinas. El temor a la incertidumbre se suele vencer en el aislamiento comunicativo de los grandes Medios de Comunicación Social. Estos aparecen como burbujas epistémicas donde sólo se comparten idénticos marcos conceptuales. Los intercambios son verticales, endogámicos, confinados al encierro disciplinar, ciegos a otras fuentes de saber. La obsesión por la visibilidad mediática refuerza la invisibilidad de ciertas relaciones sociales asimétricas (Rodríguez Díaz, 2008). Es el antiguo instinto coalicional de la especie humana. La horda primordial con fachada posmoderna. Un antiguo recurso social cuyo objetivo es ampliar el poder, no el saber. El grupo se aísla, se coordina cognitivamente, comparte y refuerza sus creencias sin discutirlos. Entonces, la ficción es más verdadera si la asocia con una pelota que juega.

Palabras-Chave: Posverdad; Ciencia; Deportes; Fútbol.

Referencias

Alabarces, P. (1998) ¿De qué hablamos cuando hablamos de deporte? Nueva Sociedad, Número 154, Marzo-Abril 1998, pp. 74-86, disponible en la web: <https://drive.google.com/file/d/0ByUNwwnTiKFXtjBwZ3JvTEVlBk/view>

Carpintero, E. (2017) *La posverdad una nueva mentira*, Diario Página doce, Disponible desde el 24/08/2017 en <https://www.pagina12.com.ar/58466-la-posverdad-una-nueva-mentira>

Flichtentrei, D. (2017) *Posverdad: la ciencia y sus demonios. Cuando las creencias importan más que la verdad; acerca de la inercia y la pereza intelectual*; Portal web IntraMed, Disponible desde el 02/05/2017 en <http://laverdadyotrasmentiras.com/literatura/posverdad-la-ciencia-y-sus-demonios/>

Quitian Roldan, D. (2012) *Estudios socioculturales del deporte. Desarrollos, tránsitos y miradas*, Editorial Kinesis, Colombia.

Rodriguez Díaz, A. (2008) *El deporte en la construcción de lo social*; Editorial CIS (Centro de Investigaciones Sociológicas, Madrid.

Sztajnszrajber, D. (2017) *El fútbol es posverdad pura*, Revista Digital web Redacción La Tinta, disponible desde el 08/09/2017 en web: <https://latinta.com.ar/2017/09/dario-sztajnszrajber-futbol-es-posverdad-pura-latinta/>

Valenzuela, L. (2017) *El Poder de la palabra*; Discurso en la Inauguración de la 43° Feria Internacional del Libro de Buenos Aires; Fundación El Libro, Bs. As.; Disponible en la web desde 04/2017 en: <http://www.el-libro.org.ar/wp-content/uploads/2017/04/discurso-inauguracion-43-feria-luisa-valenzuela.pdf>

TRANSDISCIPLINARIDADE E MOTRICIDADE HUMANA: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO/EDUCAÇÃO FÍSICA

Alfredo Feres Neto - alfredo.feres@gmail.com
Faculdade de Educação Física - Universidade de Brasília

Nos últimos anos, vem crescendo a percepção de que a ciência materialista, calcada no paradigma mecanicista, torna-se cada vez mais insuficiente para lidar com os problemas complexos que nos dizem respeito, como os relacionados à ecologia, violência, crises econômicas, corrupção na política, entre outros. Para o físico quântico indiano Amit Goswami, os cientistas apresentam a perspectiva de que o próprio avanço do conhecimento científico, por si só, um dia irá resolver estas e outras questões. "Mas os materialistas estão a clamar que as respostas estão logo do outro lado da esquina, uma atitude que o filósofo Karl Popper denominou de 'materialismo promissório'" (Goswami, 2012, p. 80). De fato, segundo Basarab Nicolescu, autor do célebre "Manifesto da Transdisciplinaridade", obra fundante desta abordagem, a modernidade promoveu uma acelerada proliferação de disciplinas científicas, fato que vem proporcionando a produção de conhecimentos cada vez mais específicos, em grande quantidade, na esfera do mundo material. Paradoxalmente, prossegue, há uma razão inversa entre o que sabemos deste plano - externo, material - e do que sabemos no plano do ser - subjetivo, imaterial. "Como se explica que quanto mais sabemos do que somos feitos, menos compreendemos quem somos? Como se explica que a proliferação acelerada das disciplinas torne cada vez mais ilusória toda unidade do conhecimento? Como se explica que quanto mais conheçamos o universo exterior, mais o sentido de nossa vida e de nossa morte seja deixado de lado como insignificante e até absurdo? A atrofia do ser interior seria o preço a ser pago pelo conhecimento científico? A felicidade individual e social, que o cientificismo nos prometia, afasta-se indefinidamente como uma miragem?" (2005, p. 16). A Ciência da Motricidade Humana (CMH), que surge como reação ao dualismo cartesiano, pela mão do filósofo português Manuel Sérgio nos anos 80, ao problematizar esta questão, propõe uma nova relação com o corpo e com as práticas corporais, desta vez levando em conta a intencionalidade do humano. Portanto, a CMH, estruturada a partir de elementos críticos à visão cartesiana e mecanicista, e que, segundo Sousa (2007), caracteriza-se por integrar, no sistema motricional humano, o desígnio da Transcendência, apresenta estreita relação com a denominada Abordagem Transdisciplinar (Nicolescu, 2005). O objetivo desta pesquisa é, pois, verificar se há e, em caso afirmativo, quais seriam as aproximações entre estas duas novas perspectivas e possíveis implicações para a Educação/Educação Física. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, com base nos principais pilares desta investigação, a saber: Motricidade Humana, Abordagem Transdisciplinar, Corpo, Saúde e Educação/Educação Física. Os resultados sugerem uma frutífera inter-relação entre a CMH e a Transdisciplinaridade, em particular com os estados de Fluxo (Csikszentmihalyi, 2009), e Composição (Sant'Anna, 2001), induzidos por certas práticas corporais.

Palavras-chave: Educação Física; Ciência da Motricidade Humana; Transdisciplinaridade; Corpo; Saúde; Educação.

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil, na modalidade de bolsa de pós-doutoramento no exterior (2015-2016)

Referências

- CSIKSZENTMIHALYI, M. *Flow: The Psychology of Optimal Experience*. New York, NY: HarperCollins Publishers, 2009.
- GOSWAMI, Amit. *God is Not Dead: What Quantum Physics Tells Us About Our Origins And How We Should Live*. Charlstonville: Hampton Roads Publishing Company, 2012.
- NICOLESCU, B. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Editora TRION, 2005.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SÉRGIO, M. *Motricidade Humana: o itinerário de um conceito*. In: Sousa, J.A. *Motrisofia: Homenagem a Manuel Sérgio*. Lisboa: Editora Piaget, 2007.

SOUSA, José Antunes. *Motrisofia: Homenagem a Manuel Sérgio*. Lisboa: Editora Piaget, 2007.

EXPLORANDO A HISTÓRIA DO ESPORTE OLÍMPICO BRASILEIRO PELAS MEMÓRIAS DAS ATLETAS NEGRAS

Neilton Ferreira Junior - neilton.junior@usp.br
Escola de Educação Física e Esporte - EEFÉUSP

A trajetória das mulheres negras no esporte olímpico brasileiro é uma das páginas mais esquecidas da história do esporte nacional. Ao passo em que as memórias marginais começam a ganhar o apreço dos estudos socioculturais do esporte, novas possibilidades se abrem para se pensar o papel das "pessoas comuns", das ideias e das subjetividades no processo histórico. As memórias marginais lançam luz sobre as tensões, lutas e relações de poder inerentes ao processo histórico, recuperando com isso o tamanho original da própria História, uma vez que traz à cena o indivíduo, os grupos e as identidades sociais nela implicadas. O objetivo desta pesquisa é revisitar a história do esporte brasileiro através da trajetória e narrativas das atletas brasileiras negras. Metodologia que nos permite inicialmente compreender que os caminhos da mulher negra no esporte foram, e continuam sendo, atravessados por tensões e relações de poder específicas, que a ela se apresentam desde o núcleo familiar às instituições esportivas e projetos políticos dos quais participa. Condição que torna seu sonho de realização no esporte uma tarefa essencial e inevitavelmente transgressora. As narrativas biográficas das atletas negras têm compreendido um importante referencial crítico à hegemonia de perspectivas universalistas que tendem desconsiderar as diferenças e desigualdades históricas existentes entre as mulheres atletas no Brasil. São memórias, projetos, dilemas, lutas, derrotas e conquistas que nos permitem acessar as múltiplas interseções entre as relações de gênero, classe e raça no campo esportivo.

Palavras-chave: Atletas brasileiras negras; Narrativas biográficas; Raça; Classe.

Referências

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. Trad: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FARIAS, C. M. *Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras*. Revista Estudos Feministas. 19(3): 392, setembro/dezembro, pp. 911-929, 2011.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000300014>

RUBIO, K. *Narrativas Biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Képos, 2016.

O RUGBY EM SANTA CATARINA: PRIMEIRO E SEGUNDO SEXO

Alice Francisco Freitas - alice.19freitas@gmail.com

Carolina Fernandes da Silva

Departamento de Desportos - UFSC

O rugby brasileiro caminha em direção de sua legitimação no cenário internacional. Entretanto, o rugby é um esporte de representações masculinas, envolvido por um cenário abastecido por uma cultura machista, como afirma Almeida (2008, p. 1), “identifico o rugby como uma prática que foi historicamente fundamentada e institucionalizada num contexto cultural onde as masculinidades se destacavam, e atualmente ainda persistem como principal Referências”, Martín ainda complementa (2011, p.1), “[...] present rugby as a sexually indifferent environment where the feminine is absent because both genders are defined in male terms¹”. Em vista disso, o rugby feminino brasileiro ainda procura estabelecer seu espaço e sua visibilidade. Diante deste cenário, a presente pesquisa visa compreender como ocorrem as relações entre as equipes masculinas e femininas de rugby em Santa Catarina. Para tanto, vê-se como emergente pensar filosoficamente as relações de gênero pelo olhar de Simone Beauvoir aplicada nas falas das atletas do rugby feminino da capital de Santa Catarina. A coleta de informações ocorreu a partir da metodologia da História Oral, a qual orienta a realização e análise de entrevistas, que foram realizadas com atletas da equipe Desterro Rugby da cidade de Florianópolis. Destaca-se um ponto principal do livro *O Segundo Sexo* que é sobre O Sujeito e O Outro, como cita Beauvoir: [na sociedade patriarcal] “a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (p. 18). Esta teoria é observada no rugby, como nos relata a Jogadora A: “[...] o masculino acaba dando menor importância ao feminino do que ele tem, o nosso time é bi campeão brasileiro e muitas vezes eles não colocam o feminino como prioridade [...]”, e acrescenta: “[...] vai ter jogo, mas o masculino é o principal, o feminino fica em segundo plano, [...] era o jogo deles e o nosso, o complemento”. Conseguimos observar que em um clube de rugby as relações perante a sociedade ainda são mantidas e reproduzidas, a cultura do país pode afetar a cultura de uma modalidade como salienta a jogadora B: “[...] querendo ou não isso é cultural, principalmente aqui no Brasil, o homem sempre toma a frente de tudo, e é essa cultura que por mais que não seja do rugby ela não se separa,”. Diante do exposto, podemos concluir que a partir do embasamento filosófico eleito para compreender a relação de hierarquia entre homens e mulheres no rugby, os depoimentos confirmam a mulher posta socialmente em uma posição de O Outro, consequência de um processo histórico e cultural, atrelado e reproduzido pelo pouco espaço e recepção que o rugby feminino possui.

Palavras-chave: Rugby; Gênero; Filosofia; Esporte.

Referências

ALMEIDA, T. R. *MULHERES PRATICANTES DE RUGBY: FEMINILIDADES EM JOGO*. 1º Encontro da Alesde “esporte na América Latina: Atualidade e Perspectivas”, Curitiba, v. 1, n. 1, p.1-7, nov. 2008.

BEAUVOIR, S. *O segundo Sexo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MARTÍN, M. *The (im)possible sexual difference: Representations from a rugby union settin*. International Review For The Sociology Of Sport, Catalonia, v. 2, n. 47, p.183-199, dez. 2011.

¹ Atualmente o rugby é um ambiente sexualmente indiferente onde o feminino está ausente porque ambos os sexos são definidos em termos masculinos.

CIBERESPORTES E CIBERATLETAS: CONSIDERAÇÕES COM BASE NA ABORDAGEM PRAGMÁTICA DA LINGUAGEM DE WITTGENSTEIN

Paula Dirceu Ribeiro Nogueira da Gama - paula.dirceu@hotmail.com

Carla Rocha Araújo

Lamartine Pereira DaCosta

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

A digitalização de aspectos físicos, culturais e sociais do cotidiano por meio de tecnologias de modelização de informação constitui uma ação recorrente do *modus vivendi* pós-moderno. Por meio delas, atividades usuais na contemporaneidade (comercializar bens, educar, gerir recursos...) adquiriram a possibilidade de realização em contextos interativos eletronicamente criados, incluindo o esporte. Através de aplicativos e softwares, os usuários de PCs, notebooks e smartphones também podem se dedicar, na atualidade, a prática de modalidades como automobilismo, artes marciais, futebol, dança etc. em ambientes simulacionais informatizados. Este fenômeno vem chamando a atenção de filósofos do esporte contemporâneos, os quais têm procurado demarcar os horizontes epistêmicos destes “ciberesportes” ou “esports” (eletronic sports) tecendo análises conceituais a partir de definições correntes do termo esporte. De cunho revisionista, formal e comparativo, tal procedimento reafirma o emprego da linguagem na produção de conhecimento segundo uma tradição abstracionista, lógica e identitária. As propriedades desse tipo de abordagem foram esquadrihadas por Ludwig Wittgenstein (1889-1951) na obra *Tractatus Logico-Philosophicus*, de 1922, sendo chamadas de representativo-figuracionais ou instrumentais. A partir de 1930, o filósofo desinteressou-se desse objeto de estudo para centrar sua investigação no uso pragmático da linguagem, caracterizado como a totalidade dos proferimentos linguísticos constituídos nos consensos preliminares de uma forma de vida cultural compartilhada intersubjetivamente, ou mediante pré-compreensões de práticas comuns reguladas por instituições e costumes. Para Wittgenstein, as formas de vida é que regulam o emprego dos vocábulos e proposições numa rede pública de possíveis colocações de finalidades e ações. A esse modo de ação linguística, entrelaçado à práxis no mundo da vida, o pensador conceituou-o como “jogo de linguagem”. Com base nesta apreciação, pode-se colocar, enquanto hipótese de trabalho, que a concepção de ciberesportes, para os usuários da cibercultura que o exercem, remete a jogos de linguagem forjados e desempenhados no compartilhamento de experiências próprias. Isto posto, o presente estudo objetiva caracterizar os ciberesportes sob o prisma dos jogos de linguagem de ciberatletas. Para isso, recorreu-se aos fóruns públicos de discussão das revistas digitais “Wired” e “Geek”, adotando-se como frase guia a proposição “cyberathletes comment cybersport”. As expressões, depoimentos e orações vindos à baila foram reorganizados a partir da identificação de sentidos comuns. Os resultados mostram que ciberatletas concebem os ciberesportes como modalidades coletivas, com organização institucional, podendo ser praticados profissional ou amadoristicamente em ambientes informacionais, mas que não necessariamente precisam reproduzir esportes convencionais. A violência é apontada como elemento motivador das práticas. Admitem necessitar de resiliência física associada ao domínio de habilidades estratégicas, físicas e mentais. Sobre a aptidão física geral, veem-na como agente influenciador de performances, porém como coadjuvante. O fair-play é considerado significativo e a admissão do doping é reconhecida. Percebe-se que os predicados dos ciberesportes parcialmente destoam daqueles enumerados pela conceituação filosófica esportiva tradicional.

Palavras-Chave: Ciberesportes; Ciberatletas; Jogos de Linguagem; Wittgenstein.

Referências

HEMPHILL, D. Cybersport. *Journal of the Philosophy of Sport*, 2005, 32, 195-207.

RUSS, J. *Os métodos em filosofia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

A DIVERSIDADE EPISTEMOLÓGICA DA SUBÁREA SOCIOCULTURAL NA PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Leonardo do Couto Gomes – leo_gomes.97@hotmail.com

Letícia Cristina Lima Moraes

Marcelo Moraes e Silva

Universidade Federal do Paraná

A trajetória do campo acadêmico da Educação Física brasileira é marcada por diversas mudanças paradigmáticas que transformaram os sentidos e os olhares presentes na área. Sendo um âmbito considerado novo quando comparado às chamadas “ciências mães”, Bracht (1999) lembra que no final da década de 1960 a Educação Física brasileira ainda não possuía respaldo científico propriamente dito. Feron e Moraes e Silva (2007), discorrem que em meados da década de 1980, com o enfraquecimento da ditadura militar, ocorreu uma ascensão de críticas sociais diversas, que eclodem juntamente com a redemocratização do país, gerando também uma necessidade de implementação de discussões com cunho nas ciências humanas e sociais. Na Educação Física, a introdução destas ciências conflitou com os antigos saberes que eram plenamente amparadas em preceitos biológicos, reforçando assim disputas epistemológicas dentro do campo da Educação Física no Brasil. Em concomitância ao processo de criação e ampliação de discursos amparados em matrizes voltadas às ciências humanas na Educação Física brasileira Bastos, Sá e Rocco Júnior (2017) ressaltam que programas de pós-graduação na área foram desenvolvidos e tornando-se palco de debates marcados pela heterogeneidade epistemológica que estava se estabelecendo no campo da Educação Física brasileira. Essa pluralidade de sentidos que se formaram, oriundas das ramificações que surgiram no campo, foram essenciais para compreender os conflitos internos que regem a produção de conhecimento em Educação Física no Brasil. Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a mapear os programas de pós-graduação em Educação Física no Brasil, evidenciando especificamente a subárea Sociocultural. Busca-se responder o seguinte problema: Como vem se estabelecendo a subárea Sociocultural dentro dos programas de pós-graduação em Educação Física no Brasil? O presente estudo é caracterizado como exploratório descritivo, devido a utilização da técnica de análise documental que descreve sobre matérias que ainda não foram analisados. Para realização de tal empreitada foram realizadas buscas nos veículos *online*: Plataforma Sucupira e Currículo *Lattes*. Seguiu-se a classificação baseada na sugestão de Manoel e Carvalho (2011), os pesquisadores dividem a pós-graduação em Educação Física em 3 subáreas: Biodinâmica, Sociocultural e Pedagógica. Como resultados, encontrara-se 807 docentes credenciados nos 36 programas de pós-graduação em Educação Física. Destes, 190 docentes foram classificados como pertencentes à subárea sociocultural por estarem, de alguma forma, envolvidos com pesquisas/investigações ligadas a esta vertente. Como considerações finais constatou-se discrepâncias existentes entre as subáreas, estas intimamente relacionadas ao tipo de conhecimento predominante em cada uma delas, na Biodinâmica prevalecem estudos pautados em informações quantitativas, na Pedagógica e Sociocultural, sobressaem dados qualitativos, fazendo com que os primeiros estejam atrelados ao discurso científico que sustenta as Ciências Naturais e, os outros dois, vinculados às Ciências Humanas Logo, a predominância da Biodinâmica pode ser explicada pela trajetória epistemológica do próprio conhecimento científico, uma vez que a identidade da Educação Física encontra-se fortemente relacionada com as Ciências Naturais, sobretudo, as da área biológica e da saúde.

Palavras-chave: Epistemologia; Pós-Graduação; Sociocultural.

Referências

BRACHT, V. *Educação Física & Ciência: Cenas de um Casamento* (In)Feliz. Ijuí: UNIJUÍ, 1999

FERON, A. de V.; MORAES E SILVA, M. *A Igreja do “Diabo” e a Produção do Conhecimento na Educação Física*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 29, n. 01, p. 107-122, Set 2007.

MANOEL, E. J.; CARVALHO, Y. M. *Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 389-406, 2011.

DIÁLOGOS ENTRE BACHELARD NOTURNO E A VELA ESPORTIVA

Hackerott, Maria Altimira - mhackerott@gmail.com
Escola de Educação Física e Esporte - EEFUEUSP

Este trabalho busca revelar como os estudos de Bachelard (1996, 2001a, 2001b, 2002, 2003, 2008a, 2008b) podem contribuir na pesquisa dos esportes quando indagado sobre a relação afetiva do esportista com a prática. Para tal investigação optou-se por aprofundar a discussão no caso da vela esportiva, reiterando que as reflexões podem ser ampliadas para outras modalidades. A escolha por estudar o caso da vela esportiva se deve à proximidade da autora com a prática. Sendo a pesquisadora também velejadora, o contato com outros praticantes, o acesso ao esporte e a sistematização da pesquisa foram facilitados. Ao estudar o fenômeno esportivo percebe-se uma relação visceral entre a prática e o praticante, há uma força irracional e devaneante, a qual envolve desejos e fascínios. As obras de Bachelard da sua fase noturna colaboram com a investigação destes temas relacionados ao devaneio. Bachelard faz uma 'fenomenologia da imaginação' conforme pesquisa as imagens presentes na literatura que estão relacionadas com cada um dos quatro elementos - fogo, terra, água e ar. Ele fala de uma imaginação material, calcada no mundo, que é potencializada pela materialidade dos elementos. Em suas obras é possível encontrar imagens primeiras, que se repetem no esporte e explicam o fascínio dos praticantes. Deste modo, este trabalho busca descrever como as imagens poéticas presentes na obra de Bachelard colaboram na compreensão do fascínio dos velejadores pela vela esportiva. A partir de pesquisa de campo, em que a autora conviveu com os velejadores, fez entrevistas e observação participante durante seu mestrado nos anos de 2016 e 2017, foram encontrados elementos fascinantes, os quais puderam ser analisados e relacionados com as obras de Bachelard. Este movimento que associa a imaginação material com a prática esportiva permite o aprofundamento dos estudos da experiência vivida, cerne das pesquisas fenomenológicas na área do esporte.

Palavras-Chave: Vela; Imaginário; Fenomenologia.

Referências

- BACHELARD, G. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *A Terra e os Devaneios da Vontade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.
- _____. *O Ar e os Sonhos- Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
- _____. *A Água e os Sonhos- Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *A Terra e os Devaneios do Repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- _____. *A Psicanálise do Fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

O ESPORTE DE ORIENTAÇÃO: UM OLHAR PARA A PRÁTICA EM MEIO A “NATUREZA”

Hercules, Emilia Devantel – myla_hercules@hotmail.com
Picetskei, Caroline Costa
Cavicchiolli, Fernando Renato
Universidade Federal do Paraná - UFPR

A corrida de orientação é uma prática que possui características que que enfocam o espaço natural, mas também desenvolvem um olhar diferenciado para o espaço construído social e culturalmente; uma vez que muitos mapas e eventos são realizados em localidades urbanas ou quase urbanas. A prática engloba diversos aspectos físicos, cognitivos e pedagógicos em meio ao ambiente natural. Há uma pedagogia corporal que aplica-se sobre os sujeitos fazendo com que este instigue-se e deseje novas formas de agir e perceber esse universo da natureza, um meio que é construído em medidas e proporções que atendam às necessidades de um modo de ser único, humanizado e pedagogizado na medida da incitação que provoca. Pode-se perceber uma “domesticação” desses espaços inventados, pois expressam um “ideário de vida ao ar livre”, nesta perspectiva, a corrida de orientação inclui-se em uma cultura física sustentada por suas próprias crenças e saberes; codificada em um esporte e/ou enquanto prática recreativa possibilitando uma vivência junto a uma natureza construída e cerceada pelo homem. O risco da prática é assumido por seus praticantes e medido de acordo com a técnica individual - há provas de grandes dificuldades em espaços extremos, mas também há provas para iniciantes que querem experimentar um contato novo junto a natureza, é um esporte para todos - ofertado a poucos passos do meio urbano, a qualquer um que assumir um risco controlado e expandir suas tensões ao orientar-se na mata. Reconhece-se nele uma ludicidade e uma emoção não só na corrida, mas também nos espaços em que elas acontecem. O objetivo é discutir a ampliação da corrida de orientação, a partir de uma sociedade que consome e persegue vivências junto a uma natureza de certa forma “domesticada”. Para tal investigou-se os modelos de corrida de orientação ofertadas pelas federações e observou-se a participação de civis em eventos organizados em 2017. O estudo ainda está em andamento, mas no processo de expansão dessa modalidade pode-se perceber várias interfaces de consumo, uma vez que o esporte cresce em número de modalidades ofertadas e contempla diversos tipos grupos, destaca-se também a inserção no espaço escolar que difunde o esporte baseado. Indica-se um aumento na prática deste esporte, principalmente socialmente, uma vez que ele sai do meio militar e alcança espaços diferenciados e civis.

Palavras-Chave: Esporte; Orientação; Prática Esportiva.

Referências

- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- LE BRETON, D. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas: SP, 2009.
- KIRK, D. *Physical culture, physical education and relational analysis*. Sport, education and society, 4(1), 63-73, 1999.

A PERCEÇÃO DO CUME DAS MONTANHAS: UM OLHAR PELA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY

Ito, Eric Sioji - ericito90@hotmail.com

Hipólito, Leonardo

Escola de Educação Física e Esporte - EEFES USP

Vislumbrar um cume de montanha é sempre uma sensação única. Olhares longínquos, perdidos em devaneios, um vibrar diferente do corpo. Uma vez no topo, o vento, o som, o calor, os minutos contemplativos são percebidos e apropriados. Porém as apropriações seriam diferentes em relação ao modo como se chegou nesse cume? A trajetória e forma de atingir o objetivo final - caminhando ou escalando, de carro ou de helicóptero, por uma rota ou por outra - irá influenciar na percepção do cume? Maurice Merleau-Ponty (2011), na Fenomenologia da percepção discorre a respeito da percepção humana, que segundo ele se dá por uma percepção do corpo próprio. Para o autor toda a percepção exterior é uma relação da percepção do corpo próprio, de todas as experiências anteriores e possíveis que tivemos ou que poderíamos ter. Para Merleau-Ponty (2011) as experiências vividas alteram nossa percepção do mundo, pois nossa percepção se dá por meio do nosso corpo e é através deste que nos relacionamos com o mundo. Seria então a mesma coisa ascender ao topo de uma montanha por uma trilha de 5 horas, com um tempo maior para contemplar e experienciar a natureza da montanha, passando por suas encostas, sua flora e fauna, seus cheiros, suas tonalidades, seus desníveis, experienciar o cansaço e o suor ou chegar escalando uma face rochosa, onde cada friso da pedra é importante para sua ascensão, onde o medo latente se torna presente, onde cada mínima diferença de inclinação da rocha se torna um martírio ou uma dádiva? Seria possível sugerir que perceber dobras, quebras, erosões ou observar a montanha de cima para além de seus contornos no conforto de um helicóptero, de uma maneira panorâmica em todo seu tamanho e forma bruta são experiências diferentes que alteram a própria forma de perceber do montanhista? Apropriando-se do conceito de corpo próprio e de mundo percebido de Merleau-Ponty (2011), essas relações se iluminam e dão espaço a uma compreensão da percepção humana que transcende a imagem da montanha como espetáculo e lhe aplica profundidade de sensações e temporalidade. Assim sendo a percepção de um cume deixa de se pautar somente no sentir imediato e se transforma em um sentir amplo, que constitui a percepção humana a partir de uma noção de corpo não somente como receptor de sensações, mas com responsabilidade ativa em uma relação que se constrói no tempo e no espaço. Deste modo, o objetivo desse trabalho é analisar as possibilidades de diferentes experiências corpóreas vividas na ascensão de montanhas, considerando como Referências a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (2011). Trata-se de um exercício reflexivo acerca do fenômeno da percepção a partir da descrição da experiência da escalada e as possibilidades que se apresentam nos diferentes trajetos a serem percorridos, com suas belezas, nuances e dificuldades.

Palavras-Chave: Escalada; Montanhismo; Fenomenologia; Percepção; Corporeidade.

Referências

FIGUEIREDO, J. L. Corpo próprio, especialidade e mundo percebido em Merleau-ponty. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martin Fontes, 2011.

VERISSIMO, D. S. Considerações sobre corporeidade e percepção no último Merleau-Ponty. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 18, n. 4, p. 599-607, Dez. 2013. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2013000400007&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 11 Mar. 2017.

UMA ANÁLISE DELEUZO-GUATTARIANA DO 'SMART MOVES' – UM PROGRAMA DE ATIVIDADE FÍSICA NAS ESCOLAS SECUNDÁRIAS DO ESTADO DE QUEENSLAND, AUSTRÁLIA

Knijnik, Jorge – j.knijnik@westernsydney.edu.au
Western Sydney University

A incidência de obesidade infantil no estado de Queensland (QLD/Australia) dobrou entre os anos de 1985 e 2006. Ao mesmo tempo, os níveis de atividade física diária entre os estudantes deste estado estão atualmente abaixo das orientações para uma vida saudável promovidas pelo governo federal australiano. Com o intuito de modificar estas tendências, o governo de QLD desenvolveu uma série de medidas e programas para tentar combater a aparente 'crise de saúde' nas escolas estaduais. Em 2014, o Departamento de Educação de QLD introduziu o *Smart Moves*, um programa de atividade física nas escolas estaduais que pretende abranger todas as áreas curriculares. Em QLD, as atividades físicas são tradicionalmente promovidas no interior do território da área de *Saúde e Educação Física (HPE)* e complementadas por meio do esporte escolar. Desta forma, a introdução do *Smart Moves* possibilita uma ampliação deste quadro através de um novo programa o qual ambiciona envolver todos os estudantes em atividades físicas que se somem aquelas já existentes no interior das aulas de HPE e das praticas esportivas competitivas. Este estudo objetiva analisar os métodos pelos quais o programa *Smart Moves* pretende de-territorializar a promoção de saúde e a pratica regular de atividade física, deslocando-as dos seus lugares tradicionais e historicamente demarcados no interior da educação para distribui-las através de todo o curriculum escolar das escolas de QLD. Esta análise do *Smart Moves* almeja apontar as formas como este programa oferece novas conexões para que os e as estudantes de QLD possam aproveitar as atividades físicas escolares para além do curriculum de HPE e do esporte escolar. Empregando um referencial teórico baseado nas noções Deleuzo-Guattarianas do Body without Organs (Bw); desejo e maquinas do desejo (montagens), este trabalho analisa tanto as direções iniciais do *Smart Moves* quanto a sua implementação nas escolas. O estudo se propõe a iluminar o efetivo potencial do programa para ampliar tanto a qualidade como a quantidade de atividade física praticada pelos alunos durante o período escolar. Esta análise considera que, conforme o ambiente escolar se reforma e se adequa a pressões sociais, a pratica diária dos professores de QLD vem cada vez mais sendo regulada por diversas influencias externas a escola que pretendem controlar cada passo da vida escolar: regulamentos, padrões de ensino e de aulas, avaliações e uma enorme responsabilidade e prestação de contas sobre a segurança do alunado. Estas forças controladoras regulam tanto a vida profissional quanto a pessoal daqueles que entram e se mantêm no setor educacional do estado, o que pode afetar a implementação de atividade física (e do *Smart Moves*) na escola. Para ampliar a investigação das macro e micro forças sociais que influenciam os estudantes e sua participação em atividade física, esta pesquisa também utiliza conceitos da subjetivação dos corpos na sociedade contemporânea (Foucault, 1977; Deleuze, 1995). Este corpo teórico será empregado para avaliar as tecnologias de controle corporal utilizadas pelo *Smart Moves*.

Palavras-Chave: Controle social; Atividade física escolar; Regulação corporal.

Referências

DELEUZE, G. *Negotiations 1972 - 1990* (M. Joughin, Trans.). New York: Columbia University Press, 1995.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia* (B. Massumi, Trans.). London: University of Minnesota Press, 1987.

FOUCAULT, M. *Discipline and Punish: The Birth of the Prison* (A. Sheridan, Trans.). London: Penguin Books, 1977.

A ESTÉTICA DA DOR: O FASCÍNIO PELO SOFRIMENTO NO CICLISMO DE ESTRADA NO CONTEXTO DO TOUR DE FRANCE

A bicicleta surgiu no contexto europeu do final do século XIX. O “andar de bicicleta”, que inicialmente era uma atividade das elites, logo se popularizou e passou a incorporar membros das classes menos abastadas. Concomitante a este processo o andar de bicicletas adquiriu um novo significado, o competitivo. Afinal diversas provas ciclísticas foram criadas em diversos países europeus no final do século XIX. Notadamente na França o ciclismo de estrada atraiu os olhares dos espectadores ao longo das estradas e suscitou a admiração pelas corridas de longa distância de percursos difíceis pelas montanhas francesas. Em 1903 o *Tour de France*, idealizado pelo jornalista Henri Desgrange, tornou-se a corrida de bicicleta mais difícil do mundo. Dividida em etapas ela exigia muito esforço físico e mental dos corredores. Assim, desde a sua origem o fascínio dos espectadores pelo sofrimento dos corredores fora uma marca da corrida francesa. Da mesma forma os corredores do *Tour*, ao longo de mais de um século da corrida identificaram suas *performances* ao sofrimento e à dor, especialmente nas longas escaladas das montanhas impostas nos percursos. Assim, o presente trabalho procurou lançar um olhar sobre a estética da dor e do sofrimento vivido pelos corredores de bicicleta e o seu fascínio no contexto do *Tour de France*. O material selecionado para a construção do presente trabalho se baseou em uma série de documentos que versam sobre o ciclismo de estrada. As fontes incorporam materiais bibliográficos sobre o evento e seus corredores, obras da literatura francesa que versam sobre a importância histórica da corrida e seu simbolismo e, finalmente, um rico material ilustrado sobre os cem anos do *Tour de France* somado a um conjunto de fontes iconográficas e áudio visual completam o material de pesquisa utilizado. A título de conclusão o trabalho sinaliza que a constituição histórica e heroica ligada ao *Tour de France* aponta para o fascínio sobre a dor e o sofrimento como elemento significativo na construção de uma representação estética no *Tour de France*.

Palavras-Chave: Tour de France; Ciclismo de Estrada; Ciclismo; Antropologia da Dor.

Referências

- AUGENDRE, J. *Le Tour: 25 étapes de legende*. Paris: Solar Editions, 2009.
- GUMBRECHT, H. U. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- LE BRETON, D. *Antropologia da dor*. São Paulo: Fap-Unifest, 2013.

OS CORPOS DO *TOUR DE FRANCE*: A BELEZA DOS CORREDORES DE BICICLETA: APONTAMENTOS SOBRE A ESTÉTICA, CORPO E ESPORTE

Lessa, Priscila Requião - pryslessa@gmail.com
Silva, Marcelo Moraes e
Universidade Federal do Paraná - UFPR

A bicicleta surgiu no contexto europeu da modernidade, no final do século XIX. Desde o seu surgimento o “andar de bicicleta”, que inicialmente era uma atividade física das elites, adquiriu um novo significado, o competitivo. Notadamente na França o ciclismo de estrada atraiu os olhares dos espectadores ao longo das estradas e suscitou a admiração pelas corridas de longa distância de percursos difíceis pelas montanhas francesas. Em 1903 o Tour de France, idealizado por Henri Desgrange, tornou-se a corrida de bicicleta em etapas mais difícil do mundo. O presente trabalho lançou um olhar sobre a estética dos corpos dos corredores de bicicleta do Tour de France. Para essa reflexão foram utilizados os conceitos de beleza de Vigarello, Gumbrecht e Lacerda. Ainda tomou-se como elemento importante na construção da beleza esportiva valores ligados as qualidades de caráter, valores morais na competição e performance esportiva. Por fim, abordou-se ainda os conceitos de sublime, argon e areté como elementos da construção estética esportiva no contexto do *Tour de France*. O material selecionado para a construção do presente trabalho se baseia em uma série de documentos que versam sobre o ciclismo de estrada. As fontes incorporam materiais bibliográficos sobre o *Tour de France* e seus corredores, obras da literatura francesa sobre a importância histórica do Tour e seu simbolismo e, finalmente, um rico material ilustrado sobre o centenário do Tour de France somado a um conjunto de fontes iconográficas e áudio visuais completam o material de pesquisa utilizado. Em conclusão a pesquisa aponta para o fascínio sobre os corpos dos corredores de bicicleta do *Tour de France* e suas diferentes formas de beleza esportiva ao longo da história da *Tour*.

Palavras-Chave: Tour de France; Ciclismo de Estrada; Ciclismo; Estética Esportiva.

Referências

- AUGENDRE, J. *Le Tour: 25 étapes de legende*. Paris: Solar Editions, 2009.
- DAUNCEY, H; HARE, J. *The Tour de France 1903-2003: a century of sporting structures, meanings and values (Sport in the Global Society)*. Nova Iorque: Routledge, 2012.
- GUMBRECHT, H. U. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HAMILTON, T. *A corrida secreta de Lance Armstrong: nos bastidores do Tour de France: doping, armazões e tudo o que for preciso para vencer*. São Paulo: Seoman, 2013.
- HOBSBAWM, E. J. *Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LACERDA, T. O. *Uma aproximação estética ao corpo desportivo*. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, Porto, v. 7(3), p.393–398, 2007.
- LE BRETON, D. *Antropologia da dor*. São Paulo: Fap-Unifest, 2013.
- VIGARELLO, G. *Corrigir el Cuerpo. Historia de un Poder Pedagógico*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2005.

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE GINÁSTICA RÍTMICA NA AMÉRICA LATINA, CARIBE E PAÍSES IBERO-AMERICANOS: UM OLHAR ATRAVÉS DE PERIÓDICOS

Moraes, Letícia Cristina Lima – letsmoraes96@gmail.com
Gomes, Leonardo do Couto
Silva, Marcelo Moraes e
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Originada em meados de 1930, a Ginástica Rítmica (GR) atingiu sua regulamentação e reconhecimento pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) como esporte olímpico apenas em 1984 (SANTOS; LORENÇO; GAIO, 2010). Pode-se considerar a prática da GR de forma binária: enquanto atividade de lazer e/ou de rendimento (BOAVENTURA, 2016). Em relação às competições, os países ibéricos só vão ganhar notoriedade em esfera mundial nos Jogos Olímpicos de Barcelona 1992, com uma medalha de prata espanhola no individual geral, e em Atlanta 1996, com o título olímpico do grupo também da seleção hispânica. No caso da América Latina, Lourenço (2003) evidencia que somente a partir de 1999, no XXII Jogos Pan Americanos em Winnipeg (Canadá), no qual o Brasil foi campeão, que a região atingiu resultados significativos em âmbito internacional acarretando em maior visibilidade da GR. As participações dos países caribenhos são até o presente momento simbólicas, entretanto, países como Cuba e Porto Rico também estão presentes nas grandes competições mundiais. Nota-se, portanto, um cenário promissor para o desenvolvimento da referida modalidade no contexto ibero-americano e caribenho, portanto, surge o interesse em investigar como essa modalidade esportiva vem sendo pesquisada na América Latina, Caribe e países Ibéricos. Sendo assim, o presente artigo buscou responder à seguinte problemática de pesquisa: Qual o perfil da produção científica sobre Ginástica Rítmica em periódicos da América Latina, Caribe e países Ibéricos? Trata-se de um estudo exploratório descritivo. Elencou-se artigos indexados nas seguintes bases de dados: Scielo, Lilacs e Medline e Redalyc. Foram utilizados os seguintes descritores: “Gimnasia rítmica”, “Gimnasia Rítmica deportiva”, “Sports Rhythmic Gymnastics”, “Rhythmic Gymnastics”, “Ginástica Rítmica”, “Ginástica Rítmica desportiva”. Como resultado encontrou-se artigos produzidos entre 2001 a 2017, totalizando em 48 artigos publicados em 27 periódicos diferentes, os quais 17 são brasileiros (total de 36 estudos), 7 espanhóis (com 8), 1 chileno com 2 textos, e as revistas colombiana e mexicana com 1 artigo cada. Destas, tem-se a predominância de publicações a Revista Brasileira de Educação Física e Esporte com 6 manuscritos, à Revista Brasileira de Medicina do Esporte com 5, a Revista Brasileira de Ciência e Movimento possui 4 e a Pensar a Prática contabilizada em 3 escritos. As outras 26 revistas contavam com 2 ou 1 artigo cada, em suas páginas. A temática que mais despertou interesse nos pesquisadores é relativa ao Treinamento, correspondendo a 41,67% de toda a produção científica encontrada sobre a Ginástica Rítmica. Apesar do predomínio do referido eixo, encontrou-se uma notória pluralidade epistemológica no fazer ciência sobre Ginástica Rítmica na América Latina, Caribe e países Ibéricos, visto que foi contemplado por diversificados enfoques epistemológicos como: aspectos psicológicos, aspectos educacionais, saúde e aspectos sociais, culturais e históricos. Conclui-se, portanto, a existência de um cenário auspicioso para uma área que pretende consolidar-se cientificamente. Sendo necessário a crescente de estudos amparados nas demais maneiras de se abordar o esporte, ascendendo estas produções quantitativamente e qualitativamente.

Palavras-Chave: Produção Científica; Ginástica Rítmica; Periódicos.

Referências

- BOAVENTURA, P. L. B. *Técnica, estética, educação: os usos do corpo na ginástica rítmica*. 445 f. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- LOURENÇO, M. R. A. *Ginástica Rítmica no Brasil: a (r)evolução de um esporte*. 154 f. Dissertação. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2003.
- SANTOS, E.; LOURENÇO, M.; GAIO, R. *Composição coreográfica em ginástica rítmica: do compreender ao fazer*. 1. ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

O CORPO EM MOVIMENTO E TRANSFORMAÇÃO: A AUTOPOIESE E A CORPOREIDADE

Link, Annelise - anny.link93@gmail.com
Farias, Paulo Henrique Anselmo
Goulart, Renata Ramos
Universidade Caxias do Sul

Movimentar-se conta uma história e cria outra. A troca de significados e signos, assim como a produção de conhecimento advindo de fatores extrínsecos e intrínsecos, nos auxilia na formação da chamada “bagagem cultural emocional”, sendo este importante para a formação completa do indivíduo. Assim como somos afetados pelas manifestações sócio-culturais, também trazemos experiências e conhecimento de troca. Tratando-se de macro e microsistemas que se autotransformam e transformam uns aos outros, devido a fatores intrínsecos e extrínsecos, conseguimos misturar dois grandes conceitos: a Autopoiese e a Corporeidade. A teoria da Autopoiese criada e definida no âmbito científico biológico, foi também aproveitada para as ciências humanas e sociais, discutindo que os sistemas sociais se autoconstroem e se autoreproduzem, entretanto dentro de seus microsistemas, há alterações que em conjunto com as mudanças intrínsecas que ocorrem no meio, geram uma cadeia de autotransformação extrínseca. Assim como a Autopoiese social dentro de um sistema possui fatores intrínsecos e extrínsecos que a transformam em um cenário amplo, a Corporeidade também é afetada por diferentes fatores que podem acarretar na mudança de nossos hábitos, reações e comportamentos. A grande quantidade de conceitos sobre a temática e as diferentes abordagens tanto psicológicas quanto filosóficas sobre o assunto, demonstram que definir um conceito fixo para corporeidade é de extrema complexidade. Acredita-se que este, deve-se a dois âmbitos: intrínsecos e extrínsecos ao ser humano. O primeiro, refere-se à profundidade do tema no âmbito de formação pessoal, contemplando o desenvolvimento e crescimento, físico, mental e espiritual. Estes três componentes em suas vertentes e criações tornam-se amplos, conexos e importantes para a maturação do ser. O segundo, diz respeito ao mundo externo ao homem, que o transforma constantemente, como as experiências individuais ou coletivas de aprendizado, a cultura e as vivências pessoais ajudando na formação de um indivíduo amplo, inteiriço e complexo. Dessa forma, o somatório de ambos se faz a Corporeidade em seu sentido extenso, mesclado e multifacetado. O conceito de Corporeidade dessa forma, pode ser compreendido como uma Autopoiese própria e individual, pois em ambos os conceitos a formação completa do indivíduo ocorre de forma individual, pessoal e íntima e ao mesmo tempo, de forma coletiva, ampla e social. O ser humano, o ser social e a sociedade se complementam, se autotransformam e por meio destas, transformam umas às outras. A troca entre o ser e o meio acaba por gerar no âmbito universal pancultural uma enorme gama de possibilidades e de formas de comunicação e movimento.

Palavras-Chave: Autopoiese; Corporeidade; Movimento.

Referências

- LUHMANN, N. *El derecho como sistema social*. No Hay Derecho, ano V, n.11, p.29-33, ago./out., 1994.
- MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, p. 200, 2001.
- MATURANA, H.; VALERA, F. *El árbol del conocimiento: las bases biológicas del conocimiento humano*. Madrid: Editorial Debate, 1996.

NÍVEIS DE COLABORAÇÃO ENTRE A FILOSOFIA E AS ARTES MARCIAIS

Luz, Alexandre Meyer - meyerluz@hotmail.com
Departamento de Filosofia
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Nesta comunicação pretendemos esclarecer e organizar possíveis aproximações entre a Filosofia, como atividade profissionalmente organizada na cultura contemporânea e a atividade esportiva (particularmente, aqui, as artes marciais). Particularmente, pretendemos mostrar que diferentes níveis destas interações devem respeitar diferentes características do papel do elemento discursivo na prática esportiva. Num primeiro nível, o da efetiva prática da arte marcial, por exemplo, a fenomenologia da luta parece sugerir que modelos avaliativos devem respeitar o caráter dinâmico e fluido daquela atividade e que, por isso, por exemplo, cabe ao Filósofo a elaboração de modelos de explicação da tomada de decisões que não idealizem de modo inadequado a efetiva racionalidade empregada pelo atleta durante a luta. No nível da interação não-competitiva entre praticantes, cabe ao Filósofo entender as características peculiares destas interações e sua inserção em culturas particulares para, daí, propor modelos de avaliação moral das práticas e etiquetas do ambiente de treino. Por fim, pretendemos propor um modelo geral neo-aristotélico que, como pretendemos defender, é capaz de integrar uma avaliação (e um modelo de desenvolvimento) epistêmica e moral mais frutuosa dos praticantes de artes marciais.

Palavras-Chave: Racionalidade; Justificação epistêmica; Sabedoria.

Referências

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômacos*. EdUNB, 1985.

SOSA, E. *Knowing Full Well*. Princeton UP, 2011.

ZAQQZEBSKI, L. T. *Virtues of the Mind: An Inquiry into the Nature of Virtue and the Ethical Foundations of Knowledge*. Cambridge UP, 1996.

A HERMENÊUTICA COMO PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A ANÁLISE DOS JOGOS ELETRÔNICOS E E-SPORTS

Machado, Raoni Perrucci Toledo - raoni@def.ufla.br
Universidade Federal de Lavras

Desde as primeiras formas massificadas de interação com as interfaces gráficas digitais na década de sessenta, os jogos eletrônicos foram ganhando cada vez mais poder de impacto cultural e econômico em nossa sociedade, até que se desenvolveram a um ponto em que no início deste século elas começam a atrair a atenção de pesquisadores de diversas áreas, e dentre elas a educação física em suas diferentes vertentes de se ver o mesmo fenômeno. As de maior acesso popular são as que buscam o desenvolvimento histórico dos videogames, apontando os jogos que tiveram mais sucesso, e que de certa forma são os que possuem maior impacto na construção do imaginário de muitas crianças e jovens. Da perspectiva acadêmica, é preponderante a visão utilitarista que se aplica a este fenômeno, como podemos observar através de uma busca simples nos portais de artigos científicos e ver o grande número de pesquisas tentando mapear aspectos fisiológicos e psicológicos envolvendo pessoas que jogam videogames, colocando-os como um grupo de indivíduos com características próprias sem, no entanto, compreender as peculiaridades dessa construção cultural na qual eles estão inseridos. Os jogos não são estáticos, estão constantemente sendo recriados e desenvolvidos, assim como sua jogabilidade, não se joga um jogo duas vezes da mesma maneira. Essa característica de criar, reproduzir e transmitir o coloca como um importante elemento cultural. Com o advento da possibilidade dos jogos online, a apropriação dessa criação se torna multicultural, onde jogadores entram em contato com outros jogadores em qualquer lugar do mundo com visões distintas do mesmo fenômeno interagindo em um mesmo local. Dessa forma, a interpretação deste quadro ultrapassa as simples características pontuais isoladas as características dos vários indivíduos envolvidos. E será justamente nessa tentativa que utilizaremos a hermenêutica como metodologia, ou seja, de buscar sentido naquilo que os jogos querem dizer, que os tornam aderentes nesta paisagem multicultural. Com isso, mais do que quantificar o potencial utilitário dos jogos eletrônicos e e-sports, pretendemos estabelecer um diálogo entre eles, seus jogadores e o ambiente em que estão inseridos.

Palavras-Chave: Jogos eletrônicos; E-sports; Hermenêutica.

Referências

FERREIRA, J.; BATISTA, M. G. D.; MORAIS, J. J. V.; SILVA, A. T. *Jogos eletrônicos online: por uma hermenêutica de vivência da criatividade no ciberespaço*. Anais do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA SANTOS, M. *Cultura imaterial e processos simbólicos*. Revista do Museu de Arqueologia e etnologia. N.14, p. 139 – 151, 2004.

MULLER, E. F. *Os conceitos estéticos-visuais dos jogos digitais*. Porto Alegre: Dissertação de mestrado, PUCRS, 2011.

O CORPO NO MUNDO: UM OLHAR A PARTIR DA FENOMENOLOGIA

Marcondes, Ianamary Monteiro - ianamary.marcondes@ifms.edu.br
IFMS
Souza, Bárbara Davalos de
UFMS

Enquanto sujeitos no mundo, somos um corpo em busca de expressão, destarte “é preciso reaprender a viver [...] como nosso corpo vive” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 285), percebendo e sentindo o mundo vivido. Historicamente a questão do corpo possui muitas nuances, discussões e olhares e, embasado por diferentes referenciais filosóficos, o corpo é desmistificado aos nossos olhos. A Fenomenologia agrega à esta temática ao desfazer a ideia dicotômica de homem e ensinando a viver corporalmente, utilizando as sensações, numa relação de interdependência. Desvelamos o conhecimento a partir das essências que nos conduzirão ao real, para tanto “rejeitamos o formalismo da consciência e fizemos do corpo o sujeito da percepção” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 303). O real é vivido e sentido corporalmente, resultando em conhecimento, oriundo da experiência corporal. A fenomenologia agrega movimento e percepção as discussões sobre o corpo, deixando de lado o olhar estigmatizado de um corpo mecanizado. Isso significa dizer que não somos meros reprodutores de padrões de movimento historicamente construídos. O conhecimento é constituído por percepções e essas são vivenciados corporalmente, por meio dos órgãos do sentido e suas comunicações com o mundo vivido. Asseveramos citando Merleau-Ponty (2011, p.315) ao afirmar que o “corpo é a textura comum de todos os objetos e é, pelo menos em relação ao mundo percebido, um instrumento geral de minha compreensão”. Caracterizamos então, o corpo encarnado, cujas subjetivações idealizadas intermedeiam sua comunicação com o mundo, remetendo a um corpo que transcende ao ideal objetivo. Este corpo sente e por meio dos sentidos, presente por meio do olhar, culminando em um corpo perceptivo e subjetivo. Destarte, nesse processo vivenciamos um sem-número de sensações e experiência em nosso mundo-vida (MOREIRA, 1995). A dificuldade em transformação deste ideal se dá por conta da construção histórica do corpo em movimento dentro da Educação Física, que ainda carrega um olhar reprodutivo e tecnicista, fruto de sua história enquanto produto dos interesses políticos nacionais (CASTELLANI FILHO, 1988). Mesmo após ao movimento renovador engajado nas décadas de 1980 e 1990, ainda há uma doutrina tecnicista no âmbito da Educação Física, dificultando a compreensão deste corpo encarnado. Discussões e estudos delineiam o olhar do corpo no mundo, agregando percepções e este fenômeno, de modo direcionar novos pensamentos e ideais para a Educação Física. Enquanto ciência do movimento humano, deve olhar para o corpo encarnado em sua totalidade, agregando suas percepções e subjetivações no processo de produção do conhecimento. O corpo em movimento constitui o sujeito em movimento, pois somos um corpo que sente, pressente e está presente em um mundo vivido.

Palavras-Chave: Corpo; Educação Física; Fenomenologia.

Referências

- CASTELLANI FILHO, L. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 8. edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MOREIRA, W. W. *Corpo presente*. Campinas: Papirus, 1995.

SKATE, LADEIRAS E BROTHERS: NOVAS FORMAS DE CONVIVÊNCIA ENTRE JOVENS NA CIDADE

Marsola, Mario Alberto Bergo - mario.marsola@usp.br
Zimmermann, Ana Cristina
Escola de Educação Física e Esporte - EEFE USP

Entre ladeiras e *brothers* manifesta-se um esporte na cidade de São Paulo: o skate. Os lugares frequentados por praticantes da modalidade *downhill* são as ladeiras, que acabam se tornando também um palco de relações socioafetivas mediadas por esta experiência corporal. Normalmente em grupos, os skatistas compartilham o gosto pelo skate e tendem a se socializar entre si com maior facilidade formando grupos com fortes laços afetivos. Essa associação pode ser relacionada com o conceito de “tribo” apresentado por Maffesoli (1998). A esses grupos é comum ser atribuída a palavra “família”, enfatizando a particularidade destas relações. As experiências criadas e vividas na prática do skate, mostram-se como um fator de forte impacto na aproximação dos praticantes. Os grupos demarcam também seus locais tradicionais de prática. Entre estes, com forte ressonância identitária para os skatistas de São Paulo, é possível destacar a Praça Monumento, ou melhor, a “Ladeira do Museu”, a qual fornece elementos para este estudo. Assim, o objetivo deste estudo é descrever as relações que se estabelecem entre skatistas, e entre estes e o espaço de prática e explorar como se elabora essa experiência. Inicialmente descrevemos o local e como ele se configura a partir das relações que ali se estabelecem, abordando a noção de familiar. Este espaço tem seus momentos de maior movimentação ao longo dos dias, mas é aos fins de semana que o movimento se intensifica. É curioso observar que muitos buscam qualidade de lazer (Bruhns, 2004) em seu tempo livre. Muitas vezes os skatistas se juntam não para efetivamente andar de skate, mas esta é a ocasião para o encontro. Acompanhando Maffesoli (1998), se percebe aquilo que Britto aponta como: “O skate tem a manha de criar tribos” (2000, p.13). A partir desta questão e de outros elementos sugeridos pela experiência com o skate e observados em pesquisa de campo, procuramos aprofundar as análises desta prática a partir da perspectiva da convivência. Buscamos evidenciar esses momentos de lazer em ambiente urbano para um melhor entendimento das relações socioafetivas que as práticas corporais podem proporcionar.

Palavras-Chave: Skate; Relações; Esporte; Urbano.

Referências

- BRITTO, E. *A onda dura: 3 décadas de skate no Brasil*. Parada Inglesa, 2000.
- BRUHNS, H. T. *Explorando o lazer contemporâneo: entre a razão e a emoção*. Movimento (ESEFID/UFRGS), 2004.
- MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

ENTRE GREGOS E NIPÔNICOS: RESSONÂNCIAS ENTRE TRADIÇÕES DE EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E CORPORAIS

Martins, Carlos José - carlosjmartins@hotmail.com
Departamento de Educação Física- UNESP Rio Claro

Encontramos na tradição grega e romana antigas um conjunto de práticas destinadas ao trabalho de si sobre si mesmo. Estas práticas eram denominadas pelo termo *áskesis* em grego e *ascese* em latim. Tais termos designavam precisamente “exercício”. Contudo, os termos recobriam tanto as esferas do corpo como as do espírito. Por exemplo, possibilitavam entrever que a representação de um exercício filosófico entrelaça-se com o ideal do atletismo e da prática habitual da cultura física nos ginásios. Do mesmo modo que, graças aos exercícios corporais repetidos, o atleta dá a seu corpo uma força e uma forma novas, graças aos exercícios filosóficos o filósofo desenvolve sua força de espírito e transforma-se a si mesmo. A analogia torna-se ainda mais fecunda na medida em que se considera que era exatamente no *gymnasion*, lugar em que se praticavam os exercícios físicos, que se davam com frequência as aulas de filosofia. Deste modo, exercícios do corpo e exercícios do espírito concorriam para constituir o homem forte, verdadeiro, independente e livre. Por outro lado, podemos encontrar na tradição oriental, aqui em especial na vertente japonesa, um conjunto de práticas que buscavam justamente obter transformações de seus adeptos mediante um meticuloso trabalho sobre si mesmo. Tais transformações se davam através de uma série de exercícios de corpo e espírito buscando levar em direção a um “despertar”, “*satôri*” em japonês, uma “iluminação”. No bojo desta tradição encontramos um conjunto de práticas oriundas do budismo e taoísmo chinês que aportam na ilha do sol nascente na forma de exercícios de ascese denominados *Zen-budismo*. Podemos constatar uma profunda influência do *Zen* na cultura japonesa tradicional: literatura, artes plásticas, arquitetura, teatro, vida cotidiana e artes marciais. Pode-se estabelecer análises comparativas entre as formas de ascese gregas clássicas e o zen sino-nipônico. Tal como nas práticas de *askésis* helênicas, o *zen* se disseminou pelo Japão através de formas de treinamento especiais realizadas em mosteiros e/ou “escolas” tradicionais por meio do que podemos denominar “vias”, “caminhos”, em japonês, “*dôs*”, leitura nipônica da palavra chinesa “*tao*”. A sua presença pode ser observada de forma emblemática no universo das artes marciais através da terminação de palavras como *kendô*, que designa a arte de conduzir o sabre, *Kyudô*, a arte do tiro com o arco, entre outras. Nosso propósito é procurar circunscrever as possíveis ressonâncias entre essas duas tradições heterogêneas através da noção de *askésis*. Em outras palavras, procurar-se-á descrever, por comparação e contraste, as formas de práticas de si colocadas em jogo nos diferentes modelos de *askésis* enquanto expressão de seu tempo e de suas culturas.

Palavras-Chave: Exercícios do Corpo; Exercícios Espirituais; Ascese.

Referências

- BRAUNSTEIN, F. *Penser les arts marciaux*. Presses Universitaires de France, 1999.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- HADOT, P. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Trad. Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

O “SPORT FOR ALL”: UMA PERSPECTIVA SOB A ÓTICA DE HENNING EICHBERG E SUA CORRELAÇÃO COM MODELOS DE GESTÃO DO ESPORTE

Melher, Luciana Itapema Alves - lucianaitapema@usp.br
Escola de Educação Física e Esporte - EEFEE USP

Henning Eichberg foi sociólogo cultural, historiador, importante pesquisador e influenciador das ideias sobre o “*Sport for All*” na Europa e no mundo. Sua principal contribuição foi extrapolar a visão tradicional analítica Anglo-Americana do século XX, entendendo o Esporte não somente como esporte, mas sim como cultura social. Afirma que há mais de uma concepção de esporte, assim como há várias culturas e socialidades numa dada sociedade. O Esporte é representado por movimentos esportivos. O termo movimento é compreendido em três esferas: corporal, emocional e social. E o Esporte, em três dimensões sociais: o Esporte de Elite, os Esportes Amplos e o Esporte Popular. Estas dimensões estão estreitamente correlacionadas com os ambientes emocionais. (Eichberg, H. 2010; Eichberg, H. 2016). Denominado de “o outro esporte”, o “*Sport for All*” é uma combinação das dimensões dos Esportes Amplos e do Esporte Popular. E está em contraposição ao modelo do Esporte de Elite. Foi consolidado no continente europeu por meio da “*European Sport for All Charter*” (Carta Europeia de Esporte para Todos), uma marcadora importante na história da política do esporte europeu. (Scheerder et al., 2011, Eichberg, H. 2010). “Na sociedade moderna, a ação humana desenvolve três esferas de racionalidades, criando diferentes condições para o comportamento ético – o Estado, o Mercado e Sociedade Civil”, cita Eichberg (2010). Westerbeek et al., 2006 (in Scheerder et al., 2011) adaptou para a gestão esportiva a dois modelos econômicos de gestão, denominados “*Rhineland*” e Anglo-Americano. O primeiro é um modelo sustentado e financiado por organizações com responsabilidades sociais, as decisões são tomadas na base do consenso e conceitos, há uma grande influência do Estado, é focada nos processos e resultados são esperados em longo prazo. O segundo é centrado num modelo mercadológico, competitivo, com fins financeiros, resultados e metas a curto prazo (lucro) e com limitada atuação do Estado (ou poder público). Quando o esporte é considerado como um fim nele mesmo, ou seja, a prática do esporte é a finalidade, no modelo “*Rhineland*” é apresentado sob a forma de competição esportiva, onde o aspecto jogo é o elemento central e normalmente é praticado em clubes esportivos. No modelo anglo-americano, o esporte enquanto prática é traduzido como “*fitness sport*”, num modelo de negócios por meio de academias de ginástica e marcas de exercícios físicos com forte relação com a saúde e estética. Neste modelo, o esporte pode ser também o meio para o alcance de outras finalidades ou propósitos. No modelo “*Rhineland*” o esporte é visto como um veículo para o alcance de objetivos com fins sociais, como por exemplo, a integração, a sociabilização, o aprendizado de habilidades sociais, empoderamento, desenvolvimento humano, dentre outros. Na perspectiva anglo-americana é traduzida como o esporte de mídia, esporte entretenimento, o esporte de alto rendimento e espetáculo. Tem fins comerciais, é entendido como negócio, é fisicamente passivo, pois a relação do público com o esporte se dá como espectador, no qual o espetáculo esportivo é o propósito final, e toda uma estrutura de gestão do esporte é desenhada para que se gere lucro. (Scheerder et al, 2011) Assim, concluindo, considerando as reflexões sobre o fenômeno “*Sport for All*”, a sua concepção e intencionalidade encontra-se, numa correlação para a gestão, o modelo “*Rhineland*” como seu ponto convergente. Já o modelo anglo-americano é o seu ponto divergente, antagônico.

Palavras-Chave: Esporte; Cultura; Gestão do esporte; *Sport for All*.

Referências

EICHBERG, H. *Bodily Democracy: Towards a Philosophy of Sport for All*. 1st edition. Routledge: Taylor and Francis, 2010

_____. *Questioning Play: What play can tell us about social life*. Routledge: Taylor and Francis, 2016. Edição do Kindle.

SCHEERDER, J. et al. *Understanding the Game. Sport Participation in Europe: Facts, reflections and recommendations*. Research Unit of Social Kinesiology & Sport Management of the K.U. Belgium, 2011

ESTUDANTES VAMOS PASSEAR NO PARQUE URBANO?: VIVENCIANDO O LAZER POR UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA

Mello, Endrigo Silva - endrigo.mello@usp.br
Pacheco, Reinaldo Tadeu Boscolo
EACH/USP

Esse trabalho é oriundo de um projeto que proporcionou em 2017 uma vivência para 60 estudantes do ensino fundamental da rede estadual desfrutarem das atividades físicas de lazer no Parque Gabriel Chucre localizado no município de Carapicuíba, uma cidade da Região Metropolitana do Estado de São Paulo. O objetivo do projeto foi aproximar os estudantes dos espaços públicos de lazer da sua cidade com a proposta de reflexão numa perspectiva filosófica sobre o fenômeno do lazer nesse contexto social e histórico. Utilizando-se da metodologia da pesquisa-ação desenvolveu-se 4 eixos temáticos para os estudantes construir o conhecimento sobre o direito ao lazer; 1) O lazer do senso comum para o conceito de Joffre Dumazedier; 2) A crítica a mercantilização do tempo livre de acordo aos estudos de Karl Marx; 3) Com base na obra de Johan Huizinga expõe a formação da cultura humana e o lúdico; 4) A cidade e as atividades de lazer ao ar livre pela concepção contemporânea de Gilles Pronovost. Com o envolvimento dos participantes do projeto fez-se um diagnóstico sobre o uso do tempo livre e quais espaços do bairro eram mais utilizados pelas crianças e adolescentes. Essa iniciativa de convivência cultural, social e educativa no parque urbano proporcionou uma vivência das práticas de atividades físicas, esportivas pelos estudantes num equipamento público de lazer, estimulando os educandos a refletirem sobre a importância de desfrutarem dos espaços públicos da cidade como seu direito ao lazer. Outra possibilidade expressa em seus relatos foi de conhecerem e praticarem outras atividades esportivas além das conhecidas e praticadas pela sua comunidade.

Palavras-Chave: Atividade Física; Filosofia; Lazer; Parques Urbanos.

Referências

- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**, Perspectiva, 1999.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- MARX, K. **Manuscritos de 1844**, Buenos Aires, Cartago, 1984.
- PROVONOST, G. **Introdução à sociologia do lazer**, São Paulo, Senac, 2011.

LINGUAGEM E PENSAMENTO NO ATO DE NADAR

Messa, Fábio De Carvalho – revistanetuno@yahoo.com.br
Universidade Federal do Paraná (Litoral)

Propõe-se pensar sobre o nadar. Pensar sobre o pensar durante o nadar. No que pensamos enquanto nadamos? É possível descrever o conteúdo do pensamento durante uma sessão de natação, durante o momento do nadar? Pensa-se em vários assuntos, temas e coisas, pensa-se em música, em redemoinhos de expectativas e preocupações. Sabe-se que o fluxo do pensamento humano não pára, nem quando se dorme, pois se sonha. Nesse procedimento de leitura dos signos que constroem o pensamento, deparamos com a forma como se codifica pelo nadador o conteúdo pensado e descrito. Lembra-se inicialmente de signos isolados, que posteriormente se inserem em enunciados narrativos, revelando, portanto, o conteúdo do pensamento durante o ato de nadar. Neste trabalho, propõe-se pensar sobre o funcionamento discursivo do pensamento do sujeito que nada, durante seu período de treino na piscina ou durante uma travessia em águas abertas. Para saber ler o conteúdo dos pensamentos dos nadadores, foi preciso embasar-se *epistemes* de diferentes saberes como a Semiótica, a Filosofia da Linguagem, a Psicologia Corporal, a Fenomenologia da Percepção e a Psicologia do Esporte, além de todos os elementos que compõem a ciência, a arte e a filosofia da natação. Por meio de questionários e entrevistas, com os sujeitos que nadam, percorremos duas academias de natação, uma em Matinhos-PR e outra em Florianópolis-SC. Nesta abordagem, coletamos muitos enunciados que mostram com clareza os tipos de pensamento que preponderam nestas mentes que nadam. Fizemos uma leitura de natureza semiótica e discursiva do conteúdo dos enunciados proferidos pelos nadadores. Foi possível constatar, também, que a natação se constitui como exercício físico individual, que propicia uma forma solitária de prazer, e que há um turbilhão de ideias que passam pela cabeça de quem passa horas nadando. E o pensar sobre o conteúdo pensado durante o nado, fez com que estes sujeitos envolvidos na pesquisa também aprimorassem suas consciências corporais. E mais, que levassem consigo a motivação para o exercício de análise e leitura de seus próprios pensamentos subaquáticos, num constante movimento de autoconhecimento. Nadar é uma forma de movimento que não somente conduz para o condicionamento físico, também promove o bem-estar psíquico. Para muitos sujeitos indagados, a água já faz parte de seus organismos e o momento de nadar é terapêutico.

Palavras-Chave: Natação; Linguagem; Pensamento; Consciência; Terapia.

Referências

- FELDENKRAIS, M. *Consciência pelo Movimento*. São Paulo: Summus, 1977.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- UMBERTO, E. *Os Limites da Interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

A INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DO SKATE NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO

Moraes, Leonardo de Souza
Dos Santos, Narciso Mauricio
UNIBR – São Vicente

Este artigo busca investigar e fundamentar a influência da prática do skate na formação do cidadão, baseado no comportamento social que é construído conforme a vivência na modalidade, entre normas, regras e ética elaboradas pelos praticantes. De acordo com a UNESCO (ONU, 2013) o esporte é uma junção de três elementos essenciais, o primeiro deles é o rendimento, onde há certa competição entre os praticantes, o segundo é a participação, ou seja, o condicionamento físico, saúde ou lazer e o terceiro, a educação, que influencia diretamente na formação social do sujeito, esta definição corrobora com os estudos de Almeida, *et al.*, (2014) e Tubino (2001). Dentre os conceitos de esporte, podemos citar os esportes radicais, que começaram a ganhar expressão no Brasil em 1980, com um grande número de seguidores e praticantes, que buscam a proposta de aventura e adrenalina (UVINHA, 2001). O esporte, seja ele profissional ou amador, pode ser um grande promotor da cidadania, sobretudo, pois oferece a noção de igualdade, e estimula características importante interligadas ao respeito, de convivência e harmonia que leva homens e mulheres a não perderem uma das mais importantes noções sociais, que é a confraternização. (UNISPORTBRASIL, 2017). O presente estudo foi produzido através de uma pesquisa quantitativa, ao qual foi aplicado um questionário de perguntas abertas e fechadas, nos principais locais de acesso ao esporte na Baixada Santista, as pistas de skate, praças e ruas. Foram elegíveis para este estudo, 81 praticantes de skate cujo os critérios de inclusão foi ter mais de 10 anos de idade, no mínimo 5 anos de prática e ser morador dos municípios de Santos ou São Vicente. Mesmo apresentando diversificações de dados e respostas, os resultados que foram classificados por categorias apresentam parciais em relação às percepções relacionadas à aprendizagem que se gera através da influência do skate. Como destaque no questionamento sobre aprendizagem adquirida com a vivência no esporte, os indivíduos apontam em seus depoimentos, o “respeito ao próximo”, e um aprendizado relacionado com a rotina diária como cidadão. Com isso, observamos que se nas pistas de Skate o respeito ao próximo em parceria com as práticas de um aprendizado relacionado com a rotina diária, faz-nos refletir que poderemos atender os princípios referenciados por Tubino (2010): inclusão, participação, co-educação e responsabilidade. Diante dos resultados analisados e com base nos autores aqui destacados, podemos pensar sobre a possibilidade do esporte skate ser introduzido como disciplina nas escolas e instituições de ensino, utilizado como ferramenta para educação e cidadania.

Palavras-Chave: Skate; Esporte; Influência; Cidadania.

Referências

ALMEIDA, A. M.; GÁSPARI, A. F. *Esportes radicais, de aventura e de ação: o conteúdo do ensino formal e não formal e os desafios de formação e prática do profissional de educação física*. Conexões, v. 12, n. 3, p. 159-168, 2014.

TUBINO, M. J. G. *Dimensões sociais do esporte*. 2. Ed. rev. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação / Manoel Tubino*. -- Maringá: Eduem, 2010.

UVINHA, R. R. *Juventude, lazer e esportes radicais*. Editora Manole Ltda, 2001.

UNISPORTBRASIL. *Dos livros ao gramado: entenda a filosofia do esporte na pratica*. blog.unisportbrasil.com.br 2017.

UMA BUSCA PELA ESTÉTICA DO DESPORTO NOS DOCUMENTOS INTERNACIONAIS NORTEADORES DO DESPORTO

Mocarzel, Rafael Carvalho da Silva - professormocarzel@gmail.com
Lacerda, Teresa
Universidade do Porto

A filosofia do desporto conglobera diversas áreas de atuação e estudo e dentre estas está a estética do desporto. Porém, observou-se que a estética do desporto pouco aparece em textos e documentos desportivos mais atuais, principalmente quando comparada à outras áreas (como história, fisiologia, biomecânica, treinamento, pedagogia, desenvolvimento motor, sociologia, anatomia, jogo, dentre outras). Assim, este estudo sendo aqui definido como de natureza qualitativa empenhou-se em analisar 30 dos mais importantes documentos norteadores do desporto tanto de forma objetiva quanto de forma subjetiva reflexiva, em tendo como foco a busca da estética do desporto. Para a seleção dos documentos norteadores do desporto, optou-se por fazer uso dos 24 documentos apresentados na clássica obra “Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte” por Tubino, Tubino e Garrido (2007) e acrescentar 6 outros documentos que se entende serem de grande relevância no universo desportivo, tendo abrangência internacional em diferentes ramos de atuação do desporto em geral (como educação, lazer, competição, promoção da saúde e qualidade de vida), formando assim, um total de 30 documentos. Junto à tal análise documental fez-se uso da análise de conteúdo. Evidenciou-se que a estética do desporto surge objetivamente de maneira explícita apenas em 3 dos 30 documentos analisados. Todavia, quando os mesmos 30 documentos foram analisados de forma subjetiva reflexiva, encontrou-se princípios e valores da estética do desporto em 25 deles. Sendo assim, fica exposto de maneira quase inequívoca a necessidade de estudos de maneira mais minuciosa e detalhista, tecendo interpretações e reflexões mais sensíveis, para quando o objetivo do estudo tocar a busca sobre a estética do desporto. Para além disso, recomendam-se aqui mais estudos sobre a temática da estética do (e no) desporto, tanto em seu âmbito teórico quanto prático. Roga-se ainda para que tais estudos futuros sejam cada vez mais produzidos no idioma português, robustecendo e enriquecendo pouco a pouco o carente acervo do referido idioma sobre tal temática.

Palavras-Chave: Estética; Desporto; Documentos do Desporto; Educação.

Referências

PERNIOLA, M. *A Estética do Século XX*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

TOWNSEND, D. *Introdução à Estética – história, correntes, teorias*. Lisboa: Edições 70, 1997.

TUBINO, M. J. G., TUBINO, F. M., & GARRIDO, F. A. C. *Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte*. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

A METAFÍSICA OLÍMPICA: UM DIÁLOGO ENTRE A NATUREZA HUMANA, A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA CULTURA E O ESPORTE

Mota, Francisco Marchiori da - franca_marchimota@hotmail.com
Ferreira, Caio Henrique Caldato
Escola Superior de Educação Física de Jundiaí - ESEF-J

O ser humano, ao longo de toda a sua história, sempre buscou compreender a essência de si mesmo, a essência do outro, o que nos torna quem nós somos, e o que torna todas as coisas o que elas são. À luz de tais questionamentos, encontramos possíveis respostas na Metafísica, que por si só nos convida a pesquisar a natureza de tudo, e em especial, a humana. E se tratando de natureza humana, o que é mais natural ao homem do que o movimento? Movimentar-se é a condição da vida, e nele se encontram explicações para compreendermos os enigmas que estão envoltos em nossa essência. Dessa forma, podemos colocar o esporte como ícone do movimentar-se, já que historicamente, as celebrações esportivas eram utilizadas como demonstração da religiosidade, bem como da excelência humana. O objetivo do presente estudo é discutir a temática Olímpica, sob a ótica da Metafísica, como produto da natureza humana, utilizando do esporte como elemento facilitador da manifestação dos valores universais. Com o auxílio da Filosofia Clássica, levantamos a hipótese de que valores universais são intrínsecos ao ser humano, reforçada pela Teoria das ideias e a Imortalidade da Alma, se consolidando através da concepção kantiana sobre Dignidade. Em contrapartida, os princípios da psicologia Histórico-Cultural, baseados no Materialismo Histórico-Dialético de Marx e Hegel são levantados, contestando a hipótese da Filosofia Clássica, atribuindo à cultura, construto social historicamente produzido pelo coletivo dos homens, um papel crucial na formação humana. Pode-se concluir, por fim, que ambas as concepções filosóficas dialogam entre si, contribuindo para uma dialética extremamente frutífera, onde a natureza humana é discutida, sempre tendo em vista que a construção cultural é um fato, e os valores que circundam a sociedade se submetem a essas duas perspectivas. O Esporte é por assim dizer, o catalizador de tais valores, e sua necessidade é evidenciada como instrumento de transformação.

Palavras-Chave: Olimpismo; Valores Universais; Intrínseco; Materialismo; Histórico-Crítico.

Referências

DA SILVA, J. A. A dignidade da pessoa humana com valor supremo da democracia. *Revista de direito administrativo*, v. 212, p. 89-94, 1998. <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rda/article/view/47169/45637>. Acesso em 18/02/2017

PLATÃO. *Fedón – A Imortalidade da Alma*. Disponível em: <https://portalconservador.com/livros/Platao-Fedon.pdf>. Acesso em 11/02/2018.

REALE, G. ANTISERI, D. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 3ª ed. São Paulo: PAULUS, 1990.

ITINERÁRIOS DO CORPO EM AUTOFORMAÇÃO: EXPRESSÃO E CRIAÇÃO DE SI

Muglia-Rodrigues, Barbara - barbaramuglia@usp.br
Faculdade de Educação/FEUSP
Saura, Soraia Chung
Escola de Educação Física e Esporte/EEFE USP

Este trabalho propõe uma investigação fenomenológica acerca da existência "corpo" em itinerário de auto-formação (FERREIRA-SANTOS e ALMEIDA, 2012) no contexto da experiência de percepção, expressão corporal e criação gestual. Essa pesquisa se realiza desde 2012 no núcleo de dança do Lab_Arte, formado, principalmente, por estudantes de pedagogia e licenciaturas da Universidade de São Paulo, todos os semestres letivos, com duração de quatro meses e frequência semanal. Entrelaçando a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty e a fenomenologia da imagem de Bachelard, a experiência busca a ampliação da percepção de si no mundo e com o mundo e das potências de auto-expressão e criação gestual ao longo do itinerário de formação pessoal em processo compartilhado. Compreendo aqui esses objetivos citados como "movimento de imagens" (BACHELARD, 1997) que reverberam e repercutem na contínua experiência vivente do "campo perceptivo", isto é, da corporeidade, do "corpo em situação", o qual ao mesmo tempo que toca e provoca, é tocado e provocado pela "carne do mundo" (MERLEAU-PONTY, 2007). Os encontros resgatam a compreensão encarnada de que eu existo porque percebo-me tanto corporalmente quanto subjetivamente; porque compreendo minha existência material em sua tensão com a imanência, com a facticidade do mundo. E é nessa tensão que há possibilidade de transcendência, percepção do sensível e sua organização em linguagem. Nos itinerários vividos, são investigados fluxos respiratórios, toques corporais e massagens, deslocamentos, velocidades e fluências de movimento, são (re)descobertos diferentes tónus musculares, culminando num movimento constante de trans-formação da imagem corporal e floração de imagens e narrativas. A cada nova forma corporal conquistada, de deformação em deformação, a pessoa percebe a si mesma em um processo de criação de formas e imagens que passam de movimentos cotidianos a gestos simbolizadores. Então, os corpos em sala se trans-formam em ondas, mar, ventania, floresta, borboletas, flores desabrochando, bichos e pássaros; ou ainda uma caverna com monstros e sombras. Como orientadora, não sugiro as imagens, elas simplesmente acontecem, são reconhecidas e expressadas pelos participantes, tanto em conversas pós-experiência, quanto em desenhos e escritos às vezes propostos como registro e reverberação do vivido. É no reverberar que acontece a interpretação do vivido não como uma dissecação das imagens, mas como movimento e decantação dos sentidos que elas produzem nas pessoas que as perceberam e as criaram. Nesse fluxo entre percepção e criação de imagens, os participantes realizam suas travessias, seus "trajetos antropológicos" (DURAND, 1989). A pessoa cria e recria seus passos e gestos, sua percepção de si com o mundo. Em processo compartilhado, cada pessoa escolhe rotas em seu itinerário de auto-formação, gesticula com o mundo e o outro. Então, a dança metaforiza e potencializa a vida.

Palavras-Chave: Corpo; Expressão; Autoformação; Fenomenologia da Imagem; Fenomenologia da Percepção.

Referências

- BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, R. *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: Képos, 2012.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

EDUCACIÓN FÍSICA COMO TECNOLOGÍA POLÍTICA DE LOS CUERPOS: GUBERNAMENTALIDAD BIOPOLÍTICA EN BRASIL Y COLÔMBIA

Muñoz, Jorge Andrés Jiménez - andresjm_61@hotmail.com
Martins, Carlos José Martins
UNESP/Rio Claro

Hoy, instituciones científicas estatales de países de América del sur como CAPES (Brasil) y COLCIENCIAS (Colombia) conciben a la Educación Física como un área perteneciente a las Ciencias de la Salud. Esta distribución nos parece significativamente problemática, en la medida en que se considera históricamente una mayoritaria inserción social de la disciplina en el campo de la Educación y el área de las Ciencias Humanas. Adoptando esta perspectiva problematizadora, buscamos interpelar las razones discursivas de esta inserción junto a las agencias de investigación de ambos países. Para el caso de Brasil, aunque en el sitio web de la CAPES encontremos la justificación de agrupación de las “áreas de conocimiento, en virtud de la afinidad de sus objetos, métodos cognitivos y recursos instrumentales reflexionando contextos sociopolíticos específicos”, y para Colombia a través de su ministerio de Ciencia y Tecnología (COLCIENCIAS) que dispone una clasificación de “grupos (de investigación) de acuerdo a las grandes áreas de conocimiento definidas por la Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económicos (en adelante, OCDE)” se trata, antes de interrogar estos argumentos de orden supuestamente epistemológicos y nada consensuales al interior de la Educación Física, y cuestionar esta inserción a partir de otra perspectiva, aquella de la gubernamentalidad según la concepción filosófica de Michel Foucault, actualizada en Peter Miller y Nikolas Rose. Entendemos gubernamentalidad como una red de cognición, cálculo, experimentación y evaluación orientada a conducir las conductas de los individuos e inventar ciudadanos que soporten una libertad controlada a través de una relativa autonomía, en vez de una imposición de restricciones. Para Miller y Rose (2012) una actividad de gobierno puede ser analizada a partir de una racionalidad política, un programa y unas tecnologías de gobierno. Desde esta perspectiva, entendemos a la Educación Física como una tecnología destinada a orientar las prácticas de gestión de los cuerpos, actuando conjuntamente con una racionalidad económica predominante. En este sentido, podemos comprender como esta estrategia de inserción se extiende más allá del campo científico con su amplia inclusión en el campo educacional, en donde maximiza su acceso a los cuerpos y las poblaciones, encontrándose investida de su papel biopolítico gubernamental. Estas preocupaciones vienen siendo colocadas recientemente en distintos países Latinoamericanos (Soto, 2016; Cesar y Duarte, 2009; Machado, 2017). En este sentido, pretendemos interrogar por la racionalidad gubernamental que estaría detrás de esta inserción de la Educación Física, proponiendo discutir nuestras hipótesis desde los siguientes niveles: a) En el campo científico, unas políticas establecidas por instituciones gubernamentales que comprenden a la Educación Física, en el caso de Colombia, influenciadas por directrices emanadas por la OCDE, que la ubican en el área de “Ciencias del Deporte” y en la gran área de “Ciencias Médicas y de la salud”; b) En la Educación Física Escolar, comprendida al interior de la discursividad de una serie de reformas gubernamentales.

Palavras-Chave: Gubernamentalidad; Biopolítica; Educación Física.

Referências

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. MICHEL FOUCAULT. *Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 231-249, 1995.

MILLER, P. ROSE, N. *Governando o presente Gerenciamento da vida econômica, social e pessoal*. Paulus: São Paulo.

MARTINS, C.J. *Michel Foucault: Filosofia como diagnóstico do presente*. In: Cadernos da FFC, v. 9, n. 1, p.149-167, 2000.

REFLEXÕES ACERCA DA ÉTICA NO DOPING ESPORTIVO

Oliveira, Jonathan Rocha de - jonathan.cwb3@gmail.com
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Considerada uma tradicional disciplina filosófica, a ética é uma das questões centrais acerca do doping no esporte (DACOSTA, 2005). Tal fenômeno é um tema polêmico nos meios acadêmicos, mídia e na opinião pública. Segundo o Comitê Olímpico Brasileiro (2009, p. 24), “caracteriza-se como doping a utilização de substâncias ou métodos capazes de aumentar artificialmente a performance de atletas, sejam eles potencialmente prejudiciais à saúde do atleta ou a de seus adversários, ou contrário ao espírito do jogo”. Cabe ressaltar que o uso destas substâncias é antigo, tanto quanto o desenvolvimento das atividades físicas organizadas (TAVARES, 2002). O autor sugere, também, que o combate ao doping é relativamente recente (1968), visto que nas primeiras edições dos Jogos Olímpicos modernos não era considerado ilegal. De acordo com Da Costa (2005), a World Anti-Doping Agency (WADA) e o Comitê Olímpico Internacional (COI) são os órgãos que fiscalizam, regulam e controlam o uso deste tipo de substância no esporte. Assim sendo, o objetivo principal deste trabalho é analisar e refletir sobre os argumentos acerca da ética que estigmatiza o doping como uma espécie de delito esportivo, sujeito a severas punições aos atletas envolvidos. Contudo, compreende-se que a eliminação do doping no esporte está tão distante quanto a descaracterização antiética a que lhe foi atribuída (DACOSTA, 2005). Para Tavares (2002), alguns dos diversos argumentos – técnicos, éticos e até políticos - que condenam o doping, alegam questões como os riscos à saúde do atleta, melhora (artificial) da performance esportiva que supostamente gera uma desigualdade das condições competitivas e, também, uma espécie de agressão ao “*Fair Play*” (jogo limpo). Analisando tais argumentos, engendra-se uma série de indagações a respeito da imoralidade do doping, como por exemplo, a legalidade e permissividade do álcool e cigarro, sendo também potenciais riscos à saúde? Será que há um interesse comercial por traz? Além disso, o próprio esporte, dependendo da modalidade, oferece riscos muitos maiores, à exemplo do boxe (TAVARES, 2002). Outro ponto importante é que o treinamento esportivo visa a melhora constante do desempenho. Partindo dessa premissa, por quê seria antiético usar um método ou uma substância que melhore o rendimento de um atleta? Quanto a suposta antiética da melhora artificial, Tavares (2002) comenta que qualquer implemento utilizado em competição como a vara do salto com vara, a bicicleta no ciclismo, entre outros inúmeros exemplos, podem ser caracterizados como não naturais, ou seja, seguindo esta lógica, é muito mais complexo praticar diversas modalidades sem estes implementos e/ou redefinir o conceito de “artificial” no esporte. Um último ponto a destacar, é que “as competições internacionais podem ser consideradas como fortemente injustas, na medida em que os países possuem condições desiguais de recursos materiais e de conhecimento (...)” (PARRY, 1997 apud TAVARES, 2002). Portanto, é necessário ampliar o debate acerca da ética esportiva do doping, pois os argumentos que sustentam sua ilegalidade, ainda, podem ser contrapostos. Não é objetivo deste estudo defender seu uso, mas sim, as reflexões deste fenômeno no esporte.

Palavras-Chave: Doping; Ética; Esporte

Referências

- COMITÉ OLÍMPICO BRASILEIRO – DEPARTAMENTO MÉDICO. *Informações sobre o uso de medicamentos no esporte*. Rio de Janeiro, COB, 2009.
- DA COSTA et al. Doping no esporte: problematização ética. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 1, p. 113-122, set./2005
- TAVARES, O. Doping: argumentos em discussão. *Movimento*, vol. 8, núm. 1, abril, 2002, pp. 41-55.

PRÁTICA VERSUS REFLEXÃO: A FILOSOFIA DAS ARTES MARCIAIS JAPONESAS

Oliveira, Marcelo Alberto de - marcelo.alberto@usp.br
Zimmermann, Ana Cristina
Escola de Educação Física e Esporte - EEFUSP

São reconhecidos os ensinamentos que as artes marciais japonesas trazem consigo, sobretudo aquelas artes consideradas *budocas* (orientadas para à formação humana). Tais ensinamentos são comumente citados como uma “filosofia” das artes marciais. Entretanto, percebemos que o treinamento, indiferente da modalidade, compartilham o ensino pelos atos e ações (articulado na repetição dos movimentos técnicos). Ao analisarmos, por exemplo, o Karate, constatamos uma procura incessante pela perfeição técnica, o que se mostra na exaltação e valorização da repetição. Por outro lado, percebemos que a reflexão não é tão enfatizada ou ainda, aspectos teóricos não recebem tanta ênfase quanto à própria prática, principalmente nos primeiros estágios de ensino. O objetivo deste trabalho é investigar essa problemática, ou seja, a relação entre o ênfase no aprimoramento técnico, fundamental para as lutas *budocas* (Judô, Karate-Dô, Aikidô), e a formação humana de seus praticantes. Para este estudo serão considerados as contribuições de Eugen Herrigel, em seu livro “A arte cavalheiresca do arqueiro zen” e Gichin Funakoshi em “Os vinte princípios fundamentais do Karate: o legado espiritual do mestre”. Sobre a valorização da repetição, segundo Herrigel (2005, p. 43), é preciso desprender-se de si mesmo, deixando para trás tudo o que se tem e o que se é, resultando na tensão sem nenhuma intenção. Para Funakoshi (2005, p. 59), ao “trilhar essa estrada infinita, torna-se melhor hoje do que ontem e então melhor amanhã do que hoje”. Percebemos que é necessário um trabalho incansável de aprimoramento técnico, que por sua vez pode sustentar a reflexão. Mesmo que o praticante não trilhe os caminhos do alto rendimento como forma de enriquecimento, as artes marciais valorizam a necessidade de buscar a perfeição a partir do treinamento árduo. É possível sugerir que a repetição, tão enfatizada nas artes marciais japonesas, faz parte da construção do saber técnico do praticante, fazendo-o apreender por meio sinestésico e conduzindo a incorporação do movimento de modo a iniciar um processo de autoconhecimento conforme o tempo de prática. Assim, quanto mais o praticante repete as técnicas oriundas da modalidade escolhida, mais incorpora, por exemplo, o *ethos* karateca. As reflexões que emergem no decorrer deste processo de treinamento, sobretudo instigadas pelo mestre, pelos colegas e pela própria análise, acabam por tornar a prática completa.

Palavras-Chave: Filosofia; Artes Marciais; Japão.

Referências

- FUNAKOSHI, G. *Os vinte princípios fundamentais do Karatê: o legado espiritual do mestre*. São Paulo: Cultrix, 2005.
- HERRIGEL, E. *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*. 26. ed. [s.l.] Pensamento Cultrix, 2005.
- UESHIBA, M. *Budo: ensinamentos do fundador do Aikido*. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

(DES)EDUCAÇÃO FÍSICA E A CONSTITUIÇÃO DE CORPOS INIBIDOS

Paiva, Rodrigo da Silva - rgo.paiva@uni9.pro.br
Universidade Nove de Julho
Junior, Adriano José Rossetto
Instituto Esporte e Educação

Existem diferentes mecanismos explícitos socialmente, ou não, que compõem narrativas de poder e superioridade de certos grupos sobre outros. Do branco sobre o negro, do europeu sobre o latino, do rico sobre o pobre, do homem sobre a mulher, entres outros. Estas narrativas, mais do que fazerem parte de mecanismos simbólicos de tentativas de demonstração de poder, compõem um conjunto de características que se enraízam e se apresentam em todas as formas de linguagem e comunicação com a cultura, inclusive o corpo. Nas aulas de educação física e esportes, nos mais distintos ambientes em que são encenados, as metodologias de ensino adotadas contribuem para uma nova forma de dominação e submissão: a do habilidoso sobre o inabilidoso. Também esta última forma de demonstração de poder e superioridade comporá os mecanismos simbólicos fundantes das percepções individuais de sucesso, competência, autoconceito e, em direção diametralmente oposta, de vergonha e inibição corporal. As atividades que priorizam a observação de outrem quando da realização de práticas corporais, como as filas, por exemplo, potencializam condições vexatórias que exacerbam os corpos hábeis e encabulam os inaptos. Com o tempo os sujeitos desenvolvem um fenômeno compreendido com incompetência aprendida, resultado da comparação observacional de seus comportamentos sociais e motores. A incompetência aprendida, como efeito colateral metodológico, distancia gradativamente milhões de praticantes de atividades físicas e esportes, especialmente no ambiente das aulas de educação física, contribuindo, sobremaneira, para o abandono das práticas, o sedentarismo e para condições de debilidade psicossocial relacionada à percepção de incompetência. Tais processos metodológicos vexatórios cicatrizam os sujeitos num processo, praticamente irreversível, de inibição corporal. Agravam-se quando acumulados com os condicionantes sociais. O corpo feminino, negro, pobre, periférico e inabilidoso é solicitado, frequentemente, no ambiente da educação física e expor-se de forma degradante às tarefas e habilidades características do esporte de rendimento, modelo predominante nos ambientes de ensino. O que se debate e se pretende neste ensaio é refletir sobre as metodologias de ensino e propõe-se que cabe ao professor, considerar a humanidade de cada sujeito no ambiente de prática, evitar práticas de exposição vexatória, promover sucesso e participar ativamente da constituição de corpos psicossocialmente desinibidos.

Palavras-Chave: Educação Física; Esporte; Inibição; Vergonha; Métodos de Ensino.

Referências

- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Editora Vozes; 2006.
- RENAUD, C.P. *A Linguagem do Silêncio*. São Paulo: Summus Editorial, 1982.
- WEINBERG, R. S.; GOULD, D. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 2. ed. Porto Alegre, Artmed, 2001.

A EXPERIÊNCIA DO CORPO ATRAVÉS DA FENOMENOLOGIA MERLEAU-PONTYANA

Pereira, Arliene Stephanie Menezes - stephanie_ce@hotmail.com
Gomes, Daniel Pinto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/PPGEF
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará IFCE

O presente trabalho apresenta as reflexões do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty sobre o corpo enquanto totalidade dialética da existência humana. O texto é um convite a refletir sobre outros modo de (re)significar o corpo. Merleau-Ponty ao tratar da metafísica da carne, nos faz refletir sobre a interconexão do corpo com o mundo. Busca uma nova forma de pensar sobre o corpo, não reconhecendo corpo e mente como causalidades dissemelhantes, assim como faz o cartesianismo. O raciocínio do filósofo evidencia aspectos indispensáveis para a consciência do que é o corpo através da fenomenologia e da retomada da experiência perceptiva, do logos estésico ou do retorno às coisas mesmas. Corpo sensível e inteligível que estampa a sensibilidade do ser vivo e vivido. Nos traz a noção de corpo-carne como compreensão do ser humano visto como totalidade e construído na experiência perceptiva do mundo. A obra "Fenomenologia da percepção" (1994), aprofunda a fenomenologia na experiência de corpo a partir da experiência vivida. Traz o ser atado ao mundo em que vive, um quiasma corpo-mundo. A obra também faz um crítica rigorosa a ciência positivista de compreensão sobre a percepção. Onde a percepção é a experiência de edificar meu corpo no mundo. Nas notas da obra "O Visível e o Invisível" (2000) reitera a noção das subjetividades ocultas, ultrapassando o posicionamento abstrato entre o ser (visível) e o nada (invisível) no âmbito da reversibilidade. Onde o visível está sempre atado ao invisível. Nos ensaios trazidos em "O Olho e o Espírito" (2004) traz o corpo como obra de arte inacabada, onde através da arte explora um terreno ambíguo entre o percebido e o percebedor. O conhecimento do visível que faz surgir através da tela de uma pintura. O que é inegável em suas obras é a contraposição de um discurso linear, bem como a aproximação entre a sensibilidade e a corporeidade, tendo a motricidade como sua principal Referências.

Palavras-Chave: Fenomenologia; Corpo; Merleau-Ponty.

Referências

- MERLEAU-PONTY, M. O olho e o espírito. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
_____. *O visível e o invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
_____. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

EPISTEMOLOGIA SUL-CORPÓREA: NOVOS APORTES EPISTÊMICOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Pereira, Arliene Stephanie Menezes - stephanie_ce@hotmail.com
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará/ IFCE; Universidade Federal
do Rio Grande do Norte/PPGEF
Gomes, Daniel Pinto - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará/IFCE;
Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará
Pessoa, Kaline Lígia Estevam de Carvalho - Instituto Federal de Educação Ciência e
Tecnologia do Ceará/IFCE; Programa de Pós-Graduação em Educação Física -Universidade
Federal do Rio Grande do Norte
Silva, Fernanda de Oliveira Prefeitura Municipal de Sousa- PB; Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais e Humanas - Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte - PPGCISH/UERN

Neste trabalho, apresentam-se algumas questões sobre o corpo, sobre outros modos de como pensá-lo no construto da ciência, além de questões centrais sobre a existência incorporada. Parte-se de reflexões sócio filosóficas e epistemológicas, a partir das autoras Petrucia Nóbrega (2016; 2010; 2008; 2006; 2005; 1999) e Marta Genú Aragão (2010; 2001), e dos autores Silvino Santin (2001; 1992), Wagner Wey Moreira (2000) e Freire (2005;2000;1996), com o objetivo de ampliar o debate sobre a Epistemologia Sul-corpórea (PEREIRA; GOMES & CARMO, 2017), que se apresenta como uma nova configuração epistêmica do corpo para a área da Educação Física. Trazendo o debate para o contexto latino-americano perturbando o lugar comum do corpo na produção do conhecimento, especificamente no domínio da área citada. Para tanto, o estudo pauta-se nos direcionamentos conceituais de “Epistemologias do sul” do autor Boaventura de Sousa Santos (2010; 2008) e na perspectiva teórica da Modernidade/Colonialidade para uma educação decolonial, com referencial teórico embasado nos autores Aníbal Quijano (2005; 2009), Catherine Walsh (2014; 2013; 2009) e Walter Mignolo (2007), com vistas a práticas pedagógicas decolonizadoras em Educação Física. Utilizando como metodologia uma revisão bibliográfica do tema proposto. As compreensões instauradas nesse texto refletem concepções sobre corporeidade a partir da área de estudo citada, percebendo-se a necessidade de avançar na decolonização do imaginário corporal, propondo debates sobre uma nova configuração crítica na epistemologia do corpo. Tecendo diálogos com outros desdobramentos das ciências e transversalizando áreas do conhecimento como a filosofia, a sociologia, a antropologia e a educação para percorrer esses caminhos significativos. Questiona-se, então, a possibilidade de diálogos entre novas experiências insurgentes de memórias corporais, as quais apontam continuidades e descontinuidades de poder nas marcas herdadas das relações coloniais. Como resultado apontam-se os desafios de (re)pensar outros horizontes do corpo por meio de uma pedagogia decolonial e que seja voltada para a sensibilidade, diversidade e complexidade humana.

Palavras-chave: Corpo. Epistemologia sul-corpórea. Pedagogia decolonial.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, M.G.S. Três décadas de movimento renovador da Educação Física: alcançamos a maioria epistemológica? *Conexões*: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 8, n. 3, p. 24-34, set./dez. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637725>> Acesso em: 20 de jul. de 2017.

ARAGÃO, M.G.S.; TORRES, A.N.; CARDOSO, CKN. *Consciência corporal*: uma concepção filosófico-pedagógica de apreensão do movimento. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, v. 22, n. 2, p. 115-131, jan. 2001. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/416/341>> Acesso em: 15 de jul. de 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: PAZ e Terra, 1996.

MIGNOLO, W. El Pensamiento Decolonial: Desprendimiento y Apertura. Un manifesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). *El Giro Decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MOREIRA, W W. *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Unimep, 2000.

NÓBREGA, T P da. *Corporeidades: Inspirações merleau-pontianas*. Natal: IFRN, 2016.

_____. *Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Livraria Editora da Física, 2010.

_____. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*, 2008, 13(2), 141-148. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/06.pdf> Acesso em: 20 de set. de 2017.

_____. Corpo e epistemologia. In: NÓBREGA, T P da. (Org.). *Epistemologia, saberes e práticas da educação física*. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, 2006.

_____. *Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito*. 2ª ed. Natal: EDUFRRN, 2005.

_____. *Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo*. 1999. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba.

PEREIRA, A S M; GOMES, D P.; CARMO, K T do.; Epistemologia sul-corpórea: por uma pedagogia decolonial em educação física. *Revista COCAR*, Belém, Edição Especial N. 4, Dossiê Epistemologias do corpo e do movimento em práticas educativas. p. 93 a 117 – Jul./Dez./2017 Jul./Dez./2017.

QUIJANO, A. *Trenta anos depois, outro reencontro* – notas para outro debate. 2009. In: DOSSIÊ - América Latina: nova fase de múltiplos embates. Disponível em: <http://www.pucsp.br/neils/downloads/pdf_19_20/10.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2017.

_____. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. LANDER, Edgardo (org). Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005.

SANTIN, Silvino. *O corpo simplesmente corpo*. Revista Movimento/ UFRGS. Porto Alegre. v. 1. n.15 p. 57- 73, 2. sem., 2001.

_____. Perspectivas na visão da corporeidade. In MOREIRA, W. W.(org). *Educação física & esportes: Perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

_____. *A filosofia à venda, a doura ignorância e a aposta de Pascal*. Revista crítica de ciências sociais. Março 2008, N. 80, p. 11-43. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/691>> Acesso em: 05 de ago. de 2017

WALSH, C. *Pedagogías decoloniales caminando y preguntando*. Notas a Paulo Freire desde Abya Yala. Revista Entramados – Educación y Sociedad, Mar del Plata, n. 1, año 1, p. 17-31, 2014.

_____. Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos. In: WALSH, C (Ed.). *Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

_____. Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e reviver. In: CANDAU, V M (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

A FILOSOFIA NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Pereira, Dimitri Wuo - dimitripereira@uni9.pro.br
Unversidade Nove de Julho

Este estudo é fruto da tese defendida no âmbito da Filosofia da Educação tendo como foco a formação do licenciado em Educação Física. O professor de Educação Física no Brasil iniciou sua trajetória enraizado nos aspectos higiênicos, militares e esportivos. A partir da década de 1980, houve um crescimento científico desta preparação de professores, alicerçada no fomento da pós-graduação da área. Hoje, é possível observar diversas tendências teóricas que fazem parte dos cursos de graduação, cada uma envolvida com um paradigma que determina seus pressupostos. À luz da hermenêutica de Gadamer, é possível identificar uma diversidade de opções teóricas que propõem fundamentar a ação pedagógica dos futuros professores, cada qual estruturada num paradigma diferente: o paradigma biológico com as teorias desenvolvimentista, a atividade física e saúde e a da cinesiologia humana; o social, o sócio-anropológico, com as vertentes críticas, pós críticas e antropológicas; o psicológico com a psicomotricidade; o filosófico com as teorias do desporto, da motricidade humana e a praxeologia motriz. Apesar das inúmeras alternativas, muitos professores sequer conhecem esses pressupostos e muito menos conseguem refletir sobre eles com vistas a uma atuação autônoma na escola. Além disso, as proposições repelem-se mutuamente, considerando seus fundamentos como essências da Educação Física e rejeitando ideias opostas e contraditórias, o que torna o professor um refém de um ideal, que muitas vezes, não se relaciona com a realidade educacional e o contexto social. O pensamento complexo de Edgar Morin, recorrendo às categorias de holograma, de recursividade e de dialogia, oferece algumas Referências que podem fundamentar de modo mais consistente essa formação em Educação Física. Sugere ele que o conhecimento deve ser composto pelo todo e pelas partes ao mesmo tempo, que os efeitos retroagem sobre as causas numa circularidade em espiral evitando a linearidade e que há necessidade de desenvolver o diálogo entre ideias contrárias para se obter compreensão. A complexidade pode ajudar na reflexão sobre a formação em Educação Física e assim contribuir para se reorganizar o conhecimento na área. Para evitar a fragmentação do conhecimento em Educação Física propõe-se que quatro pilares sustentem a formação do professor, são eles: a vida, a cultura, a humanidade e o movimento e que todos eles se articulem de forma que o conhecimento deva sempre circular por todos, a partir de temas geradores. Acredita-se que os quatro pilares são compostos pelos princípios gerais das diversas teorias e que articuladas, elas podem conferir uma formação mais integrada às necessidades do professor na atualidade.

Palavras-Chave: Educação; Formação de Professores; Educação Física; Teoria da Complexidade.

Referências

- GADAMER, H. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2ª ed. 2003.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- NEIRA, M. G. *Desvelando franksteins: interpretações dos currículos de Licenciatura em educação física*. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física*, v. 1, n.1, p. 118-140, agosto, 2009.

CULTURA E ESPORTE: TRADIÇÃO, HÁBITO E COSTUME

Pereira, Dimitri Wuo - dimitripereira@uni9.pro.br

Paiva, Rodrigo
Universidade Nove de Julho

O esporte é uma das mais difundidas tradições de práticas corporais. Desde sua gênese entre os séculos XVII e XVIII (Dunning, 2014; Elias e Dunning, 1985), até os dias atuais na sociedade pós-moderna, é possível afirmar, que do ponto de vista metodológico, o esporte permaneceu estático e conservador. No entanto, no final do século XX e início do XXI, o esporte sofreu diversas críticas. O exagero na competitividade, a vitória a qualquer custo, a busca de rendimento precocemente, a vitória apenas pelo lucro, a exposição midiática, a desconexão das práticas esportivas com a educação são objetos de julgamentos pela desproporcionalidade com que se retira do esporte valores positivos como a cooperação, a solidariedade e a superação. Verifica-se que há elementos favoráveis e desfavoráveis, demonstrando a complexidade do esporte. Defende-se, como hipótese, que o esporte como outras manifestações humanas depende das relações sociais, e que, portanto, sua valorização dependerá da análise de suas múltiplas potências. O objetivo deste trabalho é discutir como a cultura esportiva se forma e se configura na atualidade, a partir dos conceitos de tradição, hábitos e costumes para elucidar sua organização. O pensamento de Hobsbawm sobre a cultura, proporcionará os elementos necessários a esta reflexão. Para Hobsbawm (1997), a tradição se forma pela repetição quase obrigatória das situações do passado, ou pela Referências que determinadas situações do cotidiano assumem na sociedade. O esporte, nitidamente, configura-se como uma tradição, inventada na modernidade, que forja uma perpetuação de práticas, métodos, comportamentos e valores. Assim, os diferentes espaços de ensino de práticas esportivas cultuam de forma irrefletida a tradição do método esportivo. Enquanto os costumes e hábitos, para Hobsbawm (1997), são relativamente estáveis, mas suficientemente sensíveis às mudanças socioculturais de um determinado tempo histórico, ou seja, técnicas, regras, vestimentas, espaços e objetivos, são hábitos e costumes que se transformam com o tempo. Diferente das tradições, eles não se perpetuam, ou se enrijecem, pois servem aos indivíduos inseridos no caldo cultural. Desta feita, ainda que as metodologias de ensino das práticas esportivas demonstrem resistência à mudança, as flexibilizações vislumbradas em alguns espaços de ensino e o surgimento de novas e modernas práticas sugerem que o uso do termo tradicional não é adequado para resignar o esporte. Corroborando com Morin (2005), o esporte está inserido no jogo das interações entre seus elementos criadores (indivíduo – sociedade – espécie), os quais são ao mesmo tempo produtores e produtos do esporte. Portanto, acredita-se que no esporte: as regras podem se alteradas dependendo da necessidade de uma escola; as técnicas aprimoram-se para se atingir metas como medalhas ou sorrisos; vestimentas e espaços esportivos sempre estão a serviço do desempenho e do prazer; e os objetivos dos praticantes variam conforme o ser humano valora a prática, quer seja na intenção de obter resultado, saúde e diversão. Numa perspectiva tradicional o esporte petrifica-se, fossiliza-se, já numa concepção habitual ou costumeira ele se transforma. Seria conveniente refletir se o esporte chamado tradicional, pode ser reinterpretado como esporte habitual ou costumeiro.

Palavras-Chave: Complexidade; Esporte; Tradição; Modernidade.

ESCALADA: PERSPECTIVAS NA PÓS MODERNIDADE

Pereira, Dimitri Wuo - dimitripereira@uni9.pro.br
Universidade Nove de Julho
Ito, Eric
Escola de Educação Física e Esporte - EEFUSP

A escalada é um esporte que se caracteriza pela ascensão de montanhas e rochas. Historicamente, ela existe desde a modernidade, quando intrépidos aventureiros arriscavam-se nos picos mais elevados de cada continente. Estas conquistas conferiam aos realizadores glórias pela coragem e dotavam seus países de poder por fincarem suas bandeiras no cume das montanhas. Porém, na pós-modernidade, são outros os objetivos e as relações sociais valorizadas, Lipovetsky (2004) afirma que nesta era, o hedonismo, o consumismo, o individualismo, a globalização, a comunicação de massa, a tecnologia, a aglomeração urbana, estão em estado superlativo, é o exagero do indivíduo, do capital e da técnica. O objetivo deste ensaio é discutir a atual configuração da escalada e mirar as questões éticas que a envolvem. A escalada transformou-se com o tempo, ela recebeu esta denominação na década de 1980, antes era conhecida como montanhismo, isto devido ao aparecimento de paredes artificiais que imitam a natureza. A tecnologia foi grande aliada, pois permitiu aumentar os riscos com segurança e viabilizar a prática a todas as pessoas. As paredes construídas permitiram medir com facilidade os feitos dos praticantes proporcionando a comparação e facilitando a divulgação pela mídia dos corpos atléticos que antes se escondiam em inóspitos ambientes nevados, sujos e desabitados. Sua prática anterior como lazer passou a ser competitiva, sendo levada à Olimpíada de Tóquio em 2020. Hoje se penduram milhares de pessoas em escarpas rochosas nos finais de semana e uma multidão sobe o Everest gerando toneladas de lixo nestes locais. Percebe-se que o consumo de produtos ligados a esta prática diferencia o escalador da pessoa comum, proporcionando-lhe um status destacado na sociedade, do qual este pretende desfrutar. Vista por esse prisma, a escalada parece ser mais uma vil faceta de um mundo em dissolução. Por outro lado, a escalada, possui em seu código de ética os preceitos que devem nortear as ações dos escaladores, que são: dignidade e equidade humana, proteção da vida e da liberdade, solidariedade e cooperação, proteção à natureza, realização pessoal e excelência, honestidade e avaliação dos riscos (PEREIRA, 2010). Evidencia-se que há grande disparidade entre as regras estabelecidas pelas entidades que representam a escalada e as atitudes dos escaladores. Morin (2005) nos ajuda a refletir que é necessário lidar com a incerteza do mundo concebendo a organização nele. Os valores quando colocados a serviço da organização social são uma forma de conceber a democracia sem eliminar as liberdades individuais, permitindo a intervenção nas regras sempre com diálogo, ou seja, escaladores devem conhecer e participar efetivamente das discussões sobre os comportamentos e hábitos que permitirão a realização da escalada, não apenas pensando no momento em si e na fruição pessoal, mas também no impacto de cada ação e na necessidade de que as gerações futuras possam também praticar, pois é isso que produz uma cultura regenerativa de si mesma e de seus elementos constituintes. A ética na escalada foi construída como reflexão à ligação com o mundo, com o outro e consigo, sendo um instrumento de auto organização do escalador.

Palavras- Chave: Escalada; Pós-modernidade; Ética.

Referências

LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MORIN, E. *O Método 2. A vida da vida*. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PEREIRA, D. W. *Um olhar sobre a complexidade da escalada na educação física, na perspectiva de Edgar Morin*. Dissertação (Mestrado). F. 141. Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, 2010.

DAS CARREIRAS DE CANCHA RETA AO TURFE: UM PROCESSO CIVILIZADOR NO PAMPA BRASILEIRO

Pereira, Ester Liberato - ester_lp@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Montes Claros
Janice Zarpellon Mazo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Este estudo investiga as transformações sofridas pelas corridas de cavalos no estado do Rio Grande do Sul, durante o século XIX, sob o advento de um discurso de civilização avocado pela sociedade sul-rio-grandense. Em particular, dedica-se especial atenção ao crescimento da prática do turfe, enquanto um esporte moderno e domesticado, em detrimento às tradicionais práticas de carreiras de cancha reta, então vistas como uma atividade esportiva desorganizada e até mesmo primitiva. Nesta conjuntura, se identificava, por meio da imprensa escrita, uma tentativa de introdução de conceitos e padrões vigentes no centro do país, os quais passam a ser adaptados em um novo terreno, que é a sociedade sul-rio-grandense, através dos intelectuais. Parte-se da hipótese de que tal apreciação foi conduzida pelo conceito central de modernidade em um contexto de fins do século XIX. O referido conceito foi operacionalizado a partir do referencial teórico de Norbert Elias, norteando o estudo no sentido de compreender o processo de modernização constituído entre tais práticas equestres no estado, especialmente no final do século XIX. Para contemplar tal intuito, procedeu-se a análise documental de fontes históricas, basicamente jornais impressos que circulavam no período, por meio de pressupostos teórico-metodológicos dos estudos históricos e socioculturais (BURKE, 2005; ELIAS; DUNNING, 1986). A interpretação das fontes revelou que existem indicativos de uma elementar racionalização da prática do turfe desde seus primórdios no Rio Grande do Sul. Por ocasião da instituição do primeiro hipódromo no estado, as fontes evidenciam o imperativo que se experimentava em adaptar-se às exigências dos novos tempos, o que aludia à superação das antigas carreiras de cancha reta. Com o estabelecimento de “clubs de corridas”, os jornais sugerem um anseio no sentido de que os mesmos adotassem o modelo internacional. Para tanto, destacam a implementação de códigos e regras, os quais passam a ser universais no esporte moderno. Gradativamente, tais normas tornam-se aceitas em diversos ambientes. No entanto, percebe-se, por meio do termo “civilização”, empregado em reportagens dos jornais consultados, uma possível adjacência com os conceitos de Elias e Dunning (1992) acerca de sua compreensão do esporte, o qual é assinalado como fenômeno essencial do processo histórico de civilização. Além disto, a ideia de seguir códigos e contornos adotados internacionalmente pode significar um acoplamento com o ideário acerca do esporte moderno e seus princípios peculiares. Nos registros que acenam a um momento antecedente às instituições dos hipódromos no estado, são reveladas amplas perspectivas com relação ao público presente a tais festejos inaugurais, já que, a despeito de ser uma das diversões prediletas dos sul-rio-grandenses neste período, as carreiras de cancha reta ainda não eram comuns no novo formato proposto. Deste modo, tais carreiras passam a ser analisadas, nas reportagens, como pertencentes a um sistema “primitivo”, isto é, os “corredores” em vestimentas informais, com um lenço amarrado à cabeça, e em cavalos não encilhados. Percebe-se um movimento a favor de alterações nas carreiras no estado, e, ao empregar o termo “primitivo”, traz-se um vestígio de que tais mudanças abalariam um possível ‘processo civilizador’ destas disputas pampianas brasileiras.

Palavras-Chave: Processo Civilizador; Modernidade; Corridas de Cavalos; Turfe; História do Esporte.

Referências

- BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- ELIAS, N; DUNNING, E. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, N; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

ABORDAGEM RIZOMÁTICA PARA (DES)ORGANIZAR A PEDAGOGIA DAS LUTAS

Pereira, Álex Sousa - alexjhowsp@hotmail.com
Fábio Pinto Gonçalves Dos Reis
Professor do Departamento de Educação Física - UFLA

As lutas são manifestações da cultura corporal de movimento e se inserem como temáticas fundamentais para o trabalho com a Educação Física no ambiente escolar. Para isso, é preciso pensar em metodologias que intencionalmente possam transformá-las em potência educacional para crianças e jovens. Nosso objetivo é apresentar as propostas de pedagogia das lutas já elaboradas e instituídas no plano acadêmico-científico, a fim de podermos problematizá-las com base em uma proposta filosófica a partir da ‘metáfora do rizoma’ de Jacques Deleuze e Félix Guattari. Realizamos uma revisão sistemática envolvendo artigos, dissertações e teses relacionadas à pedagogia das lutas e, posteriormente, detivemo-nos ao estudo vertical do conceito de rizoma para propor outra abordagem com base nos seus pressupostos. Com base na metáfora do rizoma, uma pedagogia como árvore (arborizante) setoriza e fragmenta o aprendizado das lutas, impossibilitando aproximações entre os seus vários elementos (e princípios). Já o entrelaçamento das várias formas de luta como rizoma em situações de ensino-aprendizagem constitui trilhas táticas, técnicas, estéticas, artísticas que se misturam, multiplicam-se, conectam-se. O rizoma em sua promiscuidade estimula os encontros, as conjunções e as interações entre os elementos presentes nas lutas. Isso implica em uma interação como sistema aberto e múltiplo, que faz conexões entre as modalidades de luta e para além delas, na arte, nas mídias, no mundo. Isto é, cria-se não uma forma de interação das lutas, mas múltiplas formas. Não um caminho, mas inúmeros caminhos com pontos de entrada e trilhas a se percorrer distintamente. A perspectiva arborescente de ensino das lutas nos remete para uma “pedagogia da ordem”, que investe em hierarquias, planejamento linear e controle. A interação rizomática das lutas, por sua vez, implica em uma “pedagogia do caos”, ou seja, um processo de ensino-aprendizagem que escapa ao controle, permite linhas de fuga, rompe hierarquias e desfaz planos prévios, (des)organizando, (des)estabilizando. Descentraliza as experiências para que os sujeitos ampliem suas capacidades interpretativas, tomem consciência de suas ações corporais contextualizadas, desenvolvam autonomia e expressem sua criatividade.

Palavras-Chave: Pedagogia das Lutas; Interação das Lutas; Rizoma.

Referências

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro, v. 34, 1995.
- GALLO, S. *Deleuze & a educação*. São Paulo, Autêntica, 2003.
- MORIN, E. *A antiga e a nova transdisciplinaridade. Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

HERÓI E ANTI-HERÓI: UMA REFLEXÃO ÉTICA E ESTÉTICA DO ESPORTE

Perez, Carlos Rey - reyperez@usp.br
Escola de Educação Física e Esporte – EEFEUSP

O herói é um personagem modelo que possui os atributos morais necessários para superar os desafios, suas ações têm um caráter altruísta e virtuoso, a sua dedicação desinteressada pelo outro faz com que se sacrifique mesmo que motivado por causas não honradas. Por outro lado, o anti-herói apresenta mais atos falhos que virtuosos; na sua essência não existe maldade, porém não se preocupa com os meios para atingir um objetivo. Ao contrário dos heróis, o anti-herói usa suas virtudes heroicas para realizar façanhas egoístas, motivados por sentimentos imorais. No esporte, essas figuras coexistem e suscitam sensações e ideais morais. Os Jogos Olímpicos são e serão sustentados, por muito tempo, pela presença desses heróis, os atletas, que levam as pessoas, na figura de espectadores, praticantes e entusiastas, a se identificarem com aquele evento, e, que, representam a sociedade, de uma maneira geral, como aquele que invariavelmente supera obstáculos visivelmente intransponíveis. As ações dos atletas são reveladas através e na prática esportiva, a conscientização de que são pessoas que seguem princípios éticos e estéticos, transcendendo o atleta por um caminho de duas vias, o corpo e a alma. O objetivo deste trabalho é uma reflexão ética, vinculada a princípios que contribuam para o crescimento e a realização humana, bem como, estética sobre percepção do sensível, reverberado pelas sensações e sentimentos que emergem, através dos atos de atletas, que proporcionam um exercício único na leitura avaliadora de si mesmo e de outros. Coragem, amizade e determinação, o atleta é transfigurado em herói, porque encarna, mesmo que, por algum momento, um modo e um símbolo de superação e de triunfo sobre si mesmo e os outros. Em contraponto, alguns desses anti-heróis, mesmo que vistos como deturpadores do herói ideal, ajudaram a promover transformações sociais porque a sua popularidade esportiva deu-lhes uma posição de liderança. Conjugando a esfera moral com a estética, podemos ter, no esporte, um fenômeno que caminha para um ponto em comum entre moral e estética.

Palavras-Chave: Ética; Estética; Atleta; Jogos Olímpicos.

Referências

- GUMBRECHT, Hans Ulrich. In *Praise of Athletic Beauty*. Cambridge (MA): Harvard Press, 2006.
- MACINTYRE, Alasdair. "*After Virtue: A Study in Moral Theory*". Notre Dame, (IN): University of Notre Dame Press, 1997.
- RUBIO, K. *O Atleta e o Mito do Herói: O Imaginário Esportivo Contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

WHISTLEBLOWING Y LA LUCHA CONTRA LA CORRUPCIÓN EN EL DEPORTE

Pérez Triviño, José Luis - jose.perez@upf.edu
Universitat Pompeu Fabra
Barcelona

La amenaza de la corrupción y el dopaje planea sobre el deporte. La pátina de fenómeno social vinculado a los valores éticos del juego limpio está en crisis debido a los escándalos varios que han salpicado su reputación. A pesar de haber tomado medidas para atajar esas lacras desde hace años, en especial, en forma de códigos de buen gobierno, todavía se está lejos el conseguir dicho objetivo. Más paradójico todavía resulta que la detección –y prueba– de los casos más relevantes de corrupción y dopaje haya venido dada no por las investigaciones o los órganos de control internos, sino por la revelación de información de individuos que estaban dentro de la propia organización deportiva, aun a pesar de que corrían un riesgo que podía afectar a su integridad física o la propia vida, incluso. Esta constatación junto al hecho de que en otros ámbitos (administrativos y empresariales) se estaban tomando medidas en el mismo sentido, ha provocado que algunas organizaciones deportivas institucionalicen el papel de los delatores (whistleblowing). A pesar de que el tiempo transcurrido desde el establecimiento de esos canales no es muy largo, ya es suficiente para realizar una valoración acerca de su éxito. En lo que sigue analizaré el fenómeno del whistleblowing para a continuación exponer varios casos de corrupción en el deporte que han podido ser sancionados gracias a los delatores (whistleblowers en inglés). En tercer lugar, prestaré atención a las organizaciones deportivas que han incorporado un canal de denuncias y llevaré a cabo una valoración acerca de su correcto funcionamiento y el logro de los propósitos deseados. Por último, sugeriré algunas medidas para garantizar la eficacia de dichos canales.

Palavras-Chave: discriminación, deporte de competición; discriminación directa; discriminación indirecta; justificación.

Referências

BOUVILLE, M.: «Whistle-Blowing and Morality», en *Journal of Business Ethics*, núm. 81 (2008).

DAVIES, CH. y J-MITCHELL, J.: «Is Whistleblowing in Sport Fit for Purpose?», en *Sports Law Yearbook*, 2017

HERSH, M. A.: «Whistleblowers. Heroes or traitors? Individual and collective responsibility for ethical behaviour», en *Annual Review in Control*, núm. 26 (2002).

OS FASCÍNIOS ESPORTIVOS DE HANS ULRICH GUMBRECHT E APROXIMAÇÕES COM OS ESPORTES MILITARES

Picetskei, Caroline Costa – tencarolinecosta@hotmail.com
Hercules, Emilia Devantel
Cavicchiolli, Fernando Renato
Universidade Federal do Paraná - UFPR

A obra de Hans Ulrich Gumbrecht (2007) fala do “fascínio”, do olhar que é atraído e até paralisado pela performance atlética, que está em algo que é percebido, que é captado pelo espectador que envolve-se com as emoções suscitadas por vivências anteriores, por sua vez é na contemplação esportiva que suas compreensões e envolvimento aparentam esse fascínio, que difere na singularidade de cada um. Realizou-se um estudo bibliográfico da obra de Gumbrecht e dos pressupostos históricos dos jogos militares e utilizou-se das categorias corpo esculpido, sofrimento diante da morte, graça, instrumentos que aumentam o potencial do corpo, formas personificadas, jogos com epifania e timing apontadas pelo autor para realizar aproximações do estilo atlético do homem moderno e seu esporte junto aos princípios e envolvimento apresentados pelos jogos militares. Esporte e jogos militares são disputas nas quais os participantes travam suas guerras até o enfretamento da morte e da paz, sejam elas em campos ou quadras. É na arena esportiva que pode-se contemplar um descontrole controlado, onde o homem alivia as tensões proveniente do controle exacerbado de suas emoções, não necessitando mais do conflito e do perigo para sentir-se vivo. Segundo Elias e Dunning (1995) o esporte acaba por ser um impulso civilizador, uma forma de expandir-se dentro das possibilidades apresentadas pela expectativa social. Atletas, sejam eles no esporte civil ou militar estão sempre a perseguir um expoente de qualidade, no qual sobressair-se torna-o distinto dos demais, cria a si uma conduta única de destaque. Todo e qualquer jogo pode criar a sensação de uma batalha, assim como as batalhas podem ser a perseguição de um jogo de vitórias. Para tanto pode-se levantar alguns pressupostos em que esporte e guerra pareiam-se e identificam-se, uma vez que ambos, buscam a excelência por objetivos claros e a performance exigida para ambos extrapola a vida.

Palavras-Chave: Jogos Militares Mundiais; Fascínios; Gumbrecht.

Referências

- ELIAS, N; DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. México: Fondo de Cultura Economica, 1995.
- GUMBRECHT, H. U. *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LE BRETON, D. *A sociologia do Corpo*. 2ª Ed. Tradução Sonia M.S.Fuhrmann, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

PISCINAS PÚBLICAS E O DIREITO À CIDADE NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Silva, Daniele Ribeiro da - dane.ribeiro@usp.br
Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP

O trabalho que pretende-se apresentar no Congresso de Filosofia do Esporte é um projeto de mestrado que encontra-se em andamento e sua proposta não é somente identificar os equipamentos públicos da gestão municipal que tenham piscinas e sim, trazer à tona uma discussão sobre lazer, água e o direito à cidade. A cidade de São Paulo, desde a sua fundação, tem um íntimo relacionamento com suas águas, seus rios. Porém essa relação foi sendo extirpada conforme a cidade foi se desenvolvendo, e conseqüentemente, essa relação do cidadão com essa fonte de lazer e esporte foi se modificando. Muitas pessoas não tem conhecimento que existem equipamentos públicos com piscinas, que elas têm o direito de frequentar e ocupar esses espaços públicos de lazer. Esse direito está intimamente ligado à vida urbana e as necessidades sociais. O presente estudo objetiva mapear e comparar os CEUs (Centro Educacionais Unificados) - e Centros Esportivos em todo o território do município de São Paulo. O projeto pretende analisar 10 equipamentos públicos, sendo 5 CEUs e 5 da SEME (Secretaria de Esportes, Lazer e Recreação), onde será analisada a gestão destes equipamentos relacionados ao lazer nas piscinas, acesso e permanência da população que mora no entorno dos equipamentos, formas de divulgação das atividades pertinentes as atividades aquáticas. Também será analisada a questão do direito à cidade e as formas de permanência e acesso a esses equipamentos públicos que estão instalados nas periferias da cidade de São Paulo. A metodologia aplicada será de entrevista semi-estruturada com os gestores da SEME E do CEU e, também, aplicar entrevista para os usuários das piscinas. Os roteiros poderão sofrer alterações durante o trabalho de campo, assim, caso ocorra alguma modificação nesses instrumentos de coleta de dados, serão para priorizar a qualidade da pesquisa. Para uma melhor Identificação de atores sociais portadores de informações significativas sobre o problema investigado, os critérios de escolha para a participação dos sujeitos da pesquisa são a disponibilidade em participar do estudo, principalmente dos gestores envolvidos diretamente na gestão dos equipamentos que foram escolhidos, assim como, os frequentadores das piscinas destes equipamentos e moradores do entorno.

Os dados documentais serão coletados junto aos órgãos públicos do município de São Paulo durante o seu horário do expediente. As visitas aos equipamentos previamente selecionados neste projeto acontecerão mediante agendamento com a gestão do equipamento. As observações de campo poderão ocorrer tanto durante a semana, quando aos finais de semana. Um levantamento em sites acadêmicos como por exemplo, Scielo, USP Teses, Google Acadêmico, Capes, Revista Brasileira Esporte e Lazer, dentre outras fontes, utilizando as palavras chave: "lazer e piscina", "políticas públicas para piscinas", "piscinas públicas", "piscina e lazer" constatou-se que há carência de trabalhos relacionados a este tema. Dessa forma, este projeto torna-se pertinente para pensarmos a cidade que queremos, com lazer para todos, onde os indivíduos que nela habitam tenham realmente direito à cidade, com equipamentos públicos melhores e acesso para todos aqueles que desejarem estar num espaço desses.

Palavras-Chave: Piscinas Públicas; Lazer; Direito à Cidade.

Referências

- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007
- DEBORD, G. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- LEVÉBVRÉ, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

ALTERAÇÕES, MUTAÇÕES E RESISTÊNCIAS DO ESPORTE, COMO SERÁ O ESPORTE NO DECORRER DO SÉCULO XXI?

Rossetto Junior, Adriano José - adrianorossettojr@uol.com.br
Instituto Esporte e Educação

As pesquisas históricas do esporte demonstram que ocorreram transformações, o esporte não é constituído por uma essência fixa e imutável, atemporal, ajustando as formas de práticas esportivas conforme as emoções e desejos dos praticantes, dos espectadores, ou dos interesses econômicos, políticos e ideológicos de governantes, ditadores e militares e as intenções comerciais das mídias e empresas transnacionais, que tornaram o esporte pós-moderno. Entretanto, no esporte, ocorrem, ao mesmo tempo, “relações e interferências políticas, relações de resistências, de denúncia e até de mudança da realidade” (Murad, 2012, p.80). As diversas percepções e compreensões das ações, objetivos, normas e funções do esporte derivam da interpretação dos praticantes dentro de seus contextos socioculturais. Bourdieu (1990) ressalva que não se compreende diretamente os fenômenos esportivos em determinado tempo ou ambiente social, colocando-o em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades em que está inserido, uma vez que a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica. Atualmente, no Campo esportivo, observam-se alterações dos valores e paradoxos, pode-se verificar que o esporte representa tanto a mercadoria globalizada, como resistência e formador da identidade local. As relações econômicas, políticas e ideológicas, como criticavam Marx e Engels (1991), condicionam e influenciam, mas não determinam. Hobsbawn (2007), exemplifica ao afirmar que o futebol hoje sintetiza muito bem a dialética entre identidade nacional, globalização e xenofobia. Clubes são empreendimentos transnacionais. Mas, paradoxalmente, o que faz do futebol popular continua sendo a fidelidade local dos seus torcedores. E, ainda, o que faz dos campeonatos mundiais algo interessante é o fato de que podemos ver países em competição. Portanto, o esporte tem seus momentos históricos próprios e certa autonomia de autotransformação e constituição. Lipovetsky e Charles (2004) apontam que no início do século XXI vivemos na Hipermodernidade, que busca se reconciliar com os princípios básicos da modernidade – democracia, direitos humanos e mercado – no sentido de reintegração e reformulação nas lógicas modernas, na busca de um futuro de desenvolvimento sustentável, preocupado com as normas e realidades do presente – emprego, rentabilidade econômica, bem-estar –, mesmo com o imperativo da brevidade da economia, consumo e da mídia. Constata-se, na atualidade, discussões sobre as dimensões sociológicas do esporte e a preocupação com a criação de políticas públicas para a democratização do esporte e garantia do direito de sua prática. Discute-se e se propõe a prática esportiva com a finalidade de educação cidadã, que valoriza os princípios de igualdade de oportunidades com a inclusão; da racionalização crítica dos processos pedagógico das manifestações esportivas; da cientificidade nos processos de ensino, com a melhora da saúde e desenvolvimento dos praticantes, contrariamente à busca única do alto rendimento e do espetáculo. Assim, observa-se que o esporte também tenta se reconciliar com os princípios básicos da modernidade, estaria o esporte tornando-se hipermoderno?

Palavras-Chave: História do Esporte; Esporte Moderno; Esporte Pós-moderno; Esporte Hipermoderno.

Referências

BOURDIEU, P. *Programa para uma sociologia do esporte*. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LIPOVETSKY, G; CHARLES, S. *Os Tempos Hipermodernos*. Tradutor: Vilele Mario. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 8. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

FUTEBOL EM DESLOCAMENTO

Rosa Filho, Sílvio - Universidade Federal de São Paulo
Marcondes, Luiz Fernando Aleixo - Instituto Iberoamericano de Direito Desportivo
Biscaro, Leonardo Carvalho - Universidade de Lleida
Grillo Filho, Cláudio

Pode o futebol se tornar objeto de pensamento filosófico no Brasil? Essa prática esportiva singular não coloca em causa os próprios termos, os conceitos e as categorias com os quais estamos acostumados a produzir e a reproduzir conhecimento sobre nós mesmos e sobre os outros? Entre o palco onde se encenaria uma festividade popular e os bastidores onde se poderia desocultar a obscenidade das formas de poder, seria permitido vislumbrar a matriz simbólica para o advento de uma sociedade emancipada, menos injusta e menos desigual? – tais questões atestam, a seu modo, um assunto ambivalente, sujeito a muita disputa e, apostamos, capaz de trazer à mostra um caso oportuno para estudo e reflexão. Da expressão literária, que opunha Lima Barreto a Olavo Bilac, passando pela crônica de um Nelson Rodrigues ou de um Rubem Braga, até a sua retomada crítica por obra de um Rodrigo Damatta, para citar apenas alguns nomes exemplares, nossa pergunta se volta para aqueles valores “liberais” do esporte bretão que se deslocaram em terreno colonizado pelas forças do dinheiro, do poder e da celebridade. Se o que já foi uma das mais promissoras instituições nacionais vai se tornando uma mega-organização empresarial de tentáculos mundializados, como continuar pensando o futebol como aquele “professor de democracia e de igualdade”, que um dia Damatta nos ensinou a admirar? Certamente, no final do século passado, o futebol ainda não se limitava a promover a disciplina das massas sob a desigualdade, o adestramento dos corpos sob as práticas do autoritarismo, a domesticação das inteligências sob o prolongamento da heteronomia. Da cabeça aos pés, no entanto, para muito além de propagar mais um mito compensatório frente às mazelas locais e cosmopolitas, o elemento de imprevisibilidade que entra em cena a cada partida de futebol talvez esteja à altura da exigência que busca aproximar o estudo paciente das humanidades e o exercício disruptivo da emancipação. Se assim for, não será impossível que, entre o antigo e o novo liberalismo, algo como um resíduo crítico de outros tempos coloque em pauta itinerários formativos inteiramente distintos daqueles constantes em documentos oficiais de educação física ou metafísica.

Palavras-Chave: Futebol, Filosofia, Formação.

Referências

- BARRETO, A. H. L. *Os Bruzundangas*. São Paulo: Cambraia, 2017.
- _____. “Heróis”. In: PEDROSA, M. *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967. p. 61-62.
- CANDIDO, A. “A vida ao rés do chão”. In: *A CRÔNICA: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992. p.13-22.
- MATTA, R. “Futebol: ópio do povo x drama de justiça social”. In: *Novos Estudos CEBRAP*, 1982, 1, 4, p. 54-60.
- _____. “Antropologia do óbvio: notas sobre a significação social do futebol brasileiro”. In: *Revista USP*. São Paulo, v. 22, p.10-17, 1994.
- RODRIGUES, N. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- RONCARI, L. “Sermão, folhetim e crônica: três gêneros fora do lugar”. In: *Revista Ciência Hoje*. São Paulo, v.11, n. 65, p. 41-48, ago. 1990.
- SCHWARZ, R. “As ideias fora de lugar”. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1992; p. 13-25.

O REGIME DIURNO E O IMAGINÁRIO HEROICO DO ESPORTE EM GILBERT DURANT

Rubio, Katia
Escola de Educação Física e Esporte - EEFEUSP

Dos vários elementos que compõem o fenômeno esportivo, destacam-se a figura espetacular do atleta, protagonista do espetáculo, e a competição, momento da manifestação de sua potência física e mítica. Por fenômeno esportivo podem ser entendidas as diversas práticas corporais de movimento, reguladas por regras comuns distintas regiões do planeta, mediadas pela competição, que objetiva a excelência, que produz resultados espetaculares. Em torno de uma modalidade específica, e do esporte como um todo, desenvolveu-se um conjunto de práticas coletivas e comportamentos individuais denominado imaginário esportivo, composto pelas manifestações concretas produzidas a partir de conteúdos manifestos produzidas pelos envolvidos na produção do espetáculo esportivo, bem como pelos conteúdos latentes desencadeados a partir das representações sugeridas a partir do espetáculo em si, ou da idealização proporcionada pelas atitudes dos atletas. Durant (1994) considera que todo pensamento humano é representação, isto é, passa pelas articulações simbólicas, indicando uma continuidade no homem entre o 'imaginário' e o 'simbólico'. O imaginário é assim esse conector necessário pelo qual se constitui toda representação humana. Existência e imaginário apresentam-se para Durant (1987) enquanto forças organizativas contraditórias, porém complementares e simultaneamente concorrentes, cabendo ainda ao imaginário a função básica de garantir uma *equilíbrio antropológica*. Para permitir a categorização da análise, Durant agrupa essas estruturas em três séries de esquemas estruturais, isomorfos e entre si irredutíveis: a **heroica**, a **mística** e a **dramática**, tendo como correspondente dois regimes de imagens, o **regime diurno**, onde se estrutura a estrutura heroica, e o **regime noturno**, onde se encontram as estruturas mística e dramática. O objetivo desse trabalho é apresentar o entendimento da representação simbólica heroica do esporte contemporâneo à luz do regime diurno de imagens de Gilbert Durant.

Palavras-Chave: Imaginário; Esporte; Regime Diurno; Heroico.

Principal área filosófica: Estética

NOTAS FENOMENOLÓGICAS SOBRE O CORPO EM MOVIMENTO NO TAEKWONDO

Sobral, Jullya Bheatriz Dantas da Costa - falarcomjullya@gmail.com
Silva, Luiz Arthur Nunes da
Nobrega, Terezinha Petrucia da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

A pesquisa tem como objetivo a compreensão do corpo e do movimento humano na Arte Marcial do Taekwondo. Nossas reflexões consideram a atitude fenomenológica proposta pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty e os estudos sobre a corporeidade como perspectiva ontológica de ser e estar no mundo. Na perspectiva fenomenológica, não se trata do corpo-físico, massa imaterial ou inerte, mas o corpo vivo dotado de uma intencionalidade original (que se dirige para o mundo), isto é, de motricidade (movimento intencional do ser no mundo), a qual me permite lançar no mundo para realizar projetos existenciais. Como perspectiva para a redução fenomenológica, utilizamos um dispositivo metodológico de captura de imagens, entrevistas e gravações em vídeo de aulas de mestres de Taekwondo da cidade de Natal/RN. Na análise consideramos as noções de esquema corporal e de intercorporeidade para ampliarmos a reflexão sobre o corpo e o movimento nesta arte marcial. O esquema corporal é a maneira do corpo se exprimir no mundo, configurando uma espacialidade própria e uma expressividade relacionada ao gesto, à fala, à linguagem, à motricidade. De acordo com Merleau-Ponty, na Fenomenologia da Percepção, o corpo não está no espaço como um objeto. O corpo desenha o espaço, atribui sentidos e significados na sua relação com o mundo. Já a intercorporeidade diz respeito às relações com o corpo próprio e o corpo do outro, configurando relações subjetivas e intersubjetivas. Por meio da reflexão sobre o material fílmico e entrevistas podemos confirmar teses fenomenológicas que afirmam que o corpo e o mundo se entrelaçam no quiasma da existência. Na Intercorporeidade os sentidos e significados da história individual e coletiva se adensam, se prolongam em horizontes de conhecimento, práticas, estilos de ser e de existir. Consideramos essa noção fenomenológica da experiência vivida para tratar das relações entre mestre e discípulo nas Artes Marciais como expressão de uma educação sensível pautada na corporeidade, relacionando-se ainda a aprendizagem da cultura de movimento. A engrenagem das relações entre o mestre e seu discípulo, em um processo ao mesmo tempo subjetivo e intersubjetivo, configura nossa percepção do que seja uma educação sensível, ancorada na corporeidade e na sensibilidade dos sujeitos.

Palavras-Chave: Corpo; Taekwondo; Educação.

Referências

- MERLEAU-PONTY, M. *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
_____. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
NOBREGA, T. P. *Corporeidades: inspirações merleauPontianas*. Natal: IFRN, 2016.

RELAÇÕES DE GÊNERO: CONSTRUINDO NOVOS HÁBITOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Souza, Bárbara Davalos de - davalos.b11@gmail.com
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
Marcondes, Ianamary Monteiro
Instituto Federal do Mato Grosso do Sul

Nesse momento em nosso país há um forte movimento onde educadores entendem que a escola deve promover a inclusão, e que a mesma busque incorporar fatores como educação e humanização, no sentido de não primar apenas às questões ditas como biológicas. Que tenha o entendimento e a ação de formar cidadãos que intervenham em prol da igualdade em nossa sociedade. Que contribuam a dar voz a democracia, a minoria, como os rejeitados por questões de gênero e sexualidade. A Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (BRASIL 1996) abre possibilidades para construirmos uma escola que se compromete com a cidadania e com a rejeição à exclusão, que procura revitalizar o pensamento pedagógico. E incorporando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), que dão suporte ao debate e ao desenvolvimento dos projetos que contribuam na educação. Com a LDB, os PCN dando importantes passos em direção a relevante necessidade de termos uma educação básica que integre como eixo primordial o fundamento da inclusão, a exclusão das minorias se torna motivo para árduos debates, indicando para uma proposta de ensino-aprendizagem que procure a cooperação e igualdade de direitos. Para tal, a sugestão é um conjunto de temas que destacam a transversalização interposto ao entendimento e interação dos diferentes componentes curriculares, entre eles a orientação sexual, saúde e pluralidade cultural, incluindo assim as questões de gênero na cultura brasileira. Mello (1986) nos diz sobre cultura ser “um conjunto de crença, arte, costumes e hábitos adquiridos pelo homem em uma sociedade”, entendendo que essa dificuldade em falar sobre as relações de gênero dentro do contexto escolar faz parte de uma construção cultural abarcada de práticas que não contemplava a diversidade. Para que essas ideias e valores se transformem em ações reais na educação básica, não podemos deixar apenas que fiquem no papel, por mais que sejam leis e direcionamentos, é indispensável compreender que o pensamento precisa estar atrelado a prática educacional, entendendo ainda que a escola é um espaço onde diversidade e integração são peças-chaves no processo de construção de novos hábitos.

Palavras-Chave: Gênero; Cultura; Educação Básica.

Referências

BRASIL. Deliberação 10/79 do CND. *Baixa instruções às entidades esportivas do país, para prática de desportos para as mulheres*. Diário Oficial, Brasília, 31 dez. 1979. Seção 1, p. 20.220.

_____. Lei 9.394/96 de 20 de dez. 1996. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997

MELLO, L. G. *Antropologia Cultural*. Petrópolis: Vozes, 1986.

SE-MOVIMENTAR: APROXIMAÇÕES ENTRE ESPINOSA, MERLEAU-PONTY E EPICURO EM UMA PERSPECTIVA COMPLEXA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Souza, Maurício Teodoro de - mauricio.teodoro@terra.com.br
Universidade Cidade de São Paulo

Nosso objetivo foi refletir sobre o Se-movimentar na Educação Física escolar compreendido como uma manifestação do fenômeno da Cultura de Movimento e, para isso, aproximar indícios conceituais entre a obra de Espinosa e Merleau-Ponty à luz de uma perspectiva complexa, baseada na experiência de três professores pesquisadores de educação física escolar. Assumimos a perspectiva complexa se coadunando à construção conjunta do processo epistemológico transcendendo tempo e espaço, a qual foi exercida realizando recuo epistemológico para identificar olhares comuns a Espinosa e Merleau-Ponty, e a partir da filosofia de Epicuro, tomando por base a obra de Chauí (2011). Contribuiremos para a valorização da identidade humana à medida que a especificidade da dinâmica de elaboração de saberes nas aulas de educação física estiver ligada à totalidade da vida como via de acesso à reflexão sobre as grandes e absolutas verdades, pois se assim não forem de nada contribuirão para a verdadeira felicidade humana (EPICURO, 2016). Contudo, o pensamento pedagógico contemporâneo está ancorado predominantemente em pressupostos dualistas. Como limite, o dualismo associa a aprendizagem somente ao que se passa na mente. Em consequência, a educação atém-se ao controle e à normalização de corpos obedientes, disciplinados, saudáveis e produtivos (BECKETT & MORRIS, 2001; OVENS & POWELL, 2011). Para Espinosa (2016), os pensamentos são subjacentes aos sentimentos e emoções e, por isso, o desejo é central à teoria dos afetos, que distingue a paixão exterior e a ação interior ao ser. Assim, quaisquer condutas judicativas não podem limitar-se à pretensa racionalidade humana, e nossos modos de comunicação (CHAUÍ, 2011). De acordo com Deleuze (1970), Espinosa desafiou o dualismo cartesiano, ao argumentar que corpo e mente são uma substância contínua. Merleau-Ponty (2005, p.53) afirmou: “refletir é o desembaraçar das coisas, das percepções, do mundo e da percepção do mundo, submetendo-os a uma variação sistemática, núcleos inteligíveis que lhe resistem, caminhando de um a outro de tal maneira que a experiência não desminta, mas nos dê apenas seus contornos universais”. Nesse sentido, encontramos certa correspondência epistemológica em Epicuro (2016) quando postulou que é necessário compreender o significado inerente a cada significante; definir um critério que se refira à questão objeto de investigação a qual possui Referências com as sensações; interpretar não somente o presumível, mas, também o incerto; perceber que o universo é constituído por corpos compostos e simples e a relação entre corpo e alma. Não obstante, Federici et al. (2014) explicam que o afeto está na ação de um corpo sobre outro e que essas ações podem ampliar as potencialidades humanas. Então, o reconhecimento da complexidade nos modos criativos de interagir implica na abertura dos processos de ensino e de aprendizagem à emergência de possibilidades na intervenção de professores(as) para expandir espaço e experiências do que é pedagogicamente possível (SUMARA & DAVIS, 1997). Consideramos que as reflexões dos(as) professores(as) sobre a complexidade de suas práticas são permeadas por intencionalidades e emoções que, segundo Kortaghen (2017), podem explicitar “verdades inconvenientes” que, por sua vez, podem ser vitais para potencializar o percurso da aprendizagem dos(as) alunos(as).

Palavras-Chave: Educação Física escolar; Se-movimentar; Educação Física.

Referências

BECKETT, D.; MORRIS, G. Ontological performance: bodies, identities and learning. *Studies in the Education of Adults*, 33 (1) 35-48, 2001.

CHAUÍ, M. *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, G. *Spinoza: practical philosophy* (R. Hurley, Trans.). San Francisco: City Lights Books, 1988.

- EPICURO. *Obras completas*. 11.ed. Trad. José Vara. Madrid: Ediciones Cátedra, 2016.
- FEDERICI, C. A. G.; GUZZO, M. S. L.; ROBLE, O. J.; TERRA, V. D. S. Espinosa, alegria e conhecimento em educação física. *Pensar a Prática*, 17 (1) 26-38, 2014.
- KORTHAGEN, F. Inconvenient truths about teacher learning: towards professional development 3.0. *Teachers and Teaching: Theory and Practice*, 23 (4) 387-405, 2017.
- MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. (Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira). São Paulo: Perspectiva, 2005.
- OVENS, A.; POWELL, D. (2011). Minding the body in physical education. In: BROWN, S. (Ed.). *Issues and controversies in physical education: policy, power and pedagogy*. Auckland: Pearson, 2011.
- SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SUMARA, D. J.; DAVIS, B. Enlarging the space of the possible: complexity, complicity and action-research practices. In: CARSO, T.; SUMARA, D. (Eds.). *Action-research as living practice*. New York: Peter Lang, 1997.

DIÁLOGOS ENTRE A LUDICIDADE E A ESTÉTICA: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS NO CAMPO DAS EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Souza Junior, Antonio Fernandes de - antonio.fernandes.jr@hotmail.com
Secretaria Municipal de Educação Básica da Prefeitura Municipal - Ceará-Mirim-RN

A ludicidade é uma palavra constantemente acionada nos discursos das pessoas em diferentes contextos sociais, ganhando uma pluralidade de significados. Essa polissemia tem caminhado para um descompromisso com as consequências pedagógicas no campo da atuação profissional da Educação Física Escolar. Ao identificarmos essa problemática, encontramos nos estudos da estética possibilidades de diálogos. É por meio desse diálogo, que pretendemos nesse texto problematizar as implicações no ensino com relação à compreensão elegida para sustentar a ludicidade nas aulas de Educação Física Escolar. Com a modernidade, diferentes autores têm criticado no campo filosófico a constatação do império da razão nas ciências e na arte, que continua enraizado no pensamento da sociedade contemporânea. A estética passa por essa transição, buscando aproximações com a cultura e a subjetividade para compreender o belo. É na experiência estética, que se firma um conceito que busca aproximar a subjetividade no campo das relações do sujeito com o mundo, tensionando a racionalidade como verdade única sobre o belo. Porém, ao longo do tempo histórico, diferentes concepções foram debatidas sobre a experiência estética. É no reconhecimento da subjetividade na experiência estética, que encontramos a sustentação para falarmos de um impulso lúdico, que parte da interioridade do sujeito. É partindo da interioridade do sujeito que podemos pensar na singularidade de uma experiência lúdica, o que inviabiliza atribuímos a ludicidade a coisa em si, ou seja, aos objetos exteriores ao sujeito. A ludicidade revela-se na experiência da relação pessoal com o mundo, do contrário, ao desconsideramos essa relação, o ensino da Educação Física Escolar, tendo a ludicidade como possibilidade pedagógica, tende a desconsiderar a cultura vivida por cada aluno e aluna, elaborando uma lista *a priori* de atividades consideradas lúdicas. Dessa forma, é duvidosa a afirmação da existência de “atividades lúdicas” (no plural), pois, esse discurso anuncia uma ideia de listagem de atividades. Assim, defendemos que os estudos da estética, que colocam a subjetividade do sujeito e sua relação com o mundo como elementos da experiência estética, podem contribuir em nossa compreensão sobre a experiência lúdica, enquanto uma atividade pessoal, contextualizada, *a posteriori*, ou seja, que parte da interioridade de nossos alunos e alunas no encontro com as propostas de nossas aulas de Educação Física Escolar.

Palavras-Chave: Brincadeira; Cultura; Jogo; Lúdico; Subjetividade.

Referências

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

HUIZINGA, J. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SCHILLER, F. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. 3. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.

¿QUÉ ES EL DEPORTE? UN ABORDAJE FILOSÓFICO

Turiace, Belén Dolores - belen.turiace@gmail.com
Facultad de Ciencias Sociales, Universidad Nacional de Lomas de Zamora

El deporte y la filosofía poseen un origen común: la Grecia Clásica. Platón ya lo había dicho en *República*: el cultivo tanto del cuerpo como del alma son esenciales para una buena educación. Sin embargo, a partir de aquel momento de conjunción inicial, podría afirmarse que ambas disciplinas emprendieron caminos diferentes, diversos uno del otro. ¿Podemos encontrar puntos de contacto que las vuelvan a vincular? ¿Qué es la filosofía? ¿Qué es el deporte? La pregunta ontológica nos devuelve a lo esencial de las cuestiones humanas, en un momento histórico en el que los avances del conocimiento y las ciencias se ramifican y especifican cada vez más. En el presente trabajo se intentará esbozar una respuesta a estos cuestionamientos, generando en la reflexión una trama que nos ayude a pensar el fenómeno humano como pulsión que se expresa en la filosofía y en el deporte. Como horizonte, planteamos la hipótesis de que ambas disciplinas no se diferencian tanto como parecería a primera vista, sino que se encuentran solapadas, superpuestas, en la medida en que ambas representan una elección de vida particular. Para articular estos conceptos, se presentará el pensamiento de Pierre Hadot y su erudita comprensión de la filosofía más primaria, aquella que tuvo lugar hace más de 2000 años en Grecia. Hadot considera que lejos de tratarse de una actividad estrictamente teórica limitada a la producción de textos y reflexiones, la filosofía era ante todo un modo de vida que emanaba de una elección vital, conllevando “una conversión de todo el ser”. De esta manera, el discurso filosófico es una consecuencia de dicha elección, y su función es acompañar ese estilo de vida. Si entendemos a la filosofía de este modo, el deporte como actividad que implica un conjunto de valores, prácticas, cuidado de sí, una comunidad particular, entre otras características, puede comprenderse también como una posición filosófica existencial. En la segunda parte del trabajo, se buscará dotar de un discurso filosófico al deporte en tanto tal, comprendiendo que se trata de un modo de vida filosófico particular. Para esto, desarrollaremos la posición de Roland Barthes que describe al deporte como un medio de expresión sublimado de las pasiones humanas más primarias. Para este autor, existen una serie de valores que defendemos en tanto humanidad y cuya defensa nos diferencia como especie. Estos valores incluyen la Belleza, la Ciencia, la Valentía, la Perfección, entre otros, y es en nuestro afán de alcanzarlos como a una utopía que el deporte tiene lugar. De este modo, trenzando ambos autores, se procurará presentar una definición de deporte como un fenómeno filosófico que abarca aspectos de la existencia tanto teóricos como prácticos. Nos serviremos también de la Carta Olímpica publicada por el Comité Olímpico Internacional (COI), en donde se encuentran expresados algunos de los valores mencionados, y donde se caracteriza al deporte como un modo de vida integral que busca armonizar el cuerpo, la voluntad y el espíritu.

Palavras-Chave: Valores; Modo de Vida; Pierre Hadot; Roland Barthes; Deporte.

Referências

BARTHES, R. *Del deporte y los hombres*. Barcelona: Paidós, 2008.

CURRENT OLYMPIC CHARTER, in force as from 15 September 2017.

https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/General/EN-Olympic-Charter.pdf#_ga=2.35487713.19768151.1516739533-1003171325.1516739533

HADOT, P. *¿Qué es la filosofía antigua?* México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

MITOS DIRETORES NO ESPORTE OLÍMPICO

Veloso, Rafael Campos - rafael_veloso@usp.br
Escola de Educação Física e Esporte - EEFEE USP

Os Jogos Olímpicos e o *olimpismo* enquanto objeto de pesquisa e análise, congregam os esforços dos mais diversos campos de produção do conhecimento acadêmico. O objetivo deste estudo é apresentar o potencial contributo para os Estudos Olímpicos, dos conceitos e métodos da mitocrítica e mitanálise, pertencentes ao campo do estudo do imaginário, e propostos por Gilbert Durand na metade do século XX. A mitocrítica e a mitanálise, entendidos como “métodos do imaginário” por Danielle P. R. Pitta, direcionam desde o esforço hermenêutico de elementos simbólicos particulares em suas dimensões de representações, funções e simbolismos, até a análise actancial de uma dada dinâmica social. O processo metodológico da mitocrítica ilumina mitos diretores em ação no inventário cultural (obras, textos, expressões artísticas, etc.), a partir das recorrências e redundâncias dos mitemas presentes nestas produções. Já a mitanálise, preconiza a ampliação do esforço hermenêutico para um contexto sociocultural definido, ora pelo deslizamento natural da mitocrítica e seus resultados, ora via abordagem filosófica. Os Jogos Olímpicos, entendidos na dimensão de fenômeno sociocultural, pedagógico, e no espectro da Cultura Corporal de Movimento, pertencem ao inventário cultural passível da ação mitocrítica e mitanalítica. A apresentação deste estudo pretende seguir inicialmente pela explanação destes conceitos metodológicos oriundos das teorias do imaginário simbólico de G. Durand para, em sequência, relatar sua influência nas linhas e temas de pesquisa do Grupo de Estudos Olímpicos (GEO), pertencente ao Centro de Estudos Socioculturais do Movimento do Corpo Humano (CESC) da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP). Esta abordagem metodológica nos tem conduzido à revelação dos mitos diretores em movimento no universo olímpico. O registro mais recente desta linha de estudo compõe o livro “*Esporte e Mito*” (2017), com capítulos escritos por pesquisadores do GEO e parceiros, e conta com a organização da Prof^a Dr^a Katia Rubio.

Palavras-Chave: Jogos Olímpicos; Mito; Imaginário.

Referências

- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1995.
- _____. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 29 a ed, 2012.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PITTA, D. P. R. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro, 2005. - (Coleção Filosofia)
- RUBIO, K. *O atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- WUNENBURGER, J. J. *O imaginário*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ERGA-SE! UMA EXPERIÊNCIA EMOCIONAL DE TREINOS COLETIVOS EM PRAÇAS PÚBLICAS

Vendrametto, Ligia Helena - ligiavendrametto@gmail.com,
Lopes, Marina França

A proposta desta investigação surge a partir da realização de atividades físicas voltadas a um grupo de mulheres na faixa etária entre 17 a 65 anos. De acordo com sondagem inicial, observou-se que este público apresenta dificuldades, diante de suas intensas agendas cotidianas, de encontrar um período semanal para a prática de atividades físicas regulares. As participantes revelaram também algum grau de impedimento de manterem-se motivadas para a prática contínua. Estas dificuldades apresentadas neste grupo específico corroboram com dados mais gerais sobre a saúde das mulheres derivados das desigualdades de gênero. (Vilella, Monteiro, Vargas, 2009) Como estratégia para suplantar tais obstáculos e implementar um engajamento em práticas regulares, foram organizados treinos coletivos compostos apenas por mulheres, realizados em praças públicas. Isto considerando o fato de que coletivos unívocos nos quais apenas mulheres estejam envolvidas facilitam o diálogo, a integração e o estreitamento de vínculos. As praças públicas foram selecionadas por serem ambientes agradáveis com elementos de natureza, circulação de pessoas, proporcionando assim maior espaço de interação e prazer. As atividades caracterizam-se por séries de exercícios físicos variados, tais como aeróbios, resistidos, livres, funcionais, posturais, de equilíbrio e flexibilidade, buscando benefícios para a saúde geral. Precedeu as atividades uma avaliação preliminar, traçando um perfil dos participantes quanto a saúde geral, restrições, limitações e expectativas. A avaliação física ocorreu de forma empírica, trazendo dados importantes para a prescrição dos exercícios. Essas avaliações em conjunto permitiram conduzir um “estilo” de treino que atendesse às necessidades do grupo para a sua permanência: com ênfase na socialização, no entretenimento, na valorização positiva da execução correta dos exercícios, nos diálogos e no estreitamento de vínculo entre as participantes. A partir de uma abordagem inspirada na fenomenologia da imagem (Saura, Meirelles 2015), surgem recorrências significativas. Uma delas é que as alunas do grupo apresentavam questões em relação ao padrão/alinhamento postural, com maior ou menor incidência do tronco curvado para frente (padrão cifótico). Isto, entre outros prejuízos fisiológicos, acaba por projetar a cabeça para baixo, os ombros para frente, fechando o peito e levando à respiração encurtada. Dessa forma, as aulas passaram a ter um enfoque especial em relação a consciência e melhora da postura física, nas estruturas físicas para se erguer, ficar em pé, mudando o ângulo de visão ao elevar a cabeça, respirando de forma mais ampla e profunda. A resposta desse trabalho não demorou a surgir, por meio de feedbacks verbais, emocionais, físicos e sociais trazidos pelas participantes. Notou-se concomitantemente à melhora fisiológica, uma apropriação de si mesmas, de suas vidas, uma espécie de auto confiança e auto imagem positiva. Como se ao erguer-se, ao deixar de olhar para o chão passando a olhar o horizonte, elas encarnassem o risco de afirmar sua dignidade, de ampliar sua potência, passando de uma posição complacente a uma posição ativa. Deste modo, o trabalho pretende aprofundar-se nestes temas recorrentes dos treinos: o coletivo, os espaços públicos e o gesto simbólico do erguer-se para as mulheres.

Palavras-Chave: Treinos Coletivos; Espaço Público; Saúde das Mulheres; Fenomenologia; Imagem Corporal.

Referências

- HYLAND, D. A. Athletes play to play. *Journal of the Philosophy of Sport*. vol. 42, iss. 1, 2015.
- SAURA, S.C.; MEIRELLES, R. Brincantes e goleiros, considerações sobre o brincar e o jogo a partir da fenomenologia da imagem. In: CORREIA, W.R.; RODRIGUES, B.M. (orgs) *Educação Física no Ensino Fundamental: da inspiração à ação*. Editora Fontoura, Varzea Paulista / SP. 2015. P. 35-60.
- SINCLAIR A. MACRAE: Competition, cooperation, and an adversarial model of sport, *Journal of the Philosophy of Sport*, 2017.

VILLELA, Wilza; MONTEIRO, Simone; VARGAS, Eliane. A incorporação de novos temas e saberes nos estudos em saúde coletiva: o caso do uso da categoria gênero. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 14, n. 4, p. 997-1006, Aug. 2009.

CONVERSAS SOBRE MORTE E DANÇA: OS FIOS TRAMADOS POR THANATOS E TERPSÍCORE

Viana, Ana Cláudia Albano - anaclaudia.viana25@gmail.com
Nóbrega, Terezinha Petrucia da - pnobrega68@gmail.com
Departamento de Educação Física – UFRN

Este ensaio tem como objeto a relação entre dança e morte, refletida a partir de obras coreográficas nas quais compreendemos que a dança expressa a condição existencial da morte em sua inexorabilidade, tragédia e poesia. Busca-se tecer uma rede de significações acerca desta relação, dialogando com a arte coreográfica e a filosofia. Como partimos da perspectiva das experiências vividas para a construção desse ensaio, escolhemos como caminho metodológico a Fenomenologia de Merleau-Ponty (1945/1999). As obras coreográficas com as quais dialogamos, foram suspendidas do contexto de criação e visibilidade da dança, sob a perspectiva do nosso olhar, por compreendemos suas significações tanto para este ensaio, quanto para a produção do pensamento e do arcabouço artístico da dança. Referidas construções cênicas e coreográficas, bem como as configurações estéticas que permeiam nosso texto refletem historicamente uma relação entre a dança e a morte que independente de uma obediência ou não a um código técnico e artístico estabelecido. As obras coreográficas sobre as quais refletimos foram: *La Sylphide*, de Filippo Taglioni; *Giselle*, de Marius Petipa; *A Morte do Cisne*, de Mikhail Fokine; *Chamado da Morte*, de Mary Wigman; e *Orpheus und Eurydike*, por Pina Bausch. A morte já nasce conosco, aliás, talvez seja melhor dizer, que nós é que nascemos com ela. Não sei se faz diferença. Para Montaigne, em *Ensaio* (1595/1975) é indiferente: “Quantas maneiras diversas tem a morte de nos surpreender?”. Nosso pensar sobre a morte a vê enquanto meta da existência, como condição existencial e inexorável. Vivemos uma condição de nos sentirmos mortais e imortais, desde tempos pré-históricos ou arcaicos. Nesse pensamento, percebe-se fortemente a relação da morte e da vida com a temporalidade. O mesmo ocorre na dança, posto que esta é uma arte do tempo, um tempo criado no qual podemos transformar o corpo, o espaço, a vida e a morte. Ao dançar, podemos afirmar que a pessoa se fecha de alguma maneira em uma duração feita de uma energia atual que só existe no instante da própria duração. Podemos dizer que no estado dançante também experienciamos sensações de vida e morte tais como elencados neste ensaio em obras coreográficas que transmutam o corpo de seus bailarinos, nosso olhar, nossa leitura desse tema. Os fios que constituíram a tessitura feita por Terpsícore e Thanatos, neste ensaio, mostram-nos uma diversidade de gestos e pensares que nos fazem refletir sobre a extensa capacidade simbólica e criativa humana, que produz e se alimenta de imagens díspares e, por vezes, dissonantes acerca de um mesmo motivo: a morte e os registros vivenciais de nossas experiências com ela, numa linha poética do tempo que se dá a ver em processo de coexistência, em círculos de vozes e gestos renovados, continuamente...

Palavras-Chave: Relação entre Dança e Morte; Arte Coreográfica e Filosofia; Expressão e Existência.

Referências

- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NIETZSCHE, F. *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- VALÉRY, P. *Philosophie de la Danse*. Paris: Allia, 2015.

RELAÇÃO ENTRE TÉCNICA E CRIAÇÃO NO ENSINO DE LUTAS

Vieira, Rubens Antonio Gurgel - rubensgurgel@hotmail.com.br
Faculdade de Educação Física de Sorocaba

A tradição filosófica ocidental possui raiz platônica, pavimentando este campo de saber como prática da reflexão e priorizando a identidade do pensamento em detrimento das relações múltiplas que valorizam a diferença. Assim, longe de se limitar ao campo filosófico, o pensamento como ato de reconhecimento de essência atravessou muitos outros campos dos saberes, subjetivando a partir de enunciados alinhados à identidade. O pensamento cartesiano continuou o trabalho de Platão e, a partir do advento e consequente supremacia científica moderna, levou esta forma de pensar ao senso comum, ao cotidiano da vida, à microfísica política e, ponto nevrálgico da Educação Física, à concepção de aprendizagem e as formas de ensino. Assim, aprender no senso comum ocidental é reconhecer, é compreender o já pensado, é apreender o que já existe. No campo das artes marciais, a tradição oriental predominante reforça o pensamento da recongnição ao possuir como metodologia a automatização dos movimentos corporais mediante sistemas pensados de antemão. Assim, a partir do conceito de aprendizagem inventiva, que renega ambas as tradições de metodologia de ensino, este texto visa discutir possibilidades no trato com o ensino de lutas em um pensamento que privilegia a construção de mundo a partir da relação entre os termos, entendendo o mundo como uma interação construtiva ao invés de essências pré-existentes aos entes. Como resultado, acredita-se no enriquecimento das metodologias das lutas se compreendermos como uma tensão entre técnicas e processos criativos, onde cada resposta deve ser devidamente criada, mesmo que em meio a automatismos técnicos.

Palavras-Chave: Técnica; Criação; Lutas.

Referências

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GALLO, Silvio. *Múltiplas dimensões da aprendizagem*. Congresso de Educação Básica, 2012.

KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo nos estudos da cognição*. São Paulo: Papirus, 1999.